

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363
TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155

REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA

NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA

Adiamento da admissão da Inglaterra na C. E. E.

— prevê
a Imprensa
britânica

COMENTÁRIO
INTERNACIONAL
de CARLOS FERRÃO

OS AMERICANOS E OS ALIADOS

O Governo dos Estados Unidos mais de uma vez afirmou que não está na disposição de concluir um tratado para evitar a disseminação das armas nucleares com a União Soviética, desde que o respectivo projecto não consiga a aprovação prévia dos seus aliados da N. A. T. O. Por isso se têm realizado reuniões do Conselho do Atlântico (com a assistência do representante da França) nas quais o problema tem sido objecto de ampla discussão. O representante americano nesse Conselho, Harlan Cleveland, não se tem poupado a esforços para conseguir a aprovação dos seus colegas, sem ver coroados de êxito os seus esforços. Entretanto, com a próxima reunião da Comissão dos Dezito, a urgência de chegar a uma conclusão tornou-se elemento fundamental dos debates e consultas entre os diversos Governos. Os aliados dos americanos na N. A. T. O. não ocultam o receio de serem obrigados a tomar precipitadamente resoluções susceptíveis de afetar o seu futuro. Uma vez posta a sua assinatura no tratado, negociado pelos Estados Unidos e pela União Soviética com o concurso da Grã-Bretanha, criar-se-á uma situação irreversível, da qual só se libertariam pela denúncia do que vão subscrever.

Por outro lado, a questão da utilização da energia atómica para fins pacíficos está estreitamente relacionada com a limitação do número de países possuidores de armas nucleares, sendo quase impossível separar os dois aspectos do problema universal do átomo. Este tornou-se motivo de preocupação para todos os povos desde que se conheceram as suas primeiras manifestações em Hiroshima. Procura-se, desde então, estabelecer a regra jurídica para limitar os perigos que a Humanidade corre, mas esse objectivo não se conseguirá sem criar divergências e desigualdades, contra as quais se levantam protestos compreensíveis.

De Gaulle responsabiliza os Estados Unidos pela guerra do Vietnam

PARIS, Fevereiro — As razões do rompimento entre Paris e Washington são numerosas e conhecidas. Entre elas avulta a guerra do Vietnam. Neste ponto o general de Gaulle ergue-se, implacável, contra a política dos Estados Unidos. Não se trata, apenas, de simples divergências de opinião ou críticas e polémicas. O que

Foi pedido na O. N. U. um estudo abrangendo territórios portugueses

NOVA YORK, 16 — (R.). — A União Soviética juntou-se à Tanzânia e à Síria ao pedir um estudo da O. N. U. sobre as actividades de interesses económicos estrangeiros no Sul da África.

O delegado soviético, Pavel Shakhov, declarou ontem, na comissão especial sobre o colonialismo, que o estudo devia abranger a Rodésia, o Sudoeste Africano e territórios portugueses.

M. A. Foum, da Tanzânia, e Rafic Jouejati, da Síria, também pediram que uma investigação especial fosse realizada acerca de bases militares em territórios dependentes. Nenhum território podia usufruir de verdadeira independência enquanto tais bases existissem — afirmou o delegado sírio.

**VISADO
PELA CENSURA**



A marani de Jaipur discursando durante a campanha eleitoral indiana. A marani dirige o Partido Swatantra (Partido da Liberdade)

A China é acusada pela «Pravda» de preparar na U. R. S. S. uma revolução favorável a Mao

MOSCOVO, 16 — (A.N.I.) — A U. R. S. S. acusa a China continental de preparar a rotura formal das relações

entre os dois países e uma revolução na União Soviética, favorável a Mao Tsé Tung.

Num artigo de quatro mil palavras, a «Pravda», órgão oficial do Partido Comunista soviético e o jornal de maior influência, ataca em termos violentos os dirigentes de Pequim, acusando Mao de «aniquilar» os chineses que se lhe opõem e de empregar «tropas de assalto» para pôr em prática as suas ideias.

Mao — prossegue a «Pravda» — apoiou reivindicações territoriais contra a U. R. S. S. e «apunhalou pelas costas» o Vietnam do Norte, ao rejeitar a adesão a uma frente comunista comum contra os Estados Unidos.

O jornal afirma ainda:

«Não há duvida de que o grupo de Mao não poderá continuar indefinidamente a enganar o povo chinês e os comunistas chineses.

«Mao e a sua camarilha estão, sem duvida, a tentar cumprir a sua ameaça de transferir para a arena internacional os métodos de desordem política dos «guardas vermelhos».

«A propaganda chinesa está a pedir ao povo russo a derrocada do actual sistema e o ícar da bandeira de Mao Tsé Tung na própria Praça Vermelha».

A ALBÂNIA CRIOU A SUA «GUARDA VERMELHA»

VIENA, 16 — (R.). — Segundo notícias recebidas nesta capital, a Albânia criou um movimento re-

(Continua na 15.ª página)

Nota do dia

DOCTRINA

Não é o conflito em si que nos interessa, apesar de reconhecermos o interesse público de que se reveste. É a lição que se tira dele, a doutrina que se estabelece e pela qual há muito tempo nos batemos, sem encontrar eco em órgãos de informação que deviam secundar-nos, na defesa de direitos constantemente menosprezados por quem tinha o dever de os respeitar. Um prezado colega

nosso, no pleno uso de direitos que constam apenas dos textos legais, mas que na prática não têm efectivamente validade, atreveu-se a criticar determinadas atitudes, deliberações e declarações provenientes de um importante departamento do Estado que, tal como acontece com outros serviços públicos, se considera intangível e ao abrigo de toda a crítica. «O que existe hoje, em certas esferas — escreve o referido colega com pleno conhecimento de causa —, é uma excessiva sensibilidade a qualquer crítica ou observação por mais justificada que seja». Ora, o referido departamento ripostou em termos considerados impróprios, «por descabidas insinuações e falta de respeito pelos direitos da Imprensa». E o nosso prezado colega deu-lhe a resposta ade-

quada, da qual extraímos, para que se estabeleça doutrina a tal respeito, este pedacinho de ouro que põe a questão no seu verdadeiro pé: «No estilo que mais nos apaz, com ironia ou sem ela, tem a Imprensa o direito e o dever de debater problemas de interesse público como o que foi tratado no nosso artigo do dia...». Esta é que é a doutrina a sustentar e na defesa da qual temos feito figura de D. Quixote, batendo-nos contra moinhos que nem sempre são de vento, mas de paciência e de direitos indevidamente postergados. E se outra tivesse sido a atitude de quem tem o encargo de orientar a opinião pública, procurando conciliar o interesse colectivo com o prestígio e a missão tradicional da Imprensa, outro galo nos cantaria hoje...

por ATTICUS

seu esforço militar. Se os americanos se mostram decididos a levá-lo muito longe, com todos os riscos que essa acção representa para a paz é porque aos seus olhos a ameaça vinda do Norte é cada vez maior.

A partir desta tese supõem que

(Continua na página seguinte)

32 PÁGINAS

HOJE

VIDA LITERÁRIA
E ARTÍSTICA

De ontem para hoje

Os prémios da Formação Profissional

O ministro da Educação Nacional presidiu ontem no Palácio da Independência, sede da Mocidade Portuguesa, a distribuição de prémios do XVI Concurso Nacional de Formação Profissional por aquela organização realizado. No uso da palavra, o comissário nacional da M. P. disse «que, do ponto de vista educativo, a realização dos concursos de trabalho constitui uma afirmação da juventude de que a valorização humana de cada um se pode obter não só através de uma conveniente preparação puramente intelectual mas também por meio de um apuramento das qualidades técnicas e das virtudes que na sua oficina atinjam os que pertencem à classe operária.» E depois: Parece hoje especialmente importante para os portugueses atingir-se uma adequada solução do duplo problema que temos de enfrentar — o do aumento do número e do nível profissional dos nossos técnicos, com vista a suportarmos dignamente a concorrência à escala internacional e também o de conseguirmos imprimir o ritmo conveniente à promoção e desenvolvimento do Ultramar Português. Acentuou ainda que na fase inicial do concurso participaram 150 jovens operários, depois do que foram entregues os prémios aos três primeiros classificados. E, com as insignias de cavaleiro da Ordem de Instrução Pública foram condecorados os mestres Gomes Pereira e António de Sousa. E, no final, disse o sr. ministro da Educação Nacional que os concursos de trabalho oferecem a nota simpática de colocar lado a lado estudantes e não estudantes, irmanando todos num esforço comum para serem melhores e mais úteis à sociedade e ao País. A terminar, referiu-se à colaboração, bem vinculada nesta iniciativa, entre a escola e a indústria e afirmou que a M. P. se encontra sempre de braços abertos para manter viva e fecunda essa colaboração.

«HOME INTERNATIONAL»

O general Costa Macedo, presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, recebeu ontem o produto da venda organizada pelo «Home International» a favor da mesma instituição. A cerimónia da entrega efectuou-se

na residência da sr.^a embaixatriz do Canadá, estando presentes D. Vera Franco Nogueira e todas as embaixatrizes que deram a sua colaboração à venda, senhoras da Cruz Vermelha e outras personalida-

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província da Guiné, o furiel miliciano António José Suce-na Pinto e os soldados 62198/65, Joaquim Neto Sousa; 85042/65, José Rodrigues; e 820431/66 Adelino Mendes.

A CRIANÇA E O AUTOMÓVEL

Na Aldeia Nova, junto da Maia, vivia Fernando Pereira Lopes. Dez anos e muitas esperanças e sonhos de seus pais enternecidos. Mas sonhos e esperanças foram cortadas cercas por um automóvel que ontem o colheu perto da residência. Era guiado pelo sr. José Soares de Castro, de Famalicão. Ainda o levaram ao Hospital de S. João, mas chegou lá já morto. Esperanças e sonhos fincaram, mas a ternura transformou-se em dor bem aguda e saudade perene.

De Gaulle responsabiliza os Estados Unidos pela guerra no Vietnam

(Continuação da página anterior)

encontraram a base moral para os seus actos. Por isso partem do princípio de que demolir a tese equivale a demolir a política.

A contratese de de Gaulle

De todos os críticos estrangeiros da política americana, apenas o general de Gaulle tomou contra ela posição nítida e firme. Para ele não se trata, como para Thant, de combater as ideias dos americanos mas de fazer, contra elas, uma acusação cerrada no plano internacional. Por isso se não limita a rejeitar a tese dos Estados Unidos e censura, com veemência, o conjunto da sua política asiática.

Raramente na vida internacional

poderá citar-se um caso como este em que um Chefe de Estado fala com inteira franqueza, da política de outro Estado. As suas expressões são tão violentas que equivalem a uma intervenção anti-americana no conflito vietnamita. Para a levar até às últimas consequências só lhe falta recorrer às armas.

Uma acusação concreta

Os termos empregados pelo general de Gaulle nos seus discursos de fim do ano constituem um verdadeiro requisição contra os Estados Unidos e a sua política. Naquele que proferiu em 31 de Dezembro, pela Rádio, ao falar da guerra do Vietnam disse: «Trata-se de uma guerra injusta porque resulta da intervenção armada dos Estados Unidos em território vietnamita, e deplorável pois com ela uma grande potência está a destruir um pequeno país». Para dar maior ressonância às suas palavras aproveitou a recepção oficial do

Ano Novo e repetiu aquela interpretação, em termos que, embora mais moderados, foram bastante explícitos. Referiu-se energicamente à guerra «desencadeada no território do Vietnam» e lançou um apelo directo à paz dizendo: «De todas as aspirações comuns aos povos, neste momento nenhuma passa além da de acabar com uma provação deplorável».

O general vai mais longe do que o secretário-geral da O. N. U., acusando directamente os Estados Unidos de responsáveis pela guerra e pela sua duração, não apenas para que o oigo o povo francês mas as representações diplomáticas estrangeiras em Paris, pois, ao referir-se ao «conflito desencadeado no Vietnam» toda a gente entendeu que se referia aos Estados Unidos.

A mais grave acusação

Há, porém, mais. O general de Gaulle aproveitou a recepção ao corpo diplomático, no dia de Ano Novo, para formular contra os americanos as mais severas acusações. Além de os responsabilizar pela guerra e pela sua duração, responsabilizou-os também pela falta de segurança no mundo. «Muitos sintomas — disse ele — davam a entender que, depois de duas conflagrações atrozes chegara o momento de iniciar uma era de colaboração internacional com vista ao progresso geral. Essa vitória do bom-senso foi impedida pela eclosão do conflito militar no Vietnam».

Por outras palavras, quis ele dizer que tudo corria bem e o mundo caminhava para a paz e o progresso, quando a guerra do Vietnam deteve essa caminhada feliz e a sua evolução se paralisou devido à duração da mesma guerra. Para o general de Gaulle, a origem de todo o mal são os Estados Unidos. Nunca uma acusação tão grave foi formulada contra a grande democracia de além-Atlântico que se considera guardião da paz e da liberdade do mundo.

ATTICUS

Uma criança gravemente queimada

VISEU, 16 — Recolheu ao Hospital da Misericórdia, a pequenita Maria de Fátima de Jesus Francisco de 3 anos, residente em Santo Estêvão, que caiu ao fogo e ficou gravemente queimada.

— Deu entrada no mesmo hospital Beatriz Rosa Pereira, de 19 anos, desta cidade, que, sem se saber se desastrosamente ou não, ingeriu uma substância tóxica.

LUGARES VAGOS

para militares desmobilizados

Os militares desmobilizados, expedicionários ao Ultramar, com menos de 35 anos de idade, que possuam o curso geral de comércio ou frequência, ou habilitações equivalentes, que desejem tentar a sua admissão como escrivães, devem dirigir-se à secretaria-geral da Liga dos Combatentes, na Rua João Pereira da Rosa, 18, das 10 às 13 ou das 15 às 18 horas, onde lhes serão prestadas todas as informações.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu no Palácio Nacional de Belém, os srs. eng.^s Arantes e Oliveira, ministro das Obras Públicas; deputado José Vicente de Abreu; marquês de Sá da Bandeira, contra-almirante Paulo Teixeira Viana, comandante Soares de Melo, e eng.^s D. Segismundo Saldanha e Saldanha Lopes, da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, e Jorge Ferreira.

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do sr. ministro de Estado reuniu-se ontem, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, que tratou de problemas correntes das suas atribuições.

A REFORESTAÇÃO DO PAÍS

Na Associação Industrial Portuguesa efectuou ontem a sua primeira conferência o dr. Jack C. Westoby, director adjunto da Divisão Jectivo e Alvo da Economia Florestal. A conferência realizou-se no auditório da Feira Internacional de Lisboa, tendo o conferencista sido apresentado pelo eng.^o Vasco de Quevedo, estando presentes também os eng.^s José Alves, director dos Serviços Florestais, e António Carneiro representante do director do Fundo de Fomento Florestal. O dr. Westoby proferiu nova conferência amanhã, no mesmo local. A presença de tão destacada personalidade reveste-se de significado particular no panorama económico português, em virtude das profundas repercussões que terá tanto para a Lavoura como para a Indústria, o estudo e realização de um vasto programa de reforestação das terras de uso não agrícola, no âmbito do III Plano de Fomento. Por isso, as empresas industriais de dois grandes sectores consumidores de matérias lenhosas — os produtores de pastas de celulose e de aglomerados de madeira — conscientes da urgência da reforestação e, nomeadamente, dos seus aspectos económicos e financeiros, tomaram a iniciativa de convidar a vir a Portugal o sr. dr. Westoby, que é um dos maiores peritos mundiais neste domínio.

HOMENAGEM A AMÁLIA

Amália Rodrigues foi homenageada ontem à noite com aquela música dolente que traduz toda a grandeza e profundidade da terra alentejana. No

jantar da Tábua Rasa, com a colaboração do grupo coral da Casa do Alentejo, Amália Rodrigues recebeu a homenagem de muitos admiradores, tendo falado o dr. Luís de

Oliveira Guimarães e o escritor Charles Oulmon. E nas salas da Casa do Alentejo reboaram, em homenagem à maior intérprete do fado, os ecos de canções alentejanas.

Fernandinhos Pobres

Está a despertar grande interesse — e regista já muitas inscrições — a canasta-bridge que, no próximo dia 23, se efectua no Hotel Embaixador a favor da benemérita obra dos «Fernandinhos Pobres».

MICAU
a sua solteira

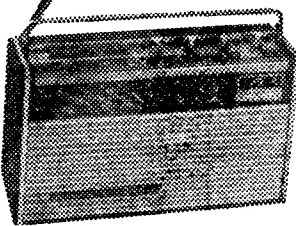
No CARTAXO o «DIÁRIO DE LISBOA» está à venda na CASA PEDRO ALVES, SUC., RUA DO BATALHOZ.



O TELEVISOR *DUCRETET THOMSON É UM SENHOR

DUCRETET THOMSON

- * não usa monóculo mas tem visão perfeita
- * não usa laço mas tem linha Inconfundível.



* **DUCRETET THOMSON** apresenta também a mais completa colecção de

Transistores de Alta Qualidade

REPRESENTANTE:
FIC AV. DA LIBERDADE, 141-1 LISBOA

— Que país gostaria de conhecer?



● **Acácio Dias** («faço tudo») disse-nos:
— Se pudesse sair de Portugal seria só para ver as chinesas. Gostaria de ir à China...
— Olhe que a China é muito longe... Então as portuguesas não lhe agradam?
— Não são filhinas. São muito gordas...

mais crescido, darei um pulo até Espanha. Talvez me case com uma espanhola...



● **Por ultimo,** disse-nos o sr. **Orlando Rodrigues**, ardina:
— Gostaria imenso de ver os arranha-céus de Nova York.
— Sim...?
— É verdade. Desde pequenino que tenho esse sonho. Mas é um sonho, sei-o bem... Talvez nunca consiga ir à América. Viver lá? Não; ver e voltar aqui ao Bairro Alto.

● **Gaiato**, que não gosta de estudar, afirmou-nos o irrequeto **Vitor Matoso**:
— Gostaria de visitar a Espanha. Ouço dizer tão mal dos espanhóis, que, na verdade, gostaria de os ver de perto. Será verdade?
— Não. Isso foi antigamente...
— Também me quer parecer. Pois está decidido: quando for



Notícias de Setúbal

Encontrado morto

SETÚBAL, 16 — Apareceu morto na escada do prédio n.º 16 da Avenida 22 de Dezembro o sr. **Bernardo Teófilo Coelho**, de 77 anos, viúvo, marceneiro, que residia na Rua Ladislau Parreira, 54. Não há suspeita de crime.

Julgamento

Efectua-se no próximo dia 23, no tribunal desta cidade, a audiência do julgamento do sr. **Maximiano de Almeida**, de 54 anos, casado, ex-funcionário da Junta Central das Casas dos Pescadores nesta cidade, que se encontra detido, acusado de ter praticado um desvio de cerca de mil contos.

Beneficência

A Companhia de Cimentos «Socil» manifestou mais uma vez o carinho que sempre lhe têm merecido as instituições de beneficência desta cidade ao oferecer ao Asilo da Infância Desvalida cem camas de ferro, sessenta colchões e igual numero de cobertores e de almofadas e cento e vinte lençóis, tudo no valor de cerca de cem contos.

Automóvel roubado

O sr. **Luís Fernandes Paixão** Mafreiros, residente nesta cidade, queixou-se à P.V.T. de que lhe roubaram o automóvel marca «Austin», de cor vermelha, com a matrícula FG-49-72.

WICAU
a sua sobremesa

● **Na Praça Paiva Couceiro** existe uma garagem muito utilizada, durante a noite, para recolha de táxis. O que nada tem de especial, pois há outras em diversos locais da cidade. Acontece, no entanto, que os motoristas conversam em voz alta, deixam os motores a trabalhar enquanto são rendidos, batem com as portas e produzem, enfim, um ruído excessivo, que não deixa descansar quem ali mora. Pergunta-se: será indispensável melhor policiamento da área, para garantir o repouso dos habitantes?

Perguntar por perguntar

● Há, na cidade, muitos tapumes montados sobre os passeios, para proteger a construção ou reparação de prédios, de maneira que nem sempre acautele os interesses dos peões. Na Calçada da Estrela, por exemplo, há um tapume que ocupa o passeio todo, obrigando os transeuntes a mudar de passeio ou a seguir pelo meio duma rua, como se sabe, estreita e concorrida. Não haveria possibilidade de conciliar a protecção das obras com o trânsito normal dos peões?

● As operações «Stop», cuja necessidade e cujos benefícios ninguém põe em causa, dão por vezes origem a grandes «engarrafamentos», como há pouco se observou à saída da auto-estrada. A aglomeração de automóveis tem ainda o inconveniente de prevenir, à distância, os possíveis delinquentes. Ocorre, por isso perguntar: será difícil escolher outras horas, para a realização das operações «stop», e além disso empregar neles maior número de postos e agentes, de forma a evitar os «engarrafamentos»?

A matrícula de ciclomotores e a respectiva carta de condução reguladas por portaria ministerial

Dando plena execução ao disposto no decreto de Julho de 1966, que introduziu algumas modificações no Código de Estrada, o Ministério das Comunicações enviou agora para o «Diário do Governo» uma portaria que regulamenta a matrícula

de ciclomotores e a obtenção da respectiva carta de condução. Destina-se ainda a esclarecer dúvidas que surgiram quanto à interpretação da lei.

Assim, determina-se:
— Desde que os veículos não sejam matriculados como ciclomotores até 31 de Agosto do ano corrente, serão considerados velocípedes com motor, sejam quais forem as suas características, aplicando-se-lhes nesse caso a legislação referente a velocípedes com motor.
— Os condutores de veículos que não sejam matriculados como ciclomotores estão habilitados a conduzi-los mediante licença passada pelos Municípios.

— As Camaras devem proceder à matrícula dos veículos como velocípedes com motor, pelo menos até àquela data, embora com características de ciclomotores e desde que os seus titulares não pretendam ser matriculados nessa espécie.

— Durante a fase inicial (até fim de Agosto), a matrícula dos ciclomotores deverá fazer-se nas direcções de Viação, após o que terão de conduzir com carta passada por aquelas direcções.

— Até 30 de Agosto próximo não é obrigatória a matrícula dos veículos que tenham as características de ciclomotores como tais, mas apenas como velocípedes com motor.

— A partir dessa data, ou de data posterior a fixar, os ciclomotores serão matriculados segundo regras a dimanar do Ministério das Comunicações.

— Enquanto a matrícula como ciclomotores não for obrigatória, estes veículos continuam a poder ser conduzidos por titulares de licenças de condução de velocípedes passadas pelas Camaras Municipais; no entanto, se forem matriculados durante a fase inicial como ciclomotores, só poderão ser conduzidos por titulares de cartas de condução a passar pelas direcções de Viação.

— Posteriormente àquela data, as cartas de condução são obtidas por simples troca das actuais licenças de condução de velocípedes.

Palestras para jovens no Museu de Arte Antiga

O professor sr. dr. **Rio Carvalho** profere amanhã a 10.ª palestra da série para jovens intitulada «Aproximação das Artes através da História». O tema a abordar será «O surto de arte moderna: o Simbolismo, o modern style, a pintura pós-impressionista».

A título experimental, a palestra será às 18 e 45, e a entrada, que é livre, faz-se pela Rua das Janelas Verdes.

ROTARY CLUBE DE LISBOA-NORTE

O Rotary Clube de Lisboa-Norte reúne-se hoje, pelas 20 e 30, no Hotel Flórida, ao jantar. O companheiro **Alberto Nunes de Carvalho**, do Rotary Clube de Lisboa, fará uma palestra intitulada «A conquista do espaço».

Novos corpos gerentes Tertúlia «Festa Brava»

A Tertúlia «Festa Brava» elegeu os novos gerentes para o ano corrente. Presidem à assembleia geral, a direcção e ao conselho fiscal, respectivamente, os srs. **João Mega**, **Manuel Casqueiro Haderer** e **Domingos Mega**.

DIÁRIO escolar

INFORMAÇÕES
COMENTÁRIOS

CONFERÊNCIA do prof. Donati na Faculdade de Direito

O doutor **Donati**, catedrático da Faculdade de Direito de Roma e presidente da Associação Internacional do Direito de Seguros, proferirá em francês, na Faculdade de Direito de Lisboa, no próximo dia 20, às 11 horas, uma conferência subordinada ao tema «Problemas e Perspectivas do Direito dos Seguros». A entrada é livre.

VAI SER HOMENAGEADO O CHEFE-AJUDANTE

DOMINGOS PAIS QUE ATINGIU O LIMITE DE IDADE NO B. S. B.

Atinge no domingo o limite de idade o chefe-ajudante do Batalhão de Sapadores Bombeiros, sr. **Domingos Pais**, que entrou para a corporação em 1907. Figura muito conhecida e prestigiosa do B. S. B. e detentor de uma exemplar folha de serviços, dela se destacam numerosos louvores pela sua acção em variadas emergências.

O chefe-ajudante sr. **Domingos Pais** demonstrou sempre, a par de excepcional competência na profissão que abraçou, uma dedicação sem limites pela causa publica recordando-se, entre outros serviços notáveis, a sua intervenção humanitária durante a revolução de 7 de Fevereiro de 1927 e nos incêndios do Banco Nacional Ultramarino, no Asilo dos Velhos, em Marvila, e nos teatros D. Maria II e Variedades.

Também foi destacada a sua acção aquando da tragédia da Giblita, tendo demonstrado então, e uma vez mais, um extraordinário espírito de sacrifício pela nobre missão que escolheu, servindo de exemplo válido a toda a uma corporação. Possui as medalhas de cobre, prata e ouro de Comportamento Exemplar.

A fim de marcar por forma indelével a passagem do chefe-ajudante sr. **Domingos Pais** pelo B. S. B., o respectivo comando vai prestar expressiva homenagem a este dedicado servidor da corporação, efectuando-se, para o efeito, um jantar de homenagem àquela graduado, no restaurante **Castanheira de Moura**, no dia 22, pelas 20 horas.

QUEM PERDEU?

— Encontra-se depositado na 3.ª Repartição do Comando-Geral da G. N. R., no Carmo, um porta-moedas de senhora com determinada importância, que foi encontrado no dia 12 do corrente, na Rua do Carmo, o qual será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Visita de estudo

de alunos do 5.º ano de um curso de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico

Obedecendo a um plano de contactos com os problemas práticos, inerentes à sua futura profissão, os alunos do 5.º ano do curso de Engenharia Civil, do Instituto Superior Técnico, vão promover uma visita de estudo, no próximo dia 17, a estaleiros (conduzidos por Construções Técnicas, Lda.) de construção civil de um hangar para clinquer, na fábrica da Companhia de Cimento Tejo, em Alhandra, e da futura Central Térmica do Carregado, da Empresa Termoelectrica Portuguesa.

Esta visita vai facultar aos estudantes de engenharia uma visão dos aspectos infra e superestruturais inerentes às Construções Cíveis, nome da cadêtra em que se integra. Os estudantes serão acompanhados pelos srs. prof. **Costa Lobo** e assistente dr. **Xavier Rodrigues**.

EXERCÍCIOS

de fogos reais próximo de Évora

ÉVORA, 16 — O Regimento de Infantaria 16 promove amanhã e depois, das 8 às 18 horas, exercícios de fogos reais numa zona a cerca de quatro quilómetros a nascente de Évora e assim delimitada: Carreira de Tiro — Evaristo — Vale Melhorado — Nossa Senhora do Carmo.



VAUXHALL
VIVA 67

MODELO SPORT
SL 90

LICAR

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

Av. Casal Ribeiro, 48-A e C

A representação da peça de Brun no Teatro Monumental

Continua em cena, no Teatro Monumental, o grande espectáculo de Carlos Avilez, «A Maluquinha de Arroios», o acontecimento artístico que o público exige em cartaz. Até domingo, os que ainda não puderam assistir a este magnífico espectáculo, têm ainda oportunidade de o fazer. Trata-se, na verdade, de uma peça excepcional, com Mirita Casimiro á frente de um grande elenco: Fernanda Coimbra, Luisa Neto, Maria do Céu Guerra, Julia Babo, Marília Costa, Santos Manuel, João Vasco, Ruy de Matos, João Pedro Cascais, Augusto Leal, Ricardo Frago, António Arsenio, José David e, ainda, Glicinia Quartim, na protagonista. O cenário e os figurinos são de Jorge Marcel, a coreografia de Agueda Sena e a encenação de Carlos Avilez. Trata-se de um espectáculo do Teatro Experimental de Cascais, patrocinado pela Junta de Turismo da Costa do Sol e subsidiado pelo Fundo de Teatro. «A Maluquinha de Arroios», original de André Brun, é para maiores de 17 anos.

Vai representar-se um original de Orlando Vitorino

Com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, Vasco Morgado vai apresentar, no Monumental, dentro de dias, a peça de Orlando Vitorino, «Tongatabu», que será desempenhada por Augusto de Figueiredo e Ivone Moura. Trata-se de um espectáculo que exige do público especial atenção, dado que se trata da história de uma mulher e de um homem, que, quando já não têm segredos entre si, são capazes de imaginar as mais terríveis crueldades. Esta peça será representada em condições especiais, pois o seu sentido artístico não é compatível com quaisquer concessões comerciais.

O Amor e a Coroa

Acaba de sair o 4.^o
volume

**A DAMA BRANCA
DOS HABSBURGOS**
por Paul Morand

Na mesma colecção:

- 1 — AS LOBAS DO ESCORIAL
- 2 — OS REIS LOUCOS DA BAVIERA
- 3 — AS LEAS DE OURO DA ETIÓPIA

Cada volume 30\$00

**LIVRARIA
BERTRAND**

COLISEU

SABADO, 18
A TARDE, ás 16 horas
Entrada gratuita ás crianças
dos 6 aos 10 anos

A NOITE, ás 21 e 30
Podem assistir crianças
a partir dos 6 anos

**GRANDE COMPANHIA
DE CIRCO**

Bilhetes á venda

**ESTÁ EM DIA
COM OS PRIMEIROS
SOCORROS?**

Quando a criança se engasga e começa a tossir, que é que faz? Bate-lhe nas costas até cessar a crise? Por favor, não faça isso. Leia nas «Seleções» de Fevereiro — que já se encontra á venda — o que é velho e novo em matéria de primeiros socorros. Aprenda a ajudar em vez de piorar involuntariamente a situação. Poderá então salvar se aprender a maneira como o deve fazer. «Seleções» é uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand

**UMA HISTÓRIA AVENTUROSA... HERÓICA...
DE MAIOR GRANDEZA... MAIS EXCITANTE...
MAIS TURBULENTA... DO QUE O OCEANO ÍNDICO,
ONDE NASCEU!**

A GRANDE E ESPECTACULAR SUPER-PRODUÇÃO

SURCOUF, O MAIOR DE TODOS

SIM, O MAIOR DE TODOS, PORQUE ROBERT SURCOUF, ORGULHO DA MARINHA FRANCESA, FOI DE FACTO UM VERDADEIRO REI E SENHOR DO OCEANO ÍNDICO, ONDE AS SUAS PROEZAS, AMOR AO PERIGO E ÉPICAS FAÇANHAS SE TORNARAM LENDÁRIAS!



**GERARD BARRAY
ANIONELA LUALDI
TERENCE MORGAN**

GENEVIEVE CASILE

REALIZAÇÃO DE
SERGIO BERGONZELLI

em **TECHNISCOPE
EASTMANCOLOR**

UM EXCLUSIVO DE
SONORO FILME

(MAIORES DE 12 ANOS)

HOJE GRANDE E SENSACIONAL ESTREIA POLITEAMA

**TÃO ESPANTOSA AUDACIA NUNCA SE VIU
NA REVELAÇÃO DE PAIXÕES INSACIÁVEIS...**

**2.^a
SEMANA**

**ERA INEVITÁVEL ISTO:
OUTRO ÊXITO TOTAL
COM A TALENTOSA VEDETA**

**UMA RAJADA DE ALTA EMOÇÃO
NUM FILME FEITO COM «GARRA»**

**A ODISSEIA DE UMA MULHER
VITIMA DOS TRÁGICOS CIÚMES PRO-
VOCADOS PELA IRRESISTIVEL FASCI-
NAÇÃO DA SUA PERIGOSA BELEZA...**

LUXUOSA REALIZAÇÃO

ADMIRÁVEIS CANÇÕES

LOTAÇÕES ESGOTADAS!

EASTMANCOLOR
MAIORES 17 ANOS

EXCLUSIVO DA
IMPERIAL FILMES

**sara
montiel**

**GIANCARLO DEL DUCA
MASSIMO SERATO
MICHEL LEMOINE**

em Rainha do amor
"LA MUJER PERDIDA"

O FILME DE
QUE TODOS FALAM

HOJE. NO ODEON

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

FUTEBOL — INTER-REAL — Antes tivemos três minutos de Mendelsohn. Depois, foi a massa compacta, ululante, a transbordar das bancadas, a própria camara, habituada já àquelas andanças, parece pasmada, move-se com lentidão, não sei, quase uma centena de milhar de gargantas...

Os fotógrafos prepararam-se para registar o momento, torná-lo indelével, dar-lhe uma ilusão de permanência. Levantam a gola dos sobretudos. Batem os pés. Está frio. Formam-se pequenas, rápidas espirais de vapor de água da boca e das narinas. Qualquer coisa como 1 grau negativo.

A volta do campo, em roda-pé, a industria e o comércio não perdem pitada. Grandes letreiros perfilam-se diante das camaras de televisão como as «girls» diante do fotógrafo, como as amadoras rainhas de beleza, guerrilheiras do seu breve momento juvenil...

Lá estão os frigoríficos, os aperitivos, os relógios, refrescos, vinhos, fiambre, panelas de pressão, artigos eléctricos — um mundo de coisas, coisas que se alimentam do mundo, dos homens — e do futebol...

O relator é Alves dos Santos. Procura interferir o mínimo nas jogadas. Poucas palavras. Eu, cronista, também jogo com os ouvidos. Do relato de Alves dos Santos retiro grande proveito, como se verá noutra local: dezassete máximas, fora as que perdi na primeira parte.

A realização só não foi impecável por não ter proporcionado vistas de amplas zonas do campo, o que impediu o telespectador de fazer uma ideia da manobra de equipa, embora dando-lhe completa ideia da manobra individual, do corpo a corpo, do apuro técnico. Mas repararam na cegueira da camara pela bola? Não se apartou dela um só instan-

te, colada à relva, no céu junto das nuvens, com ela a dar voltas e reviravoltas, a descrever arcos, a en-

INTERLÚDIO —

Encher espaço, às vezes, é um problema para os jornais. Como o é encher tempo na Rádio ou na Televisão.

Claro que o ideal consiste em encher tempo de maneira útil e agradável — e não com serradura. Não será difícil atingir esse objectivo desde que o programa se subordine o menos possível à improvisação.

Acontece que, nos ultimos tempos, se está a usar e abusar dos desenhos animados. Por tudo e por nada, aí os tempos a denunciar a tal improvisação a que me refiro. Ontem, por exemplo, o «cão xerife» tomou a sua conta nada menos de quinze minutos. Mesmo para «xerife» é demasiado...

Claro que nem me quero referir agora ao valor educativo de alguns desenhos desanimados... Nem às legendas para meninos que ainda não sabem ler... Isso é outra história.

HOJE PODE VER...

● As 22 e 25: Série de aventuras

Os telespectadores podem ver, esta noite, o 2.º episódio da série de aventuras «O Maioral», com James Drury, Lee J. Cobb, Dong McClure, Gary Clark e Roberta Shore.

trar com ela pela baliza dentro... Autêntica paixão, caramba!

SABER OUVIR —

Aquilo que vai ler-se em seguida não foi extraído do «Príncipe» de Machiavelli. Nem sequer foi dito para passar à posteridade. Trata-se, nada mais, nada menos, de algumas expressões utilizadas por Alves dos Santos, no decorrer da 2.ª parte do

(Continua na 8.ª página)

Gabriel Bacquier e Erna Spoorenberg

cantarão amanhã o «Orfeo» de Gluck

A temporada de ópera de 1967 do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue amanhã cantando-se a primeira ópera da série francesa desta temporada: «Orfeo», de Gluck.

Obra de grande beleza musical e particular importância na história do teatro lírico, o «Orfeo», de Gluck, será dirigido pelo maestro francês Jean Fournet e interpretado por um elenco de grande categoria: o barítono Gabriel Bacquier, um dos mais reputados cantores franceses de carreira internacional, no papel de «Orfeo», e a célebre cantora holandesa Erna Spoorenberg, uma das mais belas vozes do mundo lírico de hoje, no papel de «Euridice». O papel de «Amor» será interpretado por uma outra distinta cantora: Jane Berbié. Gabriel

Bacquier, que o publico já pôde apreciar e aplaudir em temporadas anteriores, nas operas «Carmen» e «A Hora Espanhola», tem nesta ópera de Gluck uma das suas mais perfeitas interpretações. Erna Spoorenberg, cantora de excelente voz e admirável escola, é a primeira vez que nos visita e chega até nós precedida de um prestígio internacional, que já a guindou a um dos primeiros planos nos maiores teatros líricos da Europa.

Colaboram no espectáculo a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, o Coro do Teatro de S. Carlos, ensaiado pelos maestros Mario Pellegri e Carlo Pasquall, e o regista Louis Erlo. Os cenários são de Alfredo Furiá.



FILMES CASTELLO LOPES

apresenta um filme MGM



Divertidas peripécias e situações equívocas num famoso Hotel de Paris...



ALEC Guinness GINA Lollobrigida

ROBERT Morley

Hotel Paraíso

(Hotel Paraíso)

SEM "RESERVAS"...

A MELHOR COMÉDIA DO ANO!

Argumento de

Jean-Claude Carrière e Peter Glenville

Baseado na peça

«L'HOTEL DU LIBRE ECHANGE»

de GEORGES FEYDEAU

Produção e Realização de

PETER GLENVILLE

PANAVISION e METROCOLOR

Maiores de 17 anos

AMANHÃ DIVERTIDA ESTREIA

SÃO LUIZ e ALVALADE

O IMPREVISTO DE UMA EXCITANTE "OPERAÇÃO" EXECUTADA COM PERÍCIA POR PROFISSIONAIS DO CRIME!

TONY RANDALL
SENTA BERGER
HERBERT LOM
WILFRID HYDE-WHITE
TERRY-THOMAS



EASTMAN COLOUR

Maiores 12 anos

O NOSSO AGENTE EM

MORROKESH

UM FILME

um exclusivo

Prod. DON CHAFF

Argumento: PETER YELHAM

(MARRAKESH)

AST.

Produção: HARRY ALAN TOWERS

AMANHÃ EM ESTREIA NO EDEN

ESPECTÁCULO PARA CRIANÇAS

MAIORES DE 4 ANOS, PELO

TEATRO DO GERIFALTO

(Subsidiado pelo Fundo de Teatro)

DOMINGO, ÀS 16 HORAS, no

TEATRO AVENIDA

(cedido pela Empresa Rey Colaga-Robles Monteiro)

A HISTÓRIA DO GANSO DE OURO

Uma encantadíssima peça de Correia Alves

BILHETES À VENDA





NO
**MARIA
VITÓRIA**

«Juncos» Emp.
Teatral Lda
Telet 36 17 40

FLORBELA
QUEIROZ

EM 2 SESSÕES
às 20.45
e 23 h.

EM PLENO ÊXITO:

A GRANDE, ALEGRE E POPULA-
RÍSSIMA REVISTA

DE VENTO EM POPA!

PELO MAIS SIMPÁTICO DE TODOS
OS ELENÇOS, com

Florbelo Quei-
roz, Humberto
Madeira, Car-
los Coelho,
Manuela Ma-
ria, Natalina
José, Octávio
Matos e a
grande atrac-
ção brasileira
Maria Helena

Espec para os
Maiores
17 anos

CARLOS COELHO

Teatro MONUMENTAL

SÓ ATÉ DOMINGO
VASCO MORGADO

apresenta

HOJE, às 21.45, o espectáculo
de CARLOS AVILEZ

**«A MALUQUINHA
DE ARROIOS»**

original de ANDRÉ BRUN

com MIRITA CASIMIRO à frente
de um grande elenco: Fernanda
Coimbra, Luisa Neto, Maria do
Céu Guerra, Júlia Babo, Marília
Costa, Santos Manuel, João Vasco,
Ruy de Matos, João Pedro Cas-
cais, Augusto Leal, Ricardo Fra-
goso, António Arsenio, José David
e ainda GLICÍNIA QUARTIN, na
protagonista. Encenação de CAR-
LOS AVILEZ * Um espectáculo
do Teatro Experimental de Cascais
patrocinado pela Junta de Turismo
da Costa do Sol e subsidiado pelo
Fundo de Teatro

ESTUDANTES 50 % DE DESCONTO
mediante identificação nas bilhe-
teiras

Sábado, tarde popular às 15.30 h.

TEATRO

CAPITÓLIO

A NOITE
2 SESSÕES

AS 20.45 E 23 HORAS

A MARAVILHOSA REVISTA

**QUEM TEM BOCA
VAI A ROMA!**

UM ÊXITO POPULAR
QUE A CRÍTICA ESPECIALI-
ZADA APLAUDIU E SA-
LIENTOU!

UM CARIÁZ DE ESTRE-
LAS E AS MELHORES
ATRAÇÕES!

ADULTOS



CASA

DA COMÉDIA

Hoje pelas 22 h.
Estreia

**AS NOITES BRANCAS
de DOSTOIEVSKY**

Direcção de Norberto Barroca
Visite o clube e torne-se sócio
R. S. Francisco Borja, n.º 24
Espectáculo maiores 12 anos

Em CANEÇAS o «DIÁRIO DE
LISBOA» vende-se nas agências dos
srs JOAQUIM JACINTO FRAN-
CISCO e JOSÉ AUGUSTO DE
MELO BROCHADO.



APRESENTA, EM

2ª SEMANA

**O MAIS COTADO ESPECTÁCULO
DA ACTUALIDADE**

ADULTOS

anouk aimee
jean-louis trintignant
pierre barouh



**um homem
e uma mulher**

(un homme et une femme)

**GRANDE PRÊMIO DE CANNES
PRÊMIO ESPECIAL DA O.C.I.C.
GRANDE PRÊMIO DA COMISSÃO
SUPERIOR TÉC. PARA FOTOGRAFIA**

«...NÃO HESITAMOS, POIS, EM
CONSIDERAR O FILME DE CLAU-
DE LELOUCH COMO UMA DAS
MAIS BELAS E SENSÍVEIS OBRAS
DO NOSSO TEMPO...»

O SÉCULO

«...«UM HOMEM E UMA MU-
LHER» SERÁ CONSIDERADO CO-
MO O PRIMEIRO VERDADEIRO
FILME DE AMOR...»

L'EXPRESS

«...TÉCNICAMENTE, O FILME É
EXCELENTE, COMO ESPECTÁ-
CULO, UM ACHADO...»

DIÁRIO DE LISBOA

«...É O FILME DE UMA VIDA...
A OBRA QUE IRROMPE NA HO-
RA SUPREMA DA INSPIRAÇÃO
DO ARTISTA...»

DIÁRIO POPULAR

Um filme de **claude lelouch** com **valerie lagrange . simone paris**

music composed by francis lai

eastman color produced by les films 13 distributed by united artists

Music composed by
francis lai

estúdio
444

(ADULTOS)

HOJE, ÀS 21,45 • ESTREIA

**GRANDE REALIZAÇÃO DE CARL DREYER
UM CLÁSSICO QUE VOLTA AO CINEMA!**

A DESCRIÇÃO OUSADA DA LUTA DE UMA MULHER PELO AMOR!

com
**NINA
PENS
RODE
BENDT ROTHE**

EXCLUSIVO
DOPFILME

— PRÉMIO «BODIL» — Óscar dinamarquês para o melhor filme do ano
— Presente no Festival Int. de Arte Cinematográfica de Lisboa - 1966

Gertrudes

UM TEMA APLAUDIDO POR UNS
E CONDENADO POR OUTROS!



ROMA
ADULTOS

AMANHÃ, ÀS 21,45 • ESTREIA

UM EXCLUSIVO
TALMA FILMES



**JEAN-PAUL BELMONDO
GERALDINE CHAPLIN**

REALIZAÇÃO DE
JACQUES DERAY

UMA «SOCIEDADE» ESTRANHA: UM IRMÃO E UMA IRMÃ...
UM OBJECTIVO TENTADOR: UMA JOVEM MILIONÁRIA...
UM GRITO DE ANGUSTIA! UMA HISTÓRIA DE AMOR!
UM «GOLPE» DE SENSAÇÃO!

**O RAPTO
DE ZELDA**

SOPHIE DAUMIER
ANALIA GADE
GABRIELE FERZETTI
ADOLFO CELI
GEORGES GERET
AKIM TAMIROFF
FOTOGRAFIA EM CINEMASCOPE

AVIS
ADULTOS

AMANHÃ, ÀS 21,45 • ESTREIA

EXCLUSIVO
FILMES OCIDENTE

**A
Aranka
Branca**

«L'ARAGNÉE BLANCHE»

A ÚLTIMA PALAVRA EM
ACÇÃO!

«SUSPENSE»!

EMOÇÃO!

PODER DE CHOQUE!

O «BEST-SELLER» POLICIAL
WEINERT-WILTON

com

JOACHIM FUCHSBERGER * KARIN DOR * CHRIS HOWLAND * HORST FRANK

REALIZAÇÃO DE HARALD REINH



NAO ACONSELHAVEL A PESSOAS EXCESSIVAMENTE NERVOSAS

MONUMENTAL

Os próximos espectáculos

O próximo espectáculo no Teatro Monumental, será constituído pela ousada tentativa de Vasco Morgado de pôr em cena, com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, uma peça estranha e original, que põe à prova a sua confiança no público e a sua fé na arte teatral. Trata-se de um espectáculo requintado mas cruel, artístico mas emocionante. «Touga».

O autor e encenador é Orlando Vitorino, estando o desempenho a cargo do grande comediante Augusto de Figueiredo e da nova mais talentosa actriz Ivone de Moura. A cenografia pertence a Pinto de Campos.

Também dentro de dias, Vasco Morgado leva à cena, no Monumental, mais um espectáculo de grande nível artístico: a comédia espanhola, de Alonso Millán, «A Casa da Irene», numa adaptação de Henrique Santana. «A Casa da Irene» é uma comédia de situações, um convívio de graça, que conta a história espiritual de um homem casado, envolvido numa aventura amorosa, cheia de peripécias. Henrique Santana, em mais um desempenho ao nível dos seus melhores, será o protagonista, secundado por Irene Isidro, Aida Baptista, Costinha, Manuel Santos Corvalho, Margarida Mauperrin e Alberto Vilar.

TEATRO VILLARET

Uma peça dramática

Interpretado por um valioso elenco, do qual fazem parte grandes nomes do nosso teatro, está em cena, todas as noites, em duas sessões, às 21 e às 23 horas, no moderno e confortável Teatro Villaret, o drama em três actos «O Idolo», original do dramaturgo norte-americano Clifford Odets, em tradução de Belchior Viegas. «O Idolo», que conta a história de um actor de cinema que forte de servir os interesses dos produtores de Hollywood, se suicida, por lhe parecer ser essa a única maneira de poder «viver» com a sua consciência, foi dirigida por Rogério Paulo, que também é o protagonista, e reúne em cena Eunice Muñoz, a titular da CêPêCê, Maria Lalande e, por ordem de entrada em cena, João Perry, Rogério Paulo, Madalena Braga, Gilberto Gonçalves, Canto e Castro, Costa Ferreira, José de Castro, Henriqueta Maya e Luis de Campos. Com cenários de Teresa Paulo, «O Idolo», que a Fundação Calouste Gulbenkian subsidia, proporciona um desconto especial de 50% aos estudantes.

CAPITOLIO

Uma revista deslumbrante

Um dos grandes atractivos da fabulosa revista moderna, «Quem tem boca vai a Roma», em cena no Capitólio, são as lindíssimas mulheres que emolduram o mais belo espectáculo até hoje produzido por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado e patenteado em palcos de Portugal. Todas as noites, centenas de pessoas acorrem ao Capitólio, para admirar a excepcional revista que se guindou ao plano mais destacado da actualidade artística, interpretada por um elenco de estrelas, com especial realce para Eugénio Salvador, José Viana, Lígia Teles, Mariana, Helena Vieira, Luís Horta, Linda Silva, Palmira Ferreira, Vítor Mendes e os notáveis actores internacionais Ana Monica, Vicky e The Rollers Stars, à frente de um cartaz em que avulta um elegante friso de discípulos, bailarinos ingleses, franceses e portugueses, bailarinos e, ainda, a moderna orquestra de Carlos Dias. Com poema de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, música de João Nobre e Carlos Dias, coreografia de Mariano Franco, figurinos de Mário Alberto, montagem de Hernani e Rui Martins, encenação de Salvador e todo o luxo e requinte que distingue as produções de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, prossegue, pois, todas as noites, no Capitólio, a brilhante carreira de «Quem tem boca vai a Roma».

ABC

Uma revista popular

Apesar de se encontrar em ultimas representações, não diminui o interesse e o êxito da revista «Mini-Saias». Escrita por Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, musicada por João Nobre e Ferrer Trindade, «Mini-Saias» é um espectáculo pleno de alegria e colorido. O elenco é composto por Ivone Silva, Arthur Semedo, Leônia Mendes, António Anjos, a atracção Beatriz da Conceição, Lurdes Lima, Orlando Fernandes, no «coppé» e, as discípulas Tânia Mota e Fernanda Rodrigues, um gracioso corpo de baile. «Mini-Saias», em ultimas sessões, apresenta-se às 20 e 45 e às 23 horas, e, no dia 20, será apresentada em Setúbal.

«Uma estrela sem nome» no Mundial

É uma pequena obra-prima da cinematografia francesa o belo filme «Uma estrela sem nome», que o cinema Mundial ontem estreou, com o maior agrado do público, que se rendeu a mais esta expressiva afirmação artística de um dos melhores realizadores modernos — Henri Colpi, que a Casa da Imprensa revelou, há dois anos, como

cinasta, exibindo no seu Festival de Cinema essa extraordinária película «Uma tão longa ausência», que conquistou tantos prémios internacionais.

No seu novo trabalho, em que consolida o enorme prestígio adquirido («Uma estrela sem nome» reúne todas as qualidades artísticas patenteadas em grande dimensão naquela outro filme), Colpi revela um mundo de experiências curiosas (e válidas), que provocam funda discussão; outra vez o realizador nos dá a medida de uma força cinematográfica que soube definir com essa linguagem própria do destino dos grandes autores. Obra suavíssima, em que as sugestões literárias adquirem um relevo de certo modo singular, o filme tem, todavia, um sopro de poesia absoluta — e resolve-se mesmo numa atmosfera poética, que atinge momentos de beleza pura, tão pura como a água cristalina que escore da pequena fonte do amoroso jardim de uma humilde casa de uma pequena cidade romana (em tudo isto há uma transparência lírica verdadeiramente excepcional).

«Mon», no título original, fica como um filme antológico, na medida em que lhe poderemos encontrar algumas propostas artísticas originais sobre os problemas da essência humana. Sem desvendar propriamente possibilidades maiores nos caminhos de uma arte inteiramente moderna, como sucedera em «Uma tão longa ausência», Colpi conseguiu, no entanto, uma obra capaz de lutar contra o tempo. A partitura musical, de Georges Delerme, que muito acentua as principais sequências, exerce influência poderosa na película, que se impõe como testemunho de estética cinematográfica. Por outro lado, a história fantástica e romântica é enquadrada em locais de repousante beleza, que a câmara quase imóvel captou, com fotografia admirável de Aurel Samson. Tudo se congregou, com efeito, para proporcionar ao público uma sublime densidade emotiva.

«Uma estrela sem nome» — ou uma noite de amor, descoberto com coisas novas e diferentes — é uma história banal, é certo, mas que as

personagens fazem transcender, em resultado da forma como se ligam aos problemas. Colpi aproveitou-se de um romance de Mihail Sebastian — e ele próprio a adaptou brilhantemente, assinando ainda os diálogos embebidos da pureza poética que caracteriza as curtas horas de um amor vivido com intensidade numa pitoresca cidade da Roménia, entre Bucareste e Sinaia. Marina Vlady, estonteante de beleza e de doçura, compõe muito bem a bela e jovem mulher que, ao querer fugir de uma vida de ócio e de tédio, surge na noite, para revelar o amor a um jovem apaixonado da astronomia, que sonha e passa o seu pensamento entre os astros. É Claude Rich que interpreta, magistralmente, com dramatismo, o papel desse tímido professor de liceu, que tem assustados sobre si os olhos da cidade e acaba por se completar inteiramente ao descobrir o amor à sombra das estrelas que o apaixonavam. Mas, na manhã primaveril, «Mon», que era demasiado bela para passar o seu vestido de noite por aquelas paragens, «confiou-o» novamente aos milhões de anos do infinito, deixando o seu perfume mavioso por toda a cidade e, especialmente, num coração que desabrochava para o céu de outra esperança... — Visor 60.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Paléteama

Título — «Surcouf, o maior de todos».
Produção — Francesa.
Interpretes — Gerard Barry, Terence Morgan, Antonella Luadi e Geneviève Caside.
Gênero — Aventuras nos mares.
Distribuição — Sonoro Filme.
Processo — «Techniscope» e «east-mancolor».
Classificação — 12 anos.

No Estúdio 444

Título — «Gertrudes».
Produção — Dinamarquesa.
Realização — Carl Dreyer.
Interpretes — Nina Pens e Bendt Rother.
Gênero — Dramático.
Distribuição — Doperfilme.
Processo — Normal, preto e branco.
Classificação — 17 anos.

«Paris já está a arder?», no Império

Há algumas semanas já que em vários cinemas da capital francesa se exhibe o filme «Paris já está a arder?», de René Clément. Ao mesmo tempo que isso acontecia em França, sucedia o mesmo noutras partes do Mundo, incluindo a América. Tanto em França como nos Estados Unidos, embora por motivos diferentes, a fita suscitou polémicas, já não diremos puramente cinematográficas, mas, em todo o caso, polémicas... Os jornais franceses, por exemplo, contestaram muito a posição do general von Choltitz no caso da projectada destruição de Paris, que constituiu, a certa altura, um dos aspectos da derrocada hitleriana, que parecia querer sepultar consigo, como um símbolo, uma das mais gratas e mais europeias das imagens do Mundo. Contestou-se, por outro lado, nos Estados Unidos, a versão feita em língua inglesa, a qual, segundo alguns, respeita certas conveniências gratas à posição americana nesta questão. Ontem, finalmente, aquela obra cinematográfica apareceu em Lisboa, não com tanta gala como a que assinalou a sua estreia em Paris, mas, mesmo assim, com a presença do Chefe do Estado, de membros do Governo e do corpo diplomático, artistas, individualidades da nossa vida financeira e, enfim, de todos aqueles que não perdem uma estrela de gala, em especial quando ela se destina a fins de beneficência.

No caso de «Paris já está a arder?», o beneficiado foi o Instituto Português de Reumatologia, que, com a ajuda das plateias a cem escudos, viu aumentados os seus recursos e a sua capacidade de realização da obra que se propõe desenvolver.

É bem verdade que vinte anos são muito pouco tempo na História do Mundo, embora possam ter alguma coisa de peso no desanviar das paixões que ensoambram a vida dos seres. O que nos pode admirar, antes de mais, é que René Clément se tenha proposto fazer obra de História quando estão vivas, na grande maioria, as pessoas que foram espectadoras ou participaram nos sangrentos acontecimentos da última guerra.

Para nós, os que não atingimos ainda os trinta anos, e porque vi-

vemos em Portugal só muito por alto estes acontecimentos nos tocam, embora as nossas convicções pela liberdade, pela paz e pelo respeito dos povos e das nações não precisem de nos segregar que certas loucuras deste século constituem verdadeiras barbaridades da consciência. Outro tanto se não passará com os que têm agora quarenta ou mais anos — e são vivos, como, por exemplo, Eisenhower e de Gaulle. Esses e todos os da sua geração conhecem os acontecimentos por experiência própria. Daí o grave risco que o realizador quis correr. Em França, porque tratou da libertação do seu país numa hora crucial, na Alemanha porque a encontra talvez redimida, vencida e ensinada pelo passado (e ninguém deseja hoje ferir a sensibilidade patriótica dos alemães), noutros países porque desejam ver a sua participação na guerra tratada de forma que só ilustre os seus brios nacionais. Ter René Clément conseguido passar por cima de tudo isto com independência, mas bom senso e equilíbrio, não é pouco do que se poderá dizer da sua obra. Para chegar a tal fim, ele deixa

(Continua na 23.ª página)

TEATRO

ABC

Telef. 366745

JOSÉ MIGUEL apresenta

«MINI-SAIAS»

(ADULTOS)



Beatriz da Conceição

ÚLTIMOS DIAS

HOJE às 20.45 e 23 horas

SÓ ATÉ DIA 19

DIA 20 EM SETÚBAL

BREVE-MENTE A REVISTA «Sefe Colinas»

(Continuação da 5.ª página)

desafio Inter-Real. As frases referem-se a incidências do jogo, mas os espíritos lucidos e interessados encontrarão nelas vasta matéria para meditação.

As «faltas» são quase sempre prenúncios de falta de forças.

A subtilidade pode mascarar a obstrução.

Contra o tecnicismo de uns, o poder de pernas de outros.

Infundir respeito para quebrar o ímpeto.

Aproveita-se esplendidamente uma abertura...

Homens em linha na linha da bola.

Tem terreno aberto, infiltra-se.

Um toque é o suficiente para desequilibrar.

Um «furioso» incita...

Superioridade na vigilância e na destruição.

Manter pelo menos a desvantagem mínima.

Jogar em estoicismo.

Tempo de salto — muito importante.

Fraca, articulação — superioridade do adversário.

Espírito de combatividade ao serviço de uma organização.

Fazer do golo a base da actuação.

Cortar todos os caminhos da bola.

NOITE DE TEATRO

«A AMEAÇA»

— Chego ao fim. Fecho os olhos (pobres dos meus olhos!). Procuro não sei quê. Procuro entender. Descobrir uma fresta por onde o raio de luz possa entrar e ferir de morte a escuridão. Porque eu não acredito que alguém tenha escrito aquilo e atrever-se, depois, a chamar-lhe Teatro. Não escreve aquilo Figueiredo de Barros. Nem ele nem ninguém. Pelo menos recuso-me a aceitar que aquilo, antes de estar ali, tenha estado na cabeça de quem quer que seja. Na cabeça, na alma, no sangue ou sei eu lá onde vive o artista o poema, o quadro, o drama.

No entanto, aquele tema tinha mãos para agarrar uma caneta. Ninguém nasce para nascer já morto. É a «Ameaça» de Figueiredo de Barros não estava morta à partida.

Reparem: numa cidade dos Estados Unidos (porque nos Estados Unidos?) grassa uma perigosa in-

toxicção alimentar. Aproxima-se a meia-noite, hora a que as crianças festejam o aniversário da cidade. Todas irão comer as suas guloseimas e, a seguir, todas seguirão para o banco do hospital, a grande velocidade.

Reunem-se os sábios com o presidente da Câmara para discutir se devem ou não lançar um alarme geral.

Aqui julgava eu que se firmava a tese da peça. O autor viria discutir connosco se deve dizer-se à cidade, ao país, a verdade, só a verdade e nada mais que a verdade; discutir se a verdade, se o tomar consciência de determinado perigo, pode ser ou não benéfico para a comunidade; se calar não será às vezes, melhor...

Não era isto. Nada disto. Aquele problema resolve-se de uma penada: o conhecimento da «ameaça» iria causar o pânico, logo havia era que descobrir a origem da intoxicação e aplicar a pastilha. Todo o interesse reside agora na maneira como se irá processar a pesquisa da toxina. Mas este problema também se resolve, e em questão de minutos: por acaso o cientista descobre a num boneco feito de pão, tradicionalmente comido naquela data. Vitória, vitória, acabou-se a história, a cidade, livre da ameaça com tanta facilidade, pode comer e viver tranquilamente, os «sábios» velam...

O diálogo foi, geralmente, frouxo, embora fosse visível, de quando em quando, uma certa desenvoltura, uma certa facilidade de construção. Mas foi, também, visível que Figueiredo de Barros lavrava uma terra que não conhecia: adivinha-se o seu constrangimento nas reuniões dos médicos, no ambiente de hospital e de laboratório. Impossibilitado — não descortino a razão — de levar até às máximas consequências a tese proposta logo de início? Não sei. O que sei é que Figueiredo de Barros não atingiu a lebre — e depois entreteve-se todo o resto do tempo a dar tiros indiscriminadamente, como os meninos que esperneiam quando não lhe satisfazem a vontade...

Com um tema falhado, os actores têm, necessariamente, de falhar. Todos procuraram cumprir — eis um daqueles «chavões» a que terrei às vezes de recorrer. Agora, por exemplo. — M. C.

AVENIDA às 21.45 horas (Adultos)

TEL. 320379
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES do grande êxito

«SENHORA NA BOCA DO LIXO»

de JORGE ANDRADE
NO SÁBADO, às 16 h., última tarde com SENHORA NA BOCA DO LIXO.
às 21.45 h., estreia de O CAMARADA MIUSSOV, de V. KATAIEV

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

2 SESSÕES, às 21 e às 23 horas (ADULTOS)

50 % de desconto para estudantes

A CêPêCê — Companhia Portuguesa de Comediantes, subsidiada pela Fundação Gulbenkian, apresenta



«THE BIG KNIFE»

LOTES PARA MORADIAS EM CASCAIS

PREÇOS DESDE 50 CONTOS

ÓTIMA SITUAÇÃO, JUNTO DO CONJUNTO TURISTICO E O AERÓDROMO DE TIRES, BEM SERVIDO DE TRANSPORTES COLECTIVOS PARA AS PRAIAS DE SANTO AMARO, CARCAVELOS, PAREDE, ESTORIL, CASCAIS, ETC.

PROP. BARAONA & BARAONA

Estrada Marginal, Lote J. M. E.-2.º C — CASCAIS
Tel. 28 23 45 e 28 23 88



Uma das grandes epopeias da II Guerra Mundial foi, incontestavelmente, a luta travada para impedir a consumação da terrível ordem de Hitler: Paris deve ser arrasada! E, graças ao cinema, é-nos possível reconstituir hoje a grande odisséia desse período. «Paris, já está a arder?» é o filme que agora se estreou no IMPÉRIO, em rigoroso exclusivo de época, e que o público acolheu entusiasticamente. Dirigido por René Clément, e com um «cast» fabuloso (Delon, Montand, Belmondo, Chakiris, Signoret, Welles, etc., etc.), o filme do IMPÉRIO é a grande sensação da temporada



SÃO JORGE: lotações esgotadas. «Um Homem e uma Mulher», justamente galardoado no festival de Cannes, agita neste momento a população que em Lisboa frequenta o cinema. A estreia de Claude Lelouch como realizador proporcionou espectacular recuperação a Anouk Aimée que nos surge ao lado de dois extraordinários actores: Jean Louis Trintignant e Pierre Barouh. A revista «Film Français» de 10 deste mês, no seu balanço de 1966, informa-nos que um único filme ultrapassou em Paris o elevado número de 750 mil espectadores: «Um Homem e uma Mulher»



O sucesso que a semana passada tínhamos previsto para «Rainha do Amor», o último filme de Sarita Montiel, que está a ser exibido no ODEON, foi largamente ultrapassado. Entra agora em 2.ª semana, com lotações sempre esgotadas, filme que o público aguardava com ansiedade. Sarita Montiel, afastada há alguns tempos das nossas salas, teve um regresso triunfal e merecido. A popular actriz espanhola continua a aliar à sua extraordinária beleza uma magnífica voz e, as belas canções deste filme confirmam, uma vez mais, o seu talento. Os nossos parabéns ao ODEON por este feliz regresso de Sarita Montiel



«Os Profissionais» saltaram do Saldanha para Campo de Ourique, prosseguindo no EUROPA, moderno e acolhedor cinema, uma carreira bem merecida, pois se trata de um filme perfeitamente conseguido e com condições de agrado para um público bastante heterogéneo. Recordar-se que uma das grandes deste filme de Richard Brooks reside no enorme «cast»: Burt Lancaster, Lee Marvin, Robert Ryan, Jack Palance, Ralph Bellamy e Claudia Cardinale



SE os governos arrecadam fabulosas somas com o espectáculo de cinema (através de impostos de toda a ordem), é justo que o auxiliem contribuindo com verbas para a sua expansão nacional.

Quase sempre são discutíveis em todo o mundo as formas de auxílio a produtores ou realizadores, dado que as repartições, comissões, conselhos, etc., têm dificuldade em evitar apadrinhamentos ou tutorias.

Mas uma coisa é certa nalguns países: o dinheiro não fica no fundo da arca e os homens de cinema não apodrecem na inactividade. Lembremos aqui o exemplo francês, cuja cinematografia, em permanente desenvolvimento, tem revelado constantemente novos realizadores.

Baseados numa informação do boletim da União de Grêmios dos Espectáculos, informaremos que no ano de 1966 o Governo da França continuou a olhar o cinema e acreditar nele como meio de divulgação da cultura e rendosa fonte de receita, concedendo elevadas verbas que permitiram o seu prestígio internacional. Para a expansão do filme francês no estrangeiro (subsídios a filmes de fundo) despenderam-se cerca de 44 mil contos; para a produção de documentários quase 22 mil contos; para a continuidade dos jornais de actualidade aproximadamente 20 mil contos.

Foi desta forma possível garantir a existência de um cinema nacional com verbas obtidas através dos impostos arrecadados nas salas de espectáculos. Quer isto dizer que o Governo francês está atento a uma indústria que emprega milhares de pessoas, investindo nela capitais cujo juro é francamente compensador.

Portanto: boa e inteligente política administrativa.

O realizador da semana

Nas origens do cinema há um certo número de nomes que, como em qualquer forma de arte, perduram indefinidamente. A maior parte já desapareceu (como Eisenstein, Griffith, Sjöström, Feuillade, Murnau, etc., etc.), mas entre os vivos ainda contamos com Carl Dreyer, Dovjénko, Gance, Chaplin, Lang, apenas para citar alguns dos mais conhecidos.

Destes últimos falemos de Carl Dreyer, não só porque corre agora entre nós o seu último filme («Gertrudes», no Estúdio 444), mas também porque a sua obra é quase desconhecida da maioria do nosso público.

Para a biografia de Dreyer quase que bastaria citar, e analisar, o seu filme «Joana d'Arc», considerado unanimemente pela crítica como um dos «dez mais belos filmes do mundo», tal é a sua importância para a história do cinema. Mas para melhor situar a obra de Dreyer no seu contexto ideológico talvez seja elucidativo recorrer às suas próprias

afirmações. Diz ele: «Existe uma estreita semelhança entre uma obra de arte e um ser humano: ambos têm uma alma — que se manifesta no estilo. Pelo estilo o criador funde os diferentes elementos da sua obra e obriga o público a ver o assunto com os seus próprios olhos».

Depois de uma breve passagem pelo jornalismo Dreyer inicia os seus primeiros passos no cinema. E em 1912 inicia a sua fase de argumentista (Dinesen), que se prolongará até 1918. Data de 1920 o seu primeiro filme, «O Presidente». A partir daí, e até 1932, algumas obras-primas saíram das suas mãos («Joana d'Arc», «Vampiro», «Ordet»). Depois de uma pausa de 10 anos regressa aos estúdios e as obras que apresenta só nos vêm provar que o seu génio não tinha envelhecido. E toda a série de filmes que dirigiu nesta segunda fase demonstram claramente que Dreyer continua a ser o esteta e o humanista da época heroica do cinema.



O cinema ROMA apresentará amanhã, um filme francês com a assinatura de Jacques Deray, «O rapto de Zelda», assinado como um dos mais importantes filmes de acção da temporada. Um elenco notável «vive» a história da jovem tentadora milionária: Jean-Paul Belmondo, Geraldine Chaplin, Sophia Daumier, Gabriel Fazzetti, Akim Tamiroff, etc. «O rapto de Zelda», é um filme a assinalar entre as estreias da semana



A Fox apresentou esta semana no TIVOLI um filme que nos sugere a famosa «Patrulha da Alvorada». Os heróis do ar debatem-se com as suas máquinas frágeis numa guerra feita de golpes de sorte e de temeridades. «Ambição de Glória» (The Blue Max) tem a realização de John Guitlerman filmada a cores e em scope. Nos principais intérpretes encontramos Georges Peppard, a bela e discutida Ursula Andress, o veterano James Mason e um grupo de bons secundários



O MONUMENTAL acaba de estrear um filme com extraordinária actualidade, cujo tema toca milhares de pessoas identificadas com o problema que se lhes coloca nesta realização de Robert Gist. «Espero-te no Inferno querida» (An American Dream) revela-nos com certo realismo a vida e os dramas dum casal moderno esquecido do meio social americano. Nos principais papéis Stuart Whitman e Janet Leigh a que se segue uma lista de bons secundários onde se encontram os nomes de Barry Sullivan, Lloyd Nolan e Eleanor Parker



O público português vai ter oportunidade de contactar com um dos maiores realizadores da história do cinema: Carl Dreyer (o realizador da semana), graças à louvável iniciativa do ESTUDIO 444, que decidiu incluir na sua programação «Gertrudes» (Gertrud), a última obra do genial realizador. «Gertrudes» segue a linha temática e simbólica das grandes obras de Dreyer, que considera a verdade artística tirada da vida real e purificada dos seus aspectos secundários. A história de uma mulher, que procura no amor todo o motivo da sua existência, é analisada por Dreyer com a sua extraordinária lucidez



Qualquer dúvida que pudesse subsistir no espírito do espectador mais renitente está amplamente ultrapassada pelo enorme êxito que «Uma Réstia de Azul» está a alcançar no ESTUDIO. Verdadeiro panfleto contra o racismo (localizado nos Estados Unidos), mas visto por um prisma totalmente novo, «Uma Réstia de Azul» reúne ainda todas as qualidades essenciais a uma grande obra de cinema. Seria injusto ignorar as fabulosas interpretações de Sidney Poitier, Shelley Winters e Elizabeth Hartman (uma estreante cheia de talento), que completam, de uma maneira perfeita, este belo filme

O TEMPO QUE FAZ

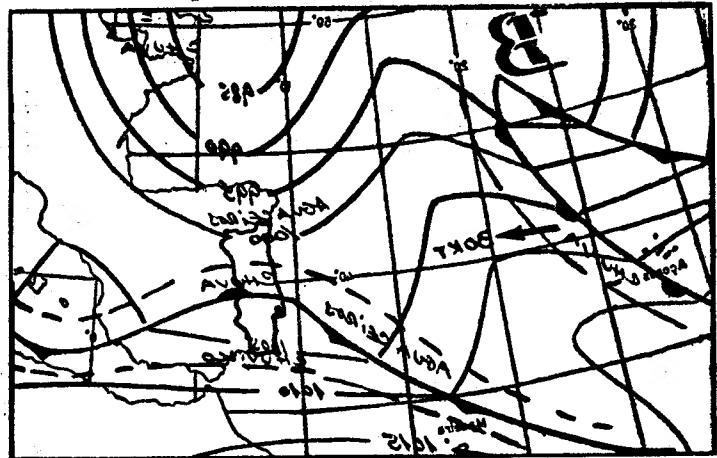
Informação do Serviço Meteorológico Nacional

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 11,5; na água do mar, 12,2.

TEMPERATURAS EXTREMAS

OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 18,7; mínima: Penhas da Saúde, -3.

A EVOLUÇÃO METEOROLÓGICA



(Carta de prognósticos para as 24 horas de hoje)

- A — Anticiclone (alta pressão)
- B — Depressão (baixas pressões)
- Isóbaras (hmb)

EVOLUÇÃO PROVAVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 17 — Deverá manter-se a influência da corrente de oeste.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ



SOL



AMANHÃ
Nascer às 8 e 27
Opor-se às 19 e 16

MARES



PREIA-MAR: Dia 16 — As 8 e 11 (3,4 m); 20 e 27 (3,3 m). Dia 17 — As 8 e 56 (3,2 m); 21 e 38 (3,1 m). Dia 18 — As 10 e 10 (3,1 m); 22 e 45 (3,1 m).

BAIXA-MAR: Dia 16 — As 1 e 42 (1,4 m); 14 e 05 (1,5 m). Dia 17 — As 2 e 32 (1,6 m); 15 e 03 (1,6 m). Dia 18 — As 3 e 40 (1,7 m); 16 e 17 (1,8 m).

FASES DA LUA

Amorim Dia 24 Dia 3 Dia 11

Céu muito nublado ou encoberto; vento moderado ou forte de noroeste, por vezes com rajadas; chuva, passando a regime de aguaceiros.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 16 — (L.) — O comando-chefe das Forças Armadas em Moçambique distribuiu o seguinte boletim informativo, referente à primeira quinzena do corrente mês:

«Durante o período coberto por este boletim, a actividade das forças militares, bem como a das milícias, foi grande, quer no aspecto quantitativo, quer em superfície.

Além das actividades habituais de patrulhamento, protecção das populações, escoltas, etc., destacam-se as operações de maior vulto, cujos nomes de código são «Buçaco» e «Careca», no distrito do Niassa, e «Martelada», «Trolha» e «Bigode», no distrito de Cabo Delgado.

Durante estas operações foram infligidas 81 baixas aos terroristas, sendo capturados 176 elementos, assim como armamento de origem russa e chinesa, e material diverso.

A actividade dos bandidos foi mais intensa no distrito do Niassa e teve também por alvo as populações, cuja adesão procura conquistar por todos os meios. Utilizaram minas e armadilhas, algumas das quais foram detectadas e levantadas pelas forças militares e elementos das milícias.

No final do período, na região de Messandaluz, distrito de Tete, elementos do «Coremo», vindos do estrangeiro, destruíram parte de um acampamento de trabalhadores que procediam à construção de um edifício para a administração.

As forças militares e as milícias reagiram imediatamente, pondo o inimigo em fuga e capturando alguns dos malfetores.

Durante este período, as forças militares não sofreram baixas.

PRÉDIO

EM ODIVELAS

Construção recente, em cimento armado, revestido a marmorite, composto de 1/2 chão e 3 andares com 2 inq. por piso, tendo cada habitação 3 casas soalhadas, cozinha, casa de banho, despensa e grande hall. Rendimento 59.520\$00. Todo alugado com rendas baixas. Preço 900 contos. Facilita-se parte

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2. — Telef. 36 93 84/5/6

Diário de Lisboa

COIMBRA

O «V Centenário» da «Real República Trunfé Kopos»

No sábado, a «Real República Trunfé Kopos» comemora o seu V Centenário (que, na gíria académica, equivale a cinco anos), com um importante programa, que será cumprido integralmente.

Assim, haverá um jantar no qual tomarão parte alguns professores universitários, representantes das outras repúblicas e dos organismos académicos, todos os antigos repúblicos e ainda os amigos que queiram visitar a república nesse dia.

Para que os festejos decorram com o maior brilhantismo, e a exemplo dos anos anteriores, não se tem poupado a esforços o trunfador, Rui Manuel dos Reis Martins, e os restantes trunfados: José Alberto Linhares Vieira, Abílio Gomes Travassos, José Eduardo Linhares de Castro, João da Silva Rocha, Carlos Alberto Maia Soares Calheiros, Henrique Jorge Campos Cunha, Artur Augusto Sá da Costa, António Domingos Vila Verde, José Manuel Couto Moreira Amorim, Viriato Miranda Varela dos Santos e Mário David.

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

Foi eleita a nova direcção da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, que ficou constituída pelos srs. prof. dr. Américo da Costa Ramalho, presidente; prof. dr. D. Maria Helena da Rocha Pereira, drs. Valter de Sousa Medeiros, Manuel de Oliveira Pulquério, cônego dr. Brito Cardoso, dr. Balthazar Oleiro e dr. Maria de Jesus Gomes.

Notícias da Figueira da Foz

Estão quase concluídas as instalações de uma nova indústria

FIGUEIRA DA FOZ, 16 — Uma fábrica de agar-agar, que será a primeira e única, está a ser construída no lugar dos Armazéns, da freguesia de Lavos, no sul do concelho, pela firma Sicomol.

A moderna unidade fabril, bem localizada, destina-se à laboração de agar-agar, espécie de geléia a partir de algas marinhas para produtos químicos. Esses vegetais encontram-se em qualquer época do ano na nossa orla marítima em quantidade e em diversos tons, fixados em rochas ou espalhados pela areia à beira-mar, conhecido por algas castanho e algas vermelhas. Algumas, pelo seu valor comercial, são muito procuradas para determinados fins industriais.

Sendo a zona marítima da Figueira a mais privilegiada para a fecundação dessas plantas, é esse o motivo por que os técnicos escolheram aquele lugar no sul do concelho para a localização da referida fábrica.

A este grande empreendimento está ligado, entre outros, o sr. prof. dr. Bissau Barreto, um dos primeiros e principais entusiastas por esta exploração industrial — única no País.

Empréstimo de milhares de contos para melhoria dos transportes colectivos

Foi sugerida na reunião camarária a construção de um hipódromo

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng. Araújo Vieira, por solicitação do conselho de administração dos Serviços Municipalizados, foi autorizado a outorgar, em nome da edilidade, o contrato a celebrar com o Fundo Especial dos Transportes Terrestres para um financiamento de 19 500 contos aos referidos Serviços, para melhoria dos transportes colectivos.

O sr. eng. Araújo Vieira deu co-

III Encontro de Teologia para Leigos

Por iniciativa do Instituto São Tomás — Pátima (Dominicanos), decorrerá amanhã, no sábado e no domingo, na União de Grêmios de Leigos, o III Encontro de Teologia para Leigos, subordinado ao tema «A fé em questão».

Elis o programa: amanhã, às 18 e 15, introdução; às 18 e 45, «A fé em questão», por fr. Luís Charlier; às 21 e 30, «Afinal, para que te serve a fé?», por fr. Raimundo de Oliveira; depois de amanhã, às 18 e 45, «A fé, dom e tarefa», por fr. Bernardo Domingues; às 21 e 30, «Agonia das religiões e sobrevivência da fé?», por fr. Mateus Peres; domingo, às 9 e 15, «Será a igreja precisa para a vivência da fé?», por fr. Bento Domingues. As inscrições fazem-se na sede do C.A.D.C.

nhecimento de que, tendo recebido dois ofícios dos Serviços de Turismo, manifestando o seu interesse pela construção de um hipódromo e do horto municipal, para isso apontava os terrenos da Escola de Regentes Agrícolas, na Bencanta. Ali se dirigiu o presidente do Município, acompanhado pelo vice-presidente, sr. prof. dr. Neto Murta. Trocaram impressões com o director da Escola, o qual manifestou a melhor boa vontade em colaborar, dentro do que for estabelecido pelo Ministério da Educação.

Depois de apreciados esses importantes problemas, foi deliberado que o presidente da Câmara prosiga nas diligências para que tal alvitre chegue a bom termo. O sr. eng. Araújo Vieira, com esclarecimentos do sr. prof. dr. Neto Murta, informou ainda que, no decorrer da visita ao director da Escola de Regentes Agrícolas, foi levantada a ideia de se criar, naquele estabelecimento de ensino, uma escola agrícola «piloto», especialmente no sector frutícola, dada a existência de bom terreno para o efeito. A Câmara apoiou a ideia e deu poderes ao presidente para prosseguir nas diligências necessárias.

Foram ainda tratados vários assuntos e aprovados o estudo e o projecto da ligação da Rua Nicolau Chanterene à Rua Adolfo Coelho, no bairro da T.S.F.

Exposição de Actividades da E.F.T.A.

Vamos ter oportunidade de apreciar, no seu vasto conjunto, a Exposição de Actividades da E.F.T.A., que esteve patente ao publico em Lisboa.

A iniciativa deve-se à comissão administrativa da Associação Académica, que, por intermédio da sua comissão cultural, promoverá um ciclo de conferências sobre assuntos económicos durante o período da exposição, a qual será inaugurada no dia 21 na Faculdade de Medicina.

Os nomes dos oradores e os temas das conferências serão anunciados oportunamente.

Espectáculos para hoje

GIL VICENTE — As 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos).

AVENIDA — As 21 e 30: «O alfabeto do crime» (12 anos).

TIVOLI — As 21 e 30: «Férias no Harém» (12 anos).

SOUSA BASTOS — As 21 e 30: «Quo Vadis» (12 anos).

Farmácias de serviço

Rainha Santa — Rua da Figueira da Foz (Tel. 24737).

Donato — Rua Ferreira Borges (Tel. 22603).

Cruz Viegas — Rua do Brasil (Tel. 22961).

Cruz e Costa — Rua Dr. António de Vasconcelos (Tel. 26046).

Novo presidente da Delegação de Turismo da Madeira

O cargo de presidente da Delegação de Turismo da Madeira vai ser exercido, em comissão de serviço, pelo arquitecto sr. Carlos Alberto Lameiro, que actualmente desempenha as funções de chefe da Repartição das Actividades Turísticas do Comissariado do Turismo.

O arquitecto sr. Carlos Lameiro exercera, cumulativamente, o cargo de director da Escola Hoteleira da Madeira, a qual, em homenagem ao falecido presidente da Delegação de Turismo, passará a designar-se Escola Hoteleira Rafael Porto Machado.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA ao concelho do Seixal

Publicou-se hoje no «Diário do Governo» o regulamento do serviço de abastecimento de água ao concelho do Seixal.

A MULHER E A LEI

Depois de termos falado aqui, na semana passada, da sucessão legítima, diremos, hoje qualquer coisa que possa interessar às leitoras — e aos leitores — sobre a sucessão legítima. Esta é a que se caracteriza pela existência de uma legítima: porção de bens dos quais o testador não pode dispor porque se destinam, por força da lei, a certos familiares.

Quais são estes familiares — que, precisamente, se chamam herdeiros legítimos — e que parte da herança lhes é obrigatoriamente destinada? São herdeiros desse tipo os descendentes e os ascendentes, e a sua legítima varia consoante o grau. O novo Código Civil, que entrará em vigor no dia 1 de Junho próximo, também alterou o regime da sucessão legítima — e é a esse futuro novo regime que aqui nos reportamos.

Assim, de acordo com ele, a legítima dos filhos é de metade, se existir um só, e de dois terços, se existirem dois ou mais. Os descendentes de outros graus (netos, bisnetos, etc.) têm direito à legítima que caberia ao seu ascendente — metade ou um terço pois, conforme os casos — repartindo-o depois

TAUROMAQUIA

Tertulia «Festa Brava»

Em assembleia geral foram eleitos na Tertulia «Festa Brava», para a direcção os srs. Manuel Casqueiro e Fausto Calado Alves, presidente e vice-presidente; Fernando Alves, secretário; António Vieira, tesoureiro; António Calabala, José Maria Gris e Vítor Rodrigues Alves, vogais; Aníbal Tapadinhas e Fernando Camacho, delegados à Federação e suplente; Lopes Mega e Pita Valente, presidente e vice-presidente da assembleia geral; Domingos Lopes Mega e Antero Olalo, presidente e secretário do conselho fiscal, e Alberto Clisio da Silva, relator.

Luís Miguel da Veiga

Sobrinho e neto de grandes e ilustres cavaleiros, tem o jovem Luís Miguel da Veiga a pesada responsabilidade de manter íntegro o prestígio alcançado pelos seus antepassados durante algumas décadas. Ciente dessa responsabilidade e confiante nos seus vastos recursos natos, Luís Miguel da Veiga tem vindo a intensificar a preparação de três cavalos recentemente adquiridos, que julga poder apresentar na temporada que se avizinha juntamente com os que possuía.

tal como se se tratasse de sucessão legítima.

Quanto à legítima dos ascendentes, ela é de metade tratando-se dos pais e de um terço tratando-se de avós, bisavós, etc.

Note-se que para o cálculo da legítima se deve atender não só ao valor dos bens existentes no património do autor da sucessão à data da sua morte, como ainda aos valores doados, às despesas sujeitas à colação e às dívidas da

herança, não podendo ainda o testador impor encargos sobre a legítima, nem designar os bens que a devem preencher contra a vontade do herdeiro.

Porém, há casos em que o «de cujus», o autor da sucessão, pode não deixar quaisquer bens aos herdeiros legítimos, fazendo testamento em que expressamente declara a causa da deserção, e privando-os assim da legítima. Porém, ele só o pode fazer — isto é: só pode deserdar os seus ascendentes ou descendentes — quando se verificarem algumas das seguintes ocorrências:

1) Ter sido o sucessível (herdeiro legítimo) condenado por algum crime doloso cometido contra a pessoa, bens ou honra do autor da sucessão, ou do seu cônjuge, ou de algum descendente, ascendente, adoptante ou adoptado, desde que ao crime corresponda pena superior a seis anos de prisão;

2) Ter sido o sucessível condenado por denúncia caluniosa ou falso testemunho contra as mesmas pessoas;

3) Ter o sucessível, sem justa causa, recusado ao autor da sucessão ou ao seu cônjuge os devidos alimentos.

O deserção pode impugnar a deserção, com fundamento na inexistência da causa invocada, no prazo de dois anos a contar da abertura do testamento.

AO CORRER DO TEMPO

Há dias, peguei de novo em «Cartas a um Poeta», de Rainer Maria Rilke, e reli-o. A sua leitura fez-me tanto bem que o levei para a minha mesa-de-cabecira a fim de o ter à mão em qualquer altura da noite. Que mundos nos descobre esse poeta, como aprendemos com ele a profunda grandeza da vida espiritual! O poeta do indefinível, da morte e da solidão levava-nos, através de um poder suave de persuasão, a analisarmos, a aceitar o incognoscível que existe em nós e em nosso redor e a amá-lo como motivo de aperfeiçoamento.

Afirmava ele: «Só uma coisa é necessária: a solidão... E o seu crescimento é doloroso como o das crianças e triste como a ante-Primavera. Caminhar em si próprio e, durante horas, não encontrar ninguém, a isto é que é preciso chegar.»

A solidão não proíbe a comunicação com os outros, antes proporciona um mais profundo e lívido contacto. O poeta revelava aos seus leitores o fruto das suas lucubrações, da exploração da sua alma e da vida. Através destas «Cartas a um Poeta» exprimeu não só valiosos conceitos sobre a valorização espiritual como a força irradiante da sua simpatia humana. Através de leitura atenta sentimo-nos rodeada por aquela, mais dentro de nós próprios e, por paradoxo, menos nós. Com o Poeta comungamos nas mesmas ideias, de idêntico amor pelas coisas.

EVA



A rainha Fabiola consola uma criança que sofreu queimaduras durante o incêndio num asilo, próximo de Bruxelas, e do qual resultaram trinta mortos

Curiosidades

Os principais idiomas falados no mundo são:

- 1 — O chinês — que não é um idioma, mas um conjunto de quatro línguas (entre as quais se distingue o mandarim e o cantonês — e uns 200 dialectos).
- 2 — O inglês — o idioma mais generalizado no mundo.
- 3 — O russo — grupo de línguas eslavas faladas na Rússia.
- 4 — O hindi — na Índia e Paquistão.
- 5 — O espanhol — na Espanha e América espanhola, nas Filipinas, no Norte de África e no Levante.

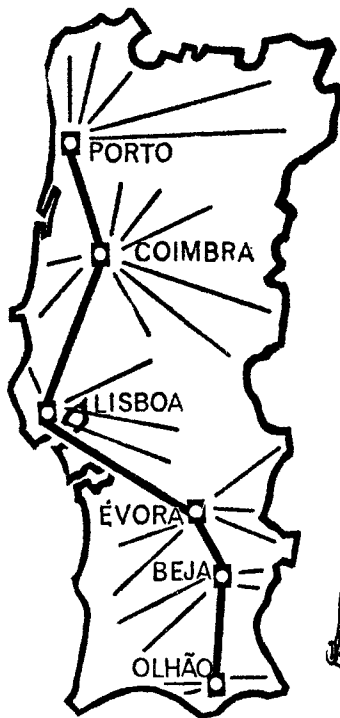
- 6 — O alemão — na Alemanha, Austria, Suíça e terras vizinhas.
- 7 — O japonês — no Japão e parte da Coreia e Manchúria.
- 8 — O português — no Brasil, Portugal e Províncias Ultramarinas.
- 9 — O francês — na França, Bélgica, Suíça, Canadá, Haiti, etc.
- 10 — O bengali — na Índia e Paquistão.
- 11 — O árabe — no Norte de África e no Levante.
- 12 — O italiano — na Itália e suas antigas colónias.

PEIXE

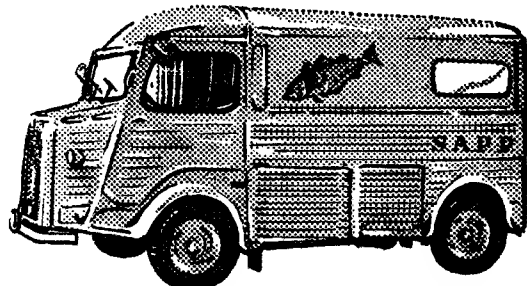
NUMA LARGA REDE DE DISTRIBUIÇÃO

CONGELADO E FRESCO

EM TODO O PAÍS



LOCALIZAÇÃO DOS CARROS-PEIXARIAS



PEIXE

REDE DE FRIO

A Sociedade MENEZES & ANJOS, LDA., na sequência da sua já conhecida actividade, informa que continua a fornecer ARMÁRIOS FRIGORÍFICOS aos estabelecimentos que estejam interessados na distribuição de produtos congelados: PEIXE, FILETES DE PEIXE, CARNES, VEGETAIS, AVES, etc.

Procura-se, assim, continuar a bem servir o público, ideia que, em hora feliz, tem vindo a ser anunciada como sendo o pensamento do MINISTÉRIO DA ECONOMIA.

As firmas interessadas, em qualquer ponto do País, deverão dirigir a sua correspondência para:

MENEZES & ANJOS, LDA.
RUA DE S. MAMEDE AO CALDAS, N.º 11, 4.º-DTO.
LISBOA

ZONA DE CASCAIS:

- 1 — Fontainhas, Alvide, Abuxarda, Amoreira
- 2 — Alcáideche, Alcoitão, Manique, Bicesse
- 3 — Bairro da Torre, Esc. Municipal de Cascais
- 4 — Caliza
- 5 — Murtal, S. Pedro do Estoril
- 6 — Parede
- 7 — S. Domingos de Rana, Albarraque
- 8 — Nova Oeiras, Porto Salvo
- 9 — Carcavelos, Sasseiros, Arneiro
- 10 — Coxias (Baixo Dr. Oliveira Salazar)
- 11 — Paço de Arcos

DISTRITO DE SETUBAL:

- 12 — Costa da Caparica
- 13 — Laranjeira (Cova da Piedade)
- 14 — Almada (junto ao edifício do Liccu)
- 15 — Foguetreiro — Seixal
- 16 — Cova da Piedade
- 17 — Pragal (Almada)
- 18 — Seixal
- 19 — Paio Pires
- 20 — Moita
- 21 — Barreiro

OUTRAS LOCALIDADES:

- 22 — Olhão
- 23 — Olhão
- 24 — Coimbra
- 25 — Coimbra
- 26 — Linda-a-Velha, Carnaxide, Linda-a-Pastora
- 27 — Queluz
- 28 — Olival-Norte, Sacavém
- 29 — Évora
- 30 — Évora
- 31 — Carriche, Odivelas



SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAÍS

Vai aumentar a capacidade do armazenamento do porto de Lisboa

A fim de aumentar a capacidade de armazenamento do porto de Lisboa, a A. G. P. L. vai construir, em frente à estação marítima de Alcântara, um armazém com uma área coberta de 6 mil metros quadrados.

A obra, já iniciada, e com um prazo de acabamento de 120 dias, ocupa o espaço até aqui destinado a depósito de automóveis e outros

UM NOVO ARMAZÉM EM ALCÂNTARA DENTRO DE 120 DIAS

veículos que aguardam libertação alfandegária.

Segundo nos informaram da secção de Engenharia da A. G. P. L. o novo armazém destina-se, no entanto, a carga geral.

Trata-se de uma disposição que se impunha a fim de se aumentar a capacidade de armazenamento do porto de Lisboa — disse um informador da referida secção responsável pela obra.

Entretanto, para que os trabalhos principiasses, cerca de uma centena de automóveis e tractores foram dali transferidos para um ponto mais a oeste, sob a ponte, junto às antigas instalações da United States Steel Company.



Encostados aos pilares da ponte, automóveis e tractores, mudados de poiso, esperam que os vão desalfandegar

LEVERKUSEN, FIBRAS SINTÉTICAS - 3

O homem do fato sintético

por PEDRO ALVIM

O arranha-céus tem vinte e nove andares. O elevador é rápido: em menos de um minuto ficamos no piso vigésimo quinto. Somos introduzidos numa sala envidraçada e breve nos sentamos a uma mesa em forma de «U». O dr. Franz Linden, no topo, tem uma palavra para todos nós. Depois, Rudolf Oehlke, pronuncia-se sobre o dinamismo dos sintéticos. Situa-os no presente e no futuro... Nós temos os olhos na vidraça, longa e longa. Mas nada, nada se vê. Há nevoeiro em Leverkusen. Um tom cinza humido adere ao vidro. São dez horas da manhã e o exterior equivale a nada.

Falando em português, afirma Rudolf Oehlke:

— Preparamo-nos para colocar nos mercados internacionais novos fios «dralon» com características ainda desconhecidas do público...

O nevoeiro mantém-se ainda. Sentimo-nos protegidos pela vidraça. Foi nesse momento que, desviando os olhos do orador, reparei numa tapeçaria de Lucart no outro extremo da sala. Pendia, rígida, da parede: azul, verde e amarelo.

E Rudolf:

— Fios finos de «alto volume». Os «tricot» e tecidos de alto volume são feitos de duas variedades de fibras acrílicas: a fibra «dralon» normal, com apenas 1 por cento de encolhimento na fervura, e a fibra «dralon» especial com forte contração (20 a 22 por cento) quando fervida ou vaporizada.

São 10 e 15. Agora — uma

A inauguração do novo Q. G. da N. A. T. O. em território português

A composição da força naval mista da N. A. T. O. que chega ao Tejo na próxima terça-feira, por motivo da inauguração do quartel general da zona Iberlant, próximo de Sintra, é a seguinte: contratorpedeiros, americanos «Zelars» e «Mc Clay»; e holandeses «Limburg»; e fragata britânica «Merwick», com um total de 962 oficiais, sargentos e praças.

Na quarta-feira, depois de uma conferência de imprensa, às 10 e 30, a bordo do contratorpedeiro holandês «Limburg», efectuar-se-á com toda a solenidade, numa vivenda em Mem-Martins, e com a presença de membros do Governo português e do Corpo Diplomático, a cerimónia da inauguração do novo Q. G. do Iberlant, que ficará ali até ser definitivamente instalado próximo de S. Julião da Barra.

A força mista da N. A. T. O., que vem sob o comando do capitão-de-mar-e-guerra holandês F. Visser, deixa o Tejo no dia 24, durante a manhã.

chaminé alta rompeu o nevoeiro. A surpresa toca-me. Os meus olhos estão para além da vidraça.

—...Se as fibras acrílicas contraíveis forem trabalhadas em determinada proporção de mistura com fibras acrílicas normais, e se os tecidos e artigos de malha feitos com elas sofrerem acção de fervura ou vaporização, as fibras contraíveis encolhem-se e as não contraíveis encrespam-se. Daí resultam os fios chamados de alto volume...

Outra chaminé surge. O nevoeiro, lentamente, vai sendo



As fibras são juventude e futuro

estilizado. Fria — a vidraça mantém-se. Mas o exterior impõe-se pouco a pouco. Ao longe desenham-se (esboçam-se...) os telhados de complexos fabris.

E Rudolf, indiferente ao cenário que vai surgindo:

—...Softalon é o nome de um novo material que consta de fios de «Perlon» muito encaracolados, produzidos por um processo especial, dotados de elevada extensibilidade, para meias, «pull-overs», roupa interior...

Agora é já o rio que se vê no horizonte. Todo o céu está tocado de chaminés. Estamos cercados de produção. Só a vidraça é que ainda nos defende. Lanço um olhar para a tapeçaria de Lucart...

Há ainda a voz de Rudolf:

—As fibras derrotam os materiais antigos. Há estofos para veículos, de chaminés. Estamos cercados de produções. Só a vidraça é que ainda nos defende. Lanço um olhar para a tapeçaria de Lucart...

E Rudolf, no fim da sua exposição, aponta para o Lucart das três cores (azul, verde, amarelo) e diz com um sorriso: — Aquela tapeçaria é feita de «dralon».

● Do alto do arranha-céus...

Estamos agora todos erguidos, junto à vidraça. O nevoeiro desaparece.

(Continua na 19.ª página)

ZEBÚ

AGORA NOS CAFÉ PORTUGAL E BRASIL

SÃO SÓ 15 DIAS!!

CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

DESDE 30\$00 RESTOS DE COLECÇÕES

SAPATARIA LISBONENSE

RUA AUGUSTA, 202 • RUA DA ASSUNÇÃO, 57

UMA GRANDIOSA ROMAGEM ASSINALARÁ EM NOVA LISBOA O CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE NORTON DE MATOS

NOVA LISBOA, 16 — (L.) — Continuam a chegar à Câmara Municipal desta cidade novas e entusiásticas adesões das mais diversas entidades e organismos no sentido da sua participação activa nas manifestações enquadradas no programa comemorativo do centenário do

Bairros de pescadores

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António foi autorizada a ceder, gratuitamente, à Junta Central das Casas dos Pescadores, cinco parcelas de terreno municipal com a área total de 759 m², situadas na praia de Monte Gordo, destinadas à construção de um bairro de casas para habitação de beneficiários daquele organismo.

nascimento de Norton de Matos. Esta atitude da população de Nova Lisboa e de outros pontos do distrito garante que deverão revestir-se da maior grandiosidade, não só a romagem junto do monumento, como também o desfile das actividades em que muitos milhares de pessoas e numerosas viaturas se integrarão, em merecida homenagem ao fundador da cidade, que se firmou como um dos mais notáveis governadores de Angola.

Na romagem, junto do monumento, será colocado, no sopé da estátua de Norton de Matos, um motivo alegórico, de bronze, oferta dos funcionários que com ele serviram em Angola.

Está garantida a participação das forças militares da guarnição, que, além de abrirem o desfile, prestarão guarda de honra junto do monumento.



Um aspecto da cerimónia da posse

Tomou posse o novo director do Instituto Superior de Agronomia — prof. eng.º Raul Cabral

Na Reitoria da Universidade Técnica, no I. S. C. E. F., foi esta manhã empossado o novo director do Instituto Superior de Agronomia, prof. eng.º Raul Vasco Garcia Cabral. Após o secretário da Universidade Técnica ter lido o auto de posse, que foi conferida pelo reitor da mesma Universidade, prof. eng.º Hercúlo de Carvalho, o prof. eng.º Raul Cabral fez o compromisso de honra e assinou o respectivo auto.

Falou em seguida o reitor da Universidade Técnica, que agradeceu ao novo director do Instituto Superior de Agronomia o ter accedido ao convite que lhe foi feito, afirmando que era desnecessário traçar o seu elogio. Não obstante, pôs em relevo as suas qualidades de autêntico investigador, que tem vivido exclusivamente para a Ciência e que já lhe deu um valioso contributo, lembrando alguns dos mais importantes aspectos da sua carreira universitária.

O prof. eng.º Hercúlo de Carvalho afirmou que a investigação também evoluiu e ela é hoje um excelente treino para cargos de direcção — recordando os professores que estiveram à frente do I. S. de Agronomia, dos quais destacou nomeadamente os nomes dos profs. eng.ºs Manuel de Sousa Câmara e André Navarro, director cessante. Finalmente, o reitor da Universidade Técnica pôs em relevo que o empossado ia encontrar alguns problemas difíceis e que certamente conseguiria vencer, com o indispensável apoio dos seus colegas — prometendo também o melhor da sua colaboração, assim como a do Ministério da Educação Nacional, nesse sentido.

Usou, depois, da palavra o prof. eng.º Raul Cabral, que começou por agradecer a nomeação para o cargo e as palavras que lhe tinham sido dirigidas e lembrou também o nome de alguns dos seus antecessores, especialmente o do prof. Manuel de Sousa da Câmara, a quem prestou homenagem. O novo director do I. S. de Agronomia disse, em seguida, estar ciente da delicadeza da sua missão, «que envolve não só problemas próprios e comuns a qualquer escola superior, como os específicos, mas complexos, derivados de uma exploração agrícola integrada no ensino».

Conto com a boa compreensão e um apoio concreto do Governo — disse o prof. eng.º Raul Cabral

Após outras breves considerações, o prof. eng.º Raul Cabral afirmou «ao ser aquela a ocasião própria para apresentar qualquer plano de realizações, mas que tinha vários apelos a fazer»:

— Em primeiro lugar, conto com a boa compreensão e um apoio concreto do Governo para os diversos e difíceis problemas que todos nós gostaríamos de ver solucionados a bem do Ensino Superior Agrícola e Florestal, em ordem não só a uma preparação técnica mais adequada dos seus futuros diplomados, como para o desenvolvimento da indispensável investigação científica exercida pelo corpo docente. Estou inteiramente certo de que todos os meus colegas e — porque não dizê-lo também — toda a classe agrônoma e silvícola terão o mesmo de-

sejo que eu: que o Instituto Superior de Agronomia se distinga por um escol para a formação integral dos seus diplomados, a fim de, todos juntos, contribuímos eficaz e activamente para o engrandecimento do País. Para tanto, espero confiante que todos os colegas docentes compreendam e ajudem o novo director, vendo nele um colaborador e amigo atento aos problemas que lhe apresentam, pois que acima de tudo só deseja a harmonia, o bem comum e a promoção da sua Escola. Apelo também para uma cooperação mais estreita entre o Instituto e as outras Escolas, nomeadamente da Universidade Técnica, e bem assim com os diversos serviços de vários Ministérios, em especial os do Ministério da Economia, com os quais temos tantas afinidades. Manifesto igualmente este desejo às entidades particulares. Finalmente, dirijo também o meu pensamento aos caros estudantes. Que eles e nós nos esforcemos por constituir como que uma família onde reine o respeito, a confiança e compreensão recíprocas, para que o ambiente universitário seja propício ao trabalho de todos.

Ao acto estiveram presentes o secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vitória Pires; vice-reitor, prof. dr. António Maria Godinho, directores de todos os Institutos Superiores da Universidade Técnica, muitos professores catedráticos e outros elementos do corpo docente e o director do Instituto Britânico, de que o empossado foi bolseiro, tendo-se doutorado em 1945 na Universidade de Cambridge.

A Casa de Macau em Lisboa oferece hoje um jantar de homenagem ao prof. eng.º Raul Cabral.

P. S. P. DOS AÇORES

Foi nomeado comandante da P. S. P. de Ponta Delgada o capitão Aníbal Jacinto de Freitas.

CONFIE NA

Ourotesaria da
GUIA



FUNDADA EM 1878

COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS,
UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Desperdiçar não é grandeza.
Coloque as suas economias em
objectos que valham.

GRANDE OURIRESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

NA SAPATARIA

ZEBU

NÃO PAGA LUXO...
PAGA SÓ QUALIDADE
RUA DA ASSUNÇÃO, 51

NOS CAFÉS
BRASILEIRA

um novo e ótimo BACALHAU
6.ª-feira

É urgente a mecanização da vitivinicultura duriense — afirmou o deputado eng. Virgílio Cruz na sessão de hoje da Assembleia Nacional

Continuaram esta tarde, sob a presidência do sr. prof. Mário de Figueiredo, secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Mário Bento, os trabalhos da Assembleia Nacional, que está a discutir, na generalidade, a legislação proposta para o futuro Regime Jurídico da Caça.

No período de antes da ordem do dia, o sr. eng.º Virgílio Cruz, deputado por Vila Real, ocupou-se da crise com que se debate a lavoura duriense, cuja produção vinícola ocupa desde há séculos lugar de relevo na economia portuguesa e posição da maior importância na nossa balança comercial (no ano findo, só a exportação directa de vinho do Porto rendeu em divisas cerca de meio milhão de contos e as vendas no mercado interno excederam os 120 mil contos). Afirmou:

— Mas o encarecimento dos factores de produção, principalmente a enorme subida dos salários rurais, compromete os actuais sistemas de exploração da vinha no solo duriense que se apoiava em mão-de-obra abundante e barata. Com a carestia dos custos de produção e o retrocesso dos preços de venda dos vinhos de pasto nos últimos anos, o lavrador duriense atingiu um insustentável depauperamento económico. E, em consequência da ausência de rendimentos e da falta de horizontes que a agricultura oferece, o campo continua a despovoar-se e a empobrecer.

Disse impor-se uma mecanização em termos realistas e eficientes, para fazer face, em condições económicas, à crise de mão-de-obra, estando já feitos, pelas entidades competentes, os necessários estudos e ensaios, requeridos pela Federação dos Vinicultores, com vista a abrir novos horizontes à futura agricultura duriense. Preconizou a criação de núcleos de mecanização constituídos por lavradores, para assim se obter uma utilização rendosa do equipamento e os menores custos de produção, dado que grande parte do Douro é região de pequena propriedade e de monocultura. E ponderou:

— Urge traçar os rumos a seguir no campo da mecanização das operações vitivinícolas do Douro, definir as bases do apoio técnico e financeiro, mentalizar e esclarecer os lavradores e, se necessário, legislar de acordo com as necessidades criadas pelas directrizes a seguir, para entrar abertamente nas realizações e alcançar a curto prazo um número de objectivos bem determinados. A criação das infra-estruturas e meios necessários e, principalmente, a organização da motomecanização de grupos das pequenas e médias propriedades em moldes realistas, económicos e de bom rendimento, terá que passar a ser uma das tarefas de grande importância na política agrária contemporânea. Uma organização as-

sente em núcleos de mecanização virá salvar o Douro da grande escassez e carestia de mão-de-obra, garantindo, assim, pela mecanização daquilo que for possível nas operações de cultivo e fabrico, o presente da vitivinicultura do Douro e a preparação do futuro.

Medidas que se reclamam

O sr. eng.º Virgílio Cruz, em face da urgência em concretizar soluções, pediu aos serviços oficiais para passarem a uma actuação rápida e eficiente, confiando-se à Casa do Douro as tarefas de organizar os serviços de mecanização da vitivinicultura duriense e de, à margem da sua actividade normal, pôr em funcionamento núcleos de estrategicamente localizados. Sublinhou que essa utilização exige mão-de-obra preparada, surgindo a criação de um núcleo de formação profissional acelerada, a par de a Escola Agro-Industrial da Régua se concederem os meios necessários para a formação e aperfeiçoamento agrícola, especialmente orientada à vitivinicultura, a fim de atingir eficientemente os objectivos para que foi criada. E terminou:

— Na Região Demarcada do Douro vivem centenas de milhares de portugueses espalhados por 169 freguesias dos distritos de Vila Real, Bragança, Guarda e Viseu, todos carecendo de apoio do Governo pois só com ele conseguirão vencer a grande crise que atravessam. Para que a vitivinicultura duriense sobreviva e depois prospere, há que enfrentar os seus problemas com firmeza e persistência. O da escassez de mão-de-obra é dos mais agudos. Por isso é necessário e urgente que as entidades oficiais procedam à indicação segura das máquinas e equipamento a utilizar e fa-

(Continua na 17.ª página)

As relações médico-doente têm de adaptar-se às realidades do nosso tempo

— afirmou o prof. Miller Guerra
na Academia das Ciências de Lisboa

Sob a presidência do prof. Amorim Ferreira, efectuou-se hoje a reunião da classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, estando presentes muitos académicos, a fim de ouvirem uma comunicação do prof. Miller Guerra, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, sobre «A deontologia ante o progresso das ciências médicas».

O illustre professor começou por salientar que, como outros sectores da vida sócio-profissional, a Medicina sofreu nos últimos decénios transformações profundas, provocadas por três factores: o científico-técnico, o político-económico e o sócio-psicológico. Os três são inseparáveis, pois embora o movimento seja impellido principalmente pelo progresso científico, este encadeia-se com os outros factores,

de modo que se estabelecem relações e influências recíprocas dificilmente analisáveis por vezes.

Uma das consequências do novo condicionalismo observa-se no terreno da moral profissional, ou seja, da deontologia, conjunto de regras e normas de carácter ético que regem a prática médica desde tempos antigos. O encontro das novas ideias e estruturas científico-técnicas com os preceitos deontológicos, suscita dificuldades e até atritos, devidos à inadequação, transitória ou persistente, da realidade com as normas de conduta.

A título de exemplo, encarou três aspectos da Medicina contemporânea que se reflectem na deontologia: o segredo médico a questão posta à consciência e a lei ética pelas técnicas de reanimação (conceito de morte, legitimidade da transplantação de órgãos), e os aspectos médicos das práticas contraceptivas, deixando outras questões para a próxima comunicação (relações do médico com os serviços administrativos hospitalares, com os tribunais e com as instituições médico-sociais).

O prof. Miller Guerra concluiu a sua comunicação afirmando que a relação pessoal do médico com o doente, segundo os conceitos tradicionais, tem hoje de ser olhada sob um ângulo mais aberto que a situa dentro da sociedade moderna: embora mantendo o respeito pelas regras da prática médica que são herança do passado, é necessário adaptá-las às novas realidades para que assim o indivíduo e a sociedade beneficiem plenamente do assombroso progresso da Medicina.



Anouk Aimee, intérprete de «Um homem e uma mulher»

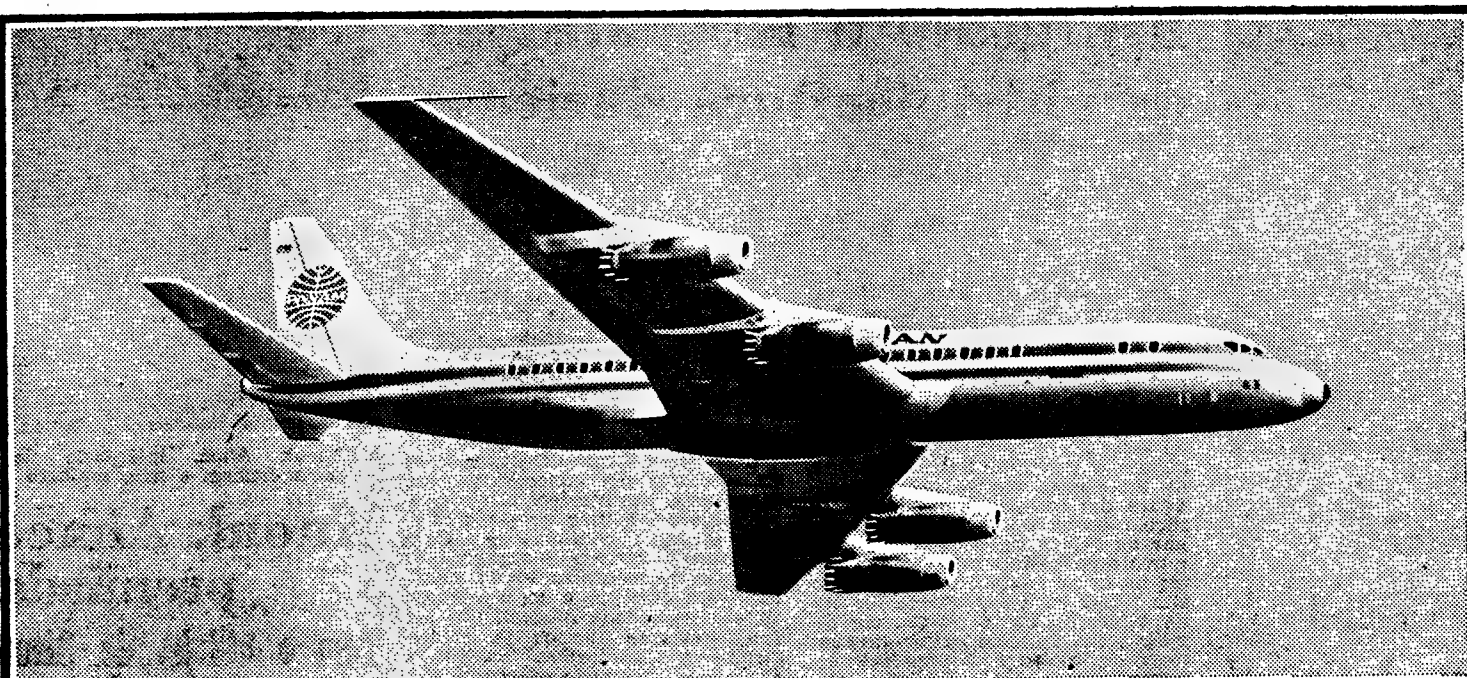
Anouk Aimee premiada com o «Globo de Ouro» pela sua interpretação em «Um homem e uma mulher»

HOLLYWOOD, 16 — (A. N. I.) — Paul Scofield e Anouk Aimee receberam o «Globo de Ouro», prémio atribuído pela Associação de Imprensa Estrangeira de Hollywood ao melhor actor dramático e à melhor actriz dramática de 1966. O actor inglês foi galardoado pelo seu desempenho no filme «Um homem para todas as estações» e Anouk Aimee pelo seu papel em «Um homem e uma mulher», actualmente em exibição em Lisboa, no cinema S. Jorge.

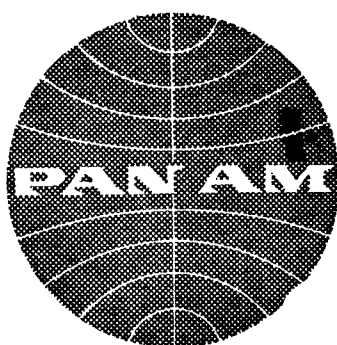
O filme «Um homem para todas as estações» recebeu também o «Globo de Ouro» destinado à melhor película dramática do ano e ao seu director, Fred Zinneman, foi entregue a uma estatueta destinada ao melhor realizador.

NEO BEPROL
ALIVIO RAPIDO NA
CONSTIPACAO
E NA GRIPE
1-2 COMPRIMIDOS APÓS OS PRIMEIROS SINTOMAS

ZEBU



Uma viagem à volta do mundo não custa uma fortuna nem leva uma vida inteira!



A sua viagem à Volta-do-Mundo nos gigantescos Clippers a Jacto da Pan American equivale ao preço de uma ida e volta ao exótico Japão. Custa tão pouco — apenas Esc. 37.555\$00* em classe económica — e pode ser paga com facilidades, utilizando o nosso plano de prestações.

Partindo de Lisboa para o Japão, terá a oportunidade de conhecer de perto as cidades fascinantes do Próximo e Médio Oriente como Istambul, Ankara, Beirute, Teerão, Karachi, Rangoon, Bangkok (com ligação para Timor) e Hong Kong (com ligação para Macau).

Regressando pelo Atlântico *sem qualquer aumento de preço*, visite S. Francisco e aprecie demoradamente outras cidades maravilhosas dos Estados Unidos, incluindo Nova York.

Terá assim a satisfação de ter dado a Volta-ao-Mundo GRATUITAMENTE com a Pan American — A Linha Aérea de Maior Experiência. A viagem pode ser feita em poucas semanas ou durar até 1 ano, se assim desejar.

A bordo espera-o um serviço atencioso e magníficas refeições servidas pelo Maxim's de Paris e acompanhadas por óptimos vinhos. Sentir-se-á feliz sabendo que escolheu o melhor.

Consulte o seu Agente de Viagens ou a Pan American, Praça dos Restauradores, 46. Serviços de Reservas 362591 (5 linhas).

A Linha Aérea de Maior Experiência no Mundo

PRIMEIRA SOBRE O ATLÂNTICO • PRIMEIRA SOBRE O PACÍFICO • PRIMEIRA NA AMÉRICA LATINA • PRIMEIRA À VOLTA DO MUNDO

* Não inclui a taxa de imposto de selo.

Termina no dia 28 o prazo de entrega dos originais concorrentes ao Prémio Rizzoli de Publicidade

Termina no próximo dia 28 o prazo de entrega de originais concorrentes ao 5.º Prémio Europeu Rizzoli de Publicidade.

São aceites anúncios a preto e branco ou coloridos, publicados tanto na imprensa diária como em revistas, durante o ano de 1966. As entidades concorrentes deverão enviar duas provas, em papel «couche», de cada anúncio, tratando-se da imprensa diária, ou dois exemplares da publicação, tratando-se de revistas, juntamente com a data



Comendador Angelo Rizzoli

de publicação e indicação dos respectivos veículos, para o Secretariado do Prémio — Via Civitavecchia, 102, Milão.

Os trabalhos serão apreciados por um júri internacional altamente qualificado, composto pelos srs. Julien Behagel (Bélgica); Borge G. Christensen (Dinamarca); Maurice Collet (Suíça); Miklos Csillag (Hungria); Sverre A. Daehli (Noruega); Harald Gutschow (Alemanha); Desmond B. O'Kennedy (Irlanda); Hayrettin Ozkul (Turquia); Manos B. Pavlides (Grécia); Mihailo Petrov (Jugoslávia); D. Salvador Pijoan Noguerola (Espanha); dr. José Maria Mesquita e Carmo (Portugal); F. Saalaste (Finlândia); Per A. Sjogren (Suécia); Paul Soisson (França); A. L. Summer (Inglaterra); Dino Villani (Itália); Carel Vorstelman (Holanda); Ricardo Ricas (secretário do Prémio).

O Prémio Europeu Rizzoli de Publicidade, instituído há cinco anos, destina-se a galardoar os melhores anúncios publicados na imprensa europeia e goza hoje de um prestígio e de uma projecção ímpares no actual panorama publicitário.

A categoria Internacional do certame é, por si própria, garantia de grande prestígio não só para as entidades concorrentes como para a sua representante entre nós, a organização Propagandas Belarte, que detém esta honrosa missão há cerca de quatro anos.

Tertúlia «Festa Brava»

No almoço de sábado da Tertulia «Festa Brava» será convidado de honra o cavaleiro tauromáquico Manuel Conde.

TERRENOS EM CASCAIS

PARA PRÉDIOS DE RENDIMENTO

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 horas, procederá à venda, em hasta pública, de 3 lotes de terreno situados no Bairro da Assunção, junto da Avenida do Ultramar, em Cascais, com as áreas de 227,5 m² cada, pelo preço base de licitação de 2.200\$00 cada metro quadrado, e de um lote de terreno situado na Pampilheira, também em Cascais, com a área de 432 m², pelo preço base de licitação de 700\$00 cada metro quadrado, todos destinados à construção de prédios de rendimento com 6 fogos cada.

As condições de praça, anteprojectos e plantas encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Cascais e Paços do Concelho, 13 de Fevereiro de 1967.

O Presidente da Câmara,
António Azevedo Coutinho

Ataque anfíbio americano a posições do Vietcong

SAIGÃO, 16. — (R.). — Um porta-voz militar disse que fuzileiros navais americanos apoiados por uma força da Sétima Esquadra desencadearam um ataque anfíbio contra posições do Vietcong nas terras baixas centrais, na província de Quang Ngai.

Os fuzileiros desembarcaram perto do porto de Sa Huynh, a 96 quilômetros a Sul da base de fuzileiros de Chu Lai.

O porta-voz disse que os objectivos dos assaltantes são fortificações e trincheiras do Vietcong.

O porta-voz disse que os fuzileiros, que desembarcaram às 9 e 30, hora local, ainda não tinham estabelecido contacto com os guerrilheiros.

A operação tem o nome de código de «Dockhouse 0». A última operação da série «Dockhouse» foi um ataque anfíbio desencadeado o mês passado no delta do Mekong, a 88 quilômetros a Sul de Saigão.

PEDIDO DOS E. U. A. AO ADVERSÁRIO

Entretanto, os E. U. A. pediram ao Vietcong que ajude a encontrar a pista de dois prisioneiros americanos que os guerrilheiros afirmam ter libertado durante a trégua do Ano Novo Lunar.

Rádio Hanoi divulgou ontem o nome dos dois homens — o soldado Charles Crafts e o sargento Sam Womack — dizendo que eles tinham sido libertados no dia 7.

As autoridades militares americanas manifestam a sua preocupação pelo facto de os dois homens não terem ainda aparecido e pediram informações mais precisas sobre o local da libertação.

NOVE HELICÓPTEROS ABATIDOS NO DELTA

SAIGÃO, 16. — (A. N. I.). — Nove helicópteros americanos foram der-

rubados na batalha que há vinte e quatro horas está a travar-se no delta do Mekong entre tropas sul-vietnamitas e os «vietcongs» — anunciou um informador do Governo de Saigão.

BAIXAS DOS GUERRILHEIROS

SAIGÃO, 16. — (F. P.). — Foram mortos 250 «vietcongs» e aprisionados cinco, durante um violento combate ontem travado a 170 quilômetros a Sudoeste de Saigão, em pleno delta do Mekong.

As tropas governamentais estavam em acção desde a véspera. Os combates travaram-se, com o apoio da artilharia e da aviação, num sector de arrozais e de coqueiros.

As baixas, entre os governamentais, são consideradas «ligeiras».

A Arábia Saudita participou à O. N. U. que é alvo de ataques aéreos

NOVA YORK, 16. — (R.). — A Arábia Saudita avisou, a noite passada, as Nações Unidas de que a repetição dos ataques ao seu território, levados a efeito por aviões da Republica Árabe Unida, poderá provocar um conflito, envolvendo outros Estados do Médio e Próximo Oriente.

Jamil Baroudy, delegado da Arábia Saudita, pediu ao secretário-geral U Thant que informe o Conselho de Segurança acerca dos ataques e utilize os seus bons ofícios para impedir novos ataques.

Contudo, Baroudy não pediu a reunião do Conselho.

O delegado saudita, numa carta ao secretário-geral, acrescentou que o último ataque ocorrera no dia 27 do mês passado, contra a cidade de Najran, a 80 quilômetros da fronteira saudita-jeemenita, tendo morrido dez pessoas.

O marechal Costa e Silva entregará a partidários da «linha dura» os ministérios militares —prevêem jornais do Rio

RIO DE JANEIRO, 16. — (A. N. I.). — O Gabinete do presidente eleito Costa e Silva vai incluir oito elementos conservadores — anunciam «O Globo» e o «Jornal do Brasil», dois dos principais órgãos da Imprensa do Rio de Janeiro, que mencionam listas quase iguais dos ministros a nomear.

Os três ministérios militares, Guerra, Marinha e Força Aérea, serão ocupados por amigos pessoais de Costa e Silva, considerados partidários da «linha dura» — assim chamada pela importância que atribui à segurança nacional, ao anti-comunismo e à necessidade de fiscalizar a democracia brasileira. Indicam-se respectivamente o general Lira Tavares, o almirante Augusto Rademaker e o brigadeiro Márcio de Sousa e Melo.

O principal conselheiro de Costa e Silva, o coronel Mário Andreazza, é indigitado para ministro dos Transportes e dois coronéis do Exército, Jarda Passarinho e Costa Calvalcante, devem tornar-se ministros

do Trabalho e Minas e da Energia, enquanto o general Afonso Lima ocupará o ministério dos Organismos Regionais.

A presidência do novo Gabinete pertencerá ao general Jaime Portela, que chefiou a comissão de inquérito ao papel do Partido Comunista nos Governos anteriores ao do presidente Castelo Branco.

O antigo governador do Estado de Minas Gerais, Magalhães Pinto, está também indigitado para chefiar um ministério no novo Governo.

EVADIU-SE NO CARRO DO DIRECTOR DA PRISÃO

RIO DE JANEIRO, 16. — (R.). — O preso Fernando Pereira fugiu da prisão no próprio carro do director. Escondeu-se no porta-bagagens para sair do edifício e, quando o director deixou o carro à porta de sua casa, fugiu com ele, para parte incerta.

Pereira estava a cumprir uma pena de três anos, por roubo de automóveis.

DIA A DIA O MERCADO COMUM

Segundo um perito qualificado, Jean Rey, vice-presidente da Comissão Executiva do Mercado Comum, na melhor das hipóteses serão precisos três anos para que a Grã-Bretanha fique em condições de entrar naquele organismo. As palavras de Rey, de nacionalidade francesa, dão a entender que, no exame exigente a que vão ser submetidos, os ingleses precisam de ter paciência e perseverança. Duas condições prévias considera ele imperativas para se alcançar o objectivo que, depois de ter sido dos conservadores e do seu chefe, Heath, é actualmente dos trabalhistas e do primeiro-ministro, Harold Wilson. A primeira será a aceitação dos acordos agrícolas que os Seis assinaram e a cujas exigências se submetem; a segunda será a aceitação das exigências financeiras que, implica o cumprimento daqueles acordos. Em resumo, para Jean Rey, que não deve desconhecer o pensamento e intenções do general de Gaulle, a Grã-Bretanha só entrará no Mercado Comum, como deseja, desde que renuncie a qualquer tratamento especial ou preferencial, que esperava tendo em conta a importância e significação dessa entrada, a qual, a verificar-se, representa um acontecimento de significado histórico para aquele país e o continente europeu.

Os três anos previstos pelo categorizado perito francês seriam assim gastos: um ano para completar as negociações actualmente em curso, e conseguir a aprovação de todos os membros do Mercado Comum para a entrada da Grã-Bretanha; outro



EDWARD HEATH

ano para discussões e ratificações parlamentares, exigidas pelas instituições políticas dos países do Mercado Comum, especialmente da França e Grã-Bretanha; finalmente o terceiro ano seria gasto em negociações com o executivo daquele organismo, as quais, provavelmente, serão também morosas e delicadas. Que serão, dentro de três anos, o Mercado Comum, a Grã-Bretanha e a Europa, é a grande incógnita com que legitimamente se pode argumentar-se quando se prevê uma tal lentidão nas negociações.

Recuo católico e socialista nas eleições holandesas

HAIA, 16. — (F. P. e R.). — Jovens eleitores, votando pela primeira vez, infligiram grandes perdas aos partidos católico e socialista, que têm governado a Holanda desde a segunda guerra mundial.

A maior surpresa na eleição

geral de ontem foi o avanço sensacional do novo partido D 66 (Democracia 66), que obteve sete lugares na nova Câmara Baixa.

Esse partido é a favor de uma reforma do sistema eleitoral holandês e pretende reduzir os actuais 13 partidos a um sistema de dois ou três, no estilo britânico.

Os católicos perderam nove dos seus 50 lugares na Câmara e os socialistas seis dos seus 43.

O Parlamento tem 150 lugares. Calcula-se que os católicos tenham perdido cerca de 20 por cento do seu eleitorado nas principais cidades. As perdas trabalhistas nas grandes cidades foram calculadas em 14 por cento.

O partido dos agricultores, da ala direita, causou outra surpresa ao aumentar a sua representação de quatro para sete lugares.

O avanço dos pequenos partidos na votação de ontem, combinado com a recusa do primeiro-ministro cessante, Jelle Zijlstra, de voltar à política, pressagia a formação mais difícil de um Governo holandês desde o princípio do século.

Pela primeira vez na história parlamentar holandesa, os partidos religiosos cristãos, não poderão dispor de uma maioria na Câmara. Dissipadas as suas esperanças de uma união cristã-democrática, segundo o modelo alemão ocidental, parecem agora obrigados a cooperar com partidos não religiosos.

O novo partido Democracia 66, dirigido por um jornalista de 35 anos, Hans Van Mierlo, e que se compõe de jovens dirigentes, tec-

Suharto poderá assumir a presidência dentro de semanas

DJAKARTA, 16. — (A. N. I.). — Tudo indica que o general Suharto assumirá interinamente a presidência da Indonésia logo que o congresso deponha Suharto o que se deve verificar dentro de poucas semanas.

O deputado muçulmano Djamiluddin Malik propôs ao Congresso que autorize Suharto a assumir a presidência até às eleições gerais do próximo ano.

Wilson regressa hoje a Londres

(Continuação da 1.ª página)

tempo na esperança de demorar por mais dois anos a entrada da Grã-Bretanha.

Segundo o «Daily Mail» (Conservador), o Governo federal aconselhou Wilson a «protelar, pelo menos por seis meses, qualquer tentativa no sentido de a Grã-Bretanha ser admitida no Mercado Comum». Os alemães — diz ainda o jornal — nada desejariam fazer antes do encontro marcado para Julho entre o presidente de Gaulle e o chanceler Kiesinger.

DE GAULLE CONTINUA A DETER A CHAVE DA SITUAÇÃO

BONN, 16. — (A. N. I.). — Ao princípio da tarde de hoje, o primeiro-ministro Harold Wilson regressa a Londres, depois de efectuar novas conversações com o chanceler Kiesinger e de dar uma conferência de Imprensa.

Entretanto, acentua-se em Bonn que a chave da porta do Euromercado continua na posse do presidente da França, pelo que, se o general de Gaulle não ceder, será muito pouco provável o ingresso inglês na Comunidade Económica Europeia.

MANIFESTAÇÃO EM BONN

BONN, 16. — (F. P.). — Cerca de vinte estudantes manifestaram-se ontem, diante da embaixada da Grã-Bretanha nesta capital, contra um eventual reconhecimento da linha Oder-Neisse pelo Governo inglês.

Em cartazes que levavam, os estudantes pediam o direito de autodeterminação para todos os alemães.

«Guarda vermelha» na Albânia

(Continuação da 1.ª página)

volucionário juvenil nos moldes dos «guardas vermelhos» da China.

O órgão do Partido Comunista albanês, «Zeri i Popullit», diz que os jovens revolucionários na região de Durres desencadearam uma ofensiva contra «superstições religiosas e ideológicas e costumes retrógrados».

O jornal acrescenta que os jovens estão a empregar «estribilhos, cartazes, caricaturas e jornais de parede até um ponto nunca observado antes no país».

Por seu lado, Rádio Tirana anunciou que um jornal de parede na cidade de Lezhe anunciava uma decisão tomada no sentido de transformar uma igreja num centro de cultura.

• TERRA SANTA • TÚLIPAS EM FLOR • ESPANHA E FRANÇA • LOURDES • 4 EXCURSÕES NA PÁSCOA

AGÊNCIA ARREU

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. da Liberdade, 160

PORTO — Av. dos Aliados, 207

COIMBRA — R. da Sota, 2

PORTO ANDRESEN

Mais de um século de reputação mundial

ANDRESEN

PORTO

1.ª Edição

PRODUCE OF PORTUGAL

HIDRO ELECTRICA DO CAVADO

S. A. R. L.

Sede
Rua Sá da Bandeira, 567
PORTO

Capital: 1 100 000 Contos

Delegação
Av. Sidónio Pais, 14-1.º
LISBOA

17.ª EMISSÃO DE ACÇÕES

PARTE OFERECIDA À SUBSCRIÇÃO PÚBLICA: 10 000 ACÇÕES

RATEIO

Tendo-se verificado que a subscrição atingiu 14 675 acções, excedendo em mais de 46 % o total da emissão, houve que proceder a rateio, que conduziu ao resultado seguinte:

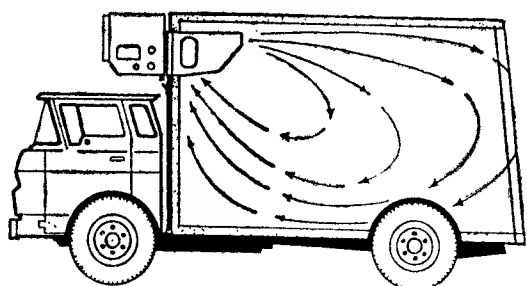
ACÇÕES SUBSCRITAS	ACÇÕES ATRIBUÍDAS
1 a 10	Todas
11 a 15	10
16 a 20	15
21 a 25	18
26 a 30	22
31 a 40	28
41 a 50	36
51 a 60	45
61 a 80	55
81 a 100	65
101 a 150	85
151 a 200	100
201 a 300	125
401 a 600	230

As percentagens médias atribuídas vão desde 90 %, nas subscrições de 11 a 15 acções, a 45 %, nas de 401 a 600. Nestas condições, avisam-se os Senhores Subscritores de que, a partir do próximo dia 20, poderão receber as cautelas, bem como o excedente das importâncias depositadas no acto da subscrição, nos Estabelecimentos de Crédito onde aquela foi realizada, mediante a apresentação do respectivo documento de depósito.

Porto, 13 de Fevereiro de 1967

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

OS TRANSPORTES COM REFRIGERAÇÃO



ARTIC-KARGO

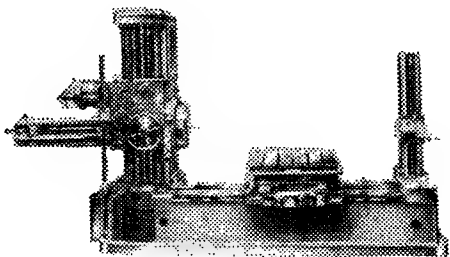
LEVAM ÀS POPULAÇÕES DISTANTES
O PEIXE, A CARNE E OS FRUTOS

FRESCOS COMO NA ORIGEM

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, LDA.
ROSSIO, 102-1.º — TELEF. 36 25 21

MAQUINAS FERRAMENTAS DE QUALIDADE, MODERNAS E PRECISAS

«SKODA»



TORNOS — MANDRILADORAS — RECTIFICADORAS — FRESADORAS — MÁQUINAS DE FURAR — ESCATELADORES — PLAINAS-LIMADORES — MÁQUINAS DE AFIAR — SERRAS PARA METAIS. — MÁQUINAS PARA CHAPA EM ARMAZÉM, E DE UMA MANEIRA GERAL, TODAS AS MÁQUINAS PARA METALOMECÂNICA

MAQUINAS DE PRECISÃO, S. A. R. L.

LISBOA: R. DA BOAVISTA, 45-49, 1.º — L. DA ESTRELA, 3
PORTO: R. ST.ª CATARINA, 659



JACINTA BRIZ GARCIA

CONFORTADA COM OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA
PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Maximo Gonzalez Briz, sua mulher Teresa Maria e filhos Jorge e Margarida; Eugénia Maria Gonzalez Briz Alvarez e seus filhos Eugénio e mulher, Maria Manuela, marido e filhos e Maria Isabel; Gregório Gonzalez Briz e suas filhas Maria Pilar e Ana Luísa; Maria Luisa Gonzalez Alvarez Rocheta, marido e filhas, Maria del Carmen Gonzalez Alvarez, Maria Eugénia Gonzalez Alvarez Alves Valadares, marido e filhos; German Gonzalez Alvarez, mulher e filhos, Maria Teresa Gonzalez Briz, participam que foi Deus servido chamar à sua Divina presença, no passado dia 11, a sua querida mãe, sogra, avó e bisavó.

Amanhã, dia 17, pelas 19.15 horas, no altar-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

AGENCIA BARATA

EMÍLIA CÂNDIDA RÔMO

MISSA DO 30.º DIA

Emília Rômo da Rocha e Maria Graziela Rômo Marçal Serradas mandam celebrar missa por alma de sua saudosa mãe e tia amanhã, dia 17, ao meio-dia na igreja de S. José, Largo da Anunciada.



Maria do Pilar Forjaz

FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA
DO 7.º DIA

António José Pereira Forjaz Sua Mulher, Filhos e Parente têm o grande desgosto de participar o falecimento de sua querida Mãe, Avó e Parente, e que amanhã, pelas 19 horas, será rezada missa do 7.º dia na Igreja de S. Martinho, de Sintra, agradecendo muito a todos os que possam participar de tão piedoso acto.



Dona Belmira Rebello Pereira

MISSA DO 30.º DIA

Sua família participa que amanhã, dia 17, pelas 12.30 horas, será celebrada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja Paroquial de S. Vicente de Fora.



Luís Guilherme Neto Kruss Gomes

MISSA DO 7.º DIA

S. A. R. A Senhora Infanta D. Maria Adelaide, como Presidente da Fundação de Assistência D. Nuno Alvares Pereira, mandou rezar missa do 7.º dia, na Igreja dos Mártires, hoje, quinta-feira, dia 16, pelo meio-dia, por alma do Sr. Luís Guilherme Neto Kruss Gomes, pai da sr.ª D. Fernanda Kruss Gomes Remus, dedicada directora daquela Fundação.

Um Dostoevsky da juventude na Casa da Comédia

Flódor Mikhailovitch Dostoevsky publica «Noites brancas» em 1848, dois anos depois do seu volume de estreia (que Nekrasov e Bielinski tanto haviam apreciado). Em 1849, alinhavado «Nietotchka Nezvánov», a sua ligação com um grupo de jovens liberais vai valer-lhe a condenação à morte, oito meses de penitenciaría e a comutação da pena em quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria: tudo tão rápido que o escritor ficará para sempre marcado por estes imponderáveis.

Obra da primeira fase, «Noites brancas» mostra-nos um Dostoevsky á beira do indizível. A sua transposição para o cinema, da responsabilidade de Lucchino Visconti, foi por isso mesmo uma empresa difícil. Que dizer agora desta adaptação cénica, forjada por Rachel Bastos e Norberto Barroca sobre a tradução de Maria Franco?

Aplaudir sem reservas seria demasiado. Diremos antes que as «Noites brancas» ontem revividas na Casa da Comédia possuem um cunho de dignidade iniludível, merecedora até de encómios — o nosso meio teatral, que todos sabemos paupérrimo, aceita bem as experiências dos «amadores» no verdadeiro sentido.

Mas a linguagem deste poema dramático sofre, por vezes, de um abaixamento de tom em relação ao texto original. Só a competência de Barroca, e, porque não, a adesão calorosa de Graça Lobo à figura de Nastenka, logram salvar in extremis os passos mais frágeis. Daí termos de louvar os intérpretes por oposição aos adaptadores. Uns e outros trabalharam afinadamente, mas com êxito desigual.

Barroca é credor de grandes elogios. Conheçamo-lo do extinto Grupo Fernando Pessoa. No discurso escondia-se, afinal, um actor de primeiro plano, sensível e inteligente, senhor de uma sobriedade extraordinária. Os bons momentos da estreia de ontem têm quase sempre a sua assinatura. De Graça Lobo acrescentaremos que é um talento por aperfeiçoar. Presença eloquente, hesitações aqui e ali, sobretudo na movimentação. Mas ergueu-se a maior altura que os restantes intérpretes: Wladimir Franklin, Joaquim Cosme e Maria Ribeiro.

Excelente cenário (também de Norberto Barroca), sonoplastia

agradável (de Fernando Pires), luminotecnia q. b., sem grandes rasgos. A Casa da Comédia tem espectáculo para muito tempo — se o publico acorrer como o espectáculo merece. Desde já o Fundo de Teatro apostou, e muito bem, neste jovem encenador. Gostaríamos que ambas as partes não ficassem por aqui. — P.

ASSEMBLEIA NACIONAL

(Continuação da página central)

cilitem a organização dos núcleos de mecanização, que se proceda á abertura de uma rede de malha apropriada de caminhos vicinais ligando as vinhas á rede rodoviária para permitir circulação das máquinas e o carrego dos produtos por viação mecânica acelerada e económica, e que seja criado na Região Demarcada do Douro um Centro de Formação Profissional Acelerada para valorizar o trabalhador rural. São grandes as dificuldades da lavoura duriense que dia a dia vê reduzidos os seus efectivos de trabalho pelo abandono maciço da terra pela sua gente válida. Todos esperam que se ataque o problema frontalmente e confiam no apoio do Governo para definir e impulsionar as soluções necessárias.

Ainda no período de antes da ordem, usam da palavra os srs. drs. Valadão dos Santos, para tratar de assuntos de interesse para os portos dos Açores, e Santos Bessa, que focará problemas da saúde. Estão inscritos para intervir no debate da proposta de lei sobre o Regime Jurídico da Caça os srs. dr. Ferrão Castelo Branco e eng.º Melo Giraldes.

Hospital Termal das Caldas de Monchique

Um despacho do ministro das Obras Publicas diz que, encontrando-se concluído o edificio do Hospital Termal das Caldas de Monchique, deverá o mesmo ser entregue á Direcção-Geral da Fazenda Publica e simultaneamente cedido á comissão administrativa do estabelecimento termal daquela localidade.

Mercês honoríficas

Os srs. dr. César Moreira Baptista, almirante Henrique Tenreiro e dr. José de Sousa Barriga foram agraciados, os dois primeiros, com o grande officialato de Cristo, e o terceiro com a comenda da mesma ordem.

Foram também agraciados: com a grã-cruz da Ordem do Infante e com a comenda da mesma ordem, respectivamente, os srs. drs. Baltasar Rebelo de Sousa e Carlos Trincão; e com a comenda do Mérito Industrial, a título póstumo, o eng.º Gilberto Freire dos Santos.

NECROLOGIA

ALECIMENTOS

D. Jacinta Briz Garcia

Faleceu, no passado dia 11, a sr.ª D. Jacinta Briz Garcia, de 87 anos, viúva, natural de Santibañez de Iéjar, Salamanca.

Amanhã, ás 19 e 15, no altar-mor da igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, será rezada missa pelo seu eterno descanso.

Os serviços fúnebres estiveram a cargo da Agência Barata.

FUNERAIS

José Moléro Junior

ÉVORA, 16 — Da capela do Hospital da Misericórdia desta cidade, saiu para o cemitério local, com numeroso acompanhamento, o funeral do sr. José Moléro Junior, de 81 anos, viúvo, daqui natural. Era pai do sr. Manuel Moléro e sogro do sr. dr. Armando Carneiro.

João Carlos Ramalho Casqueira

ÉVORA, 16 — Com grande acompanhamento, saiu da igreja da Misericórdia para o cemitério dos Remédios o funeral do sr. João Carlos Ramalho Casqueira, de 51 anos, natural de Arraiolos, funcionário da Brigada Técnica da XII Região Agrícola. Deixa viúva a sr.ª D. Inácia Rita dos Santos Casqueira; era pai do menino Francisco Ramalho Casqueira, e irmão do sr. António José Ramalho Casqueira.

SUFRAGIOS

D. Maria do Pilar Forjaz

Amanhã, ás 19 horas, na igreja de S. Martinho, de Sintra, celebra-se missa em sufrágio da alma da sr.ª D. Maria do Pilar Forjaz, no 7.º dia do seu falecimento. O piedoso acto é da iniciativa do filho da saudosa senhora, sr. António José Pereira Forjaz, e demais família.



Esta é a nova sala de concertos de Londres, denominada «Rainha Isabel», com uma lotação de 1100 lugares. Será inaugurada em Março deste ano.

PUBLICAÇÕES

«SEARA NOVA»

A edição de Fevereiro corrente (n.º 1456), distribuída com impecável pontualidade, da revista de cultura e crítica «Seara Nova», abrange um amplo leque de colaborações de marcada oportunidade: «A Proposta de Lei de Meios para 1967», por Santos Paiva; «Das limitações ao movimento cooperativo português»;

Marinha de Guerra

COMODORO PINTO SOARES

O ministro da Marinha assinou um significativo louvor ao comodoro da administração naval Fernando Pinto Soares, a quem concedeu a medalha de ouro de Serviços Distintos, tendo em atenção a «inteligência, competência profissional, lealdade, espírito de cooperação, bom senso e dedicação com que serviu a Armada durante a sua notável e longa carreira, classificando-se os serviços prestados de muito importantes, distintos e relevantes».

O comodoro Pinto Soares deixa, por imperativo de saúde, as funções de director do Serviço de Administração Naval.

guês», por Blasco Hugo Fernandes; «Parques Infantís», por R. M.; «Acesso ao ensino», por S. Ferreira Ribeiro; «Trabalho, tempo livre e desporto», por Fernando Correia; «De Leste a Oeste — 1966: um balanço», por A. Barros, J. Sampaio, J. Santos e N. Brederode Santos; «Picasso, invasor vertical», por Lima de Freitas; «João Barreira, prosador-poeta simbolista», por Pedro da Silveira; críticas de livros por M. Cublán, de cinema por M. Machado da Luz e de teatro por Artur Ramos; «Manuel do Nascimento», por Manuel de Azevedo; «Diário Imperfeito», por Augusto Casimiro — e as habituais secções de Factos e Documentos, noticiário e notas diversas de oportunidade.

VIDA MUSICAL

Concerto de piano em Setúbal

O Círculo de Cultura Musical promove amanhã, em Setúbal, no salão nobre da Camara Municipal, o seu segundo concerto da presente temporada, com a colaboração do grande pianista espanhol Rafael Orozco, o qual, além de outros prémios, obteve o segundo no Concurso de Virtuoso de Piano de Jaen.

miro — e as habituais secções de Factos e Documentos, noticiário e notas diversas de oportunidade.

No fecho deste numero de «Seara Nova» prossegue Humberto Lopes a sua esclarecedora e objectiva análise do novo Código Civil.

«GUIAS DE CAMIONAGEM E DOS CAMINHOS DE FERRO»

Estão publicadas as edições de Fevereiro do «Guia Geral de Camionagem» e do «Guia Geral de Caminhos de Ferro». Este insere a partir deste mês um suplemento com horários de aviação internos e internacionais.

A casa editora—Tipografia Aliança, Lda., da R. Passos Manuel, 134-1.º, Porto — permite a aquisição das duas publicações mediante o envio de 5\$00 em selos para expediente e porte.

«Revista Bancária» — N.º 6 (Outubro-Dezembro 1960) — Do sumário: «Política monetária e financeira», por António Julio de Castro Fernandes; «Alguns aspectos da coordenação do crédito em Portugal», por Fausto J. A. Figueiredo; e «A cobertura bancária da Metrópole», por Xavier Pintado e Alves Serra.

D. MICAELA FIGUEIREDO FERREIRA FALECEU

José Carlos Ferreira sua mulher Ana Amália de Sá e Meilo Ferreira e filhos Carlos Miguel, Maria de Fátima e Francisco José, Margarida Figueiredo Santos, Marcelino Figueiredo Junior e sua mulher, Judite Augusta Ferreira, Tomás da Silva e filha Julia Ferreira da Silva e mais família comprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua divina presença a sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente.

Amanhã ás dez horas será rezada missa de corpo presente na igreja S. João de Deus (capela A) realizando-se o funeral ás 12 horas para jazigo, no cemitério do Alto de S. João.

P. N. A. M.

AGENCIA SALGADO

GRANDE CAMPANHA DE TROCAS

FRIGORÍFICOS — TELEVISORES — RÁDIOS — GIRA-DISCOS — FOGÕES — PANEAS DE PRESSÃO — ESQUENTADORES MÁQUINAS DE LAVAR — ASPIRADORES — ENCERADORAS E FERROS ELÉCTRICOS

GRANDE GAMA DE ARTIGOS ELECTRODOMÉSTICOS
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO
VENDAS ATÉ 36 MESES

CASA J. F. RIBEIRO

RUA VITOR HUGO, 2-B — Telef. 72 09 43 - 72 76 82 — (AREIRO — Lisboa 1)

CONTINUA

A FESTA MINHOTA EM ALVALADE

SALDOS!!! SALDOS!!!

Sedas, Algodões, Rendas, Tecidos, Confecções, Lanificios, Camisaria, Fatos, Gabardines, Malhas, Colchas, Cobertores, Pano para lençóis, Marquisesas, Reps, Meias, Peugas, etc

Os verdadeiros! Os únicos! Milhares de contos de todo o nosso «stock», vendidos ao desbarato, por falta de espaço. Recebemos tudo directamente das Fábricas do Norte!

Um brinde a toda a nossa querida clientela!

Apareça e verá! Se não é cliente, ficará!

Não precisa comprar roupas usadas, com perigo de contágio! Americanas ou suecas, alemãs ou francesas.

OPAL FLORINHAS a	5\$00
Popelines, linhos e sedas para vestidos a	12\$50
Pano cru largo	5\$00
Toalhas turcas a quilo	60\$00
Retalhos para lençóis e vestidos, quilo a	40\$00

COBERTORES COM DESCONTOS ATÉ 70 %

Cuecas em Nylon a	5\$00
-------------------------	-------

Vendemos Novo, ao preço das roupas usadas!

Defenda a nossa indústria!

Não se queixe da vida ao seu companheiro! Compre os Saldos dos Armazéns do Minho e poupa muito dinheiro!

ARMAZÉNS DO MINHO

RUA JOSÉ DURO — FRENTE AO MERCADO
ALVALADE — LISBOA - 5
Telef. P. P. C. 7134 76



CARROS USADOS
PROVENIENTES DE
TROCAS

Taunus 20 H (de serviço) 1966

Taunus 12 M 1500 1965

Taunus 12 M 1964

Taunus 12 M 1963

Taunus 12 M Super 1961

e alguns carros de serviço

Facilita-se troca e pagamento

Stand Moderno

Rua João Saraiva,
n. 15 (Alvalade)



TERRENOS EM CASCAIS

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 horas, procederá à venda em hasta pública de 2 lotes de terreno situados no Bairro do Rosário, Zona Norte, na Rua D. Francisco de Almeida, com as áreas de 384 m2 cada, pelo preço base de licitação de 500\$00 cada metro quadrado, destinado à construção de moradias obedecendo aos condicionamentos estabelecidos para as zonas HD do Plano de Urbanização da Costa do Sol e de um lote de terreno situado na Pampilheira, com a área de 280 m2, pelo preço base de licitação de 500\$00, destinado à construção de uma moradia obedecendo aos condicionamentos estabelecidos para as zonas HE do Plano de Urbanização da Costa do Sol.

As condições de praça e planta de lotes encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Cascais e Paços do Concelho, 13 de Fevereiro de 1967.

O Presidente da Câmara,

António Azevedo Coutinho

TERRENOS EM CASCAIS Bairro do Rosário

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 25 do corrente, pelas 15 horas, procederá à venda, em hasta pública, de um lote de terreno situado na Avenida Infante D. Henrique, no Bairro do Rosário, em Cascais, com a área de 1.396,5 m2, pelo preço base de licitação de 400\$00 cada metro quadrado e destinado à construção de uma moradia obedecendo aos condicionamentos estabelecidos para as zonas HB do Plano de Urbanização da Costa do Sol.

Deste lote, dada a sua privilegiada situação, desfruta-se um belo panorama da baía de Cascais.

As condições de praça e planta encontram-se patentes no átrio dos Paços do Concelho todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Cascais e Paços do Concelho, 13 de Fevereiro de 1967.

O Presidente da Câmara,
António Azevedo Coutinho

**fatos
confeções
móveis
electro-domésticos
a prestações**

ARMAZÉNS

Cancela

Calçada do Combro, 21-23

GR. TERRENO NA AV. DA LIBERDADE, EM LISBOA, C/3 FRENTE
P/ GR. CONSTRUÇÃO OU 3 IMÓVEIS INDEPENDENTES

LEILÃO

Por c/ e ordem dos respectivos proprietários, será posto em praça no N/ ESCRITÓRIO, no dia 18 de Fevereiro próximo, às 14 horas, o imóvel em epígrafe, que se recomenda especialmente para Banco ou Auto-Banco, cinema, hotel, auto-parque, sede de gr. empresa, edifício publico ou habitação, etc., etc.

Av. da Liberdade, 119 a 125 c/ frentes também para a TV. DO SALITRE, 2-4 e PR. DA ALEGRIA, 61-63

MEDIDAS APROXIMADAS: Área 1000 m2; frente para a Av. da Liberdade, 20,41 mts.; para a Tv. do Salitre e Pr. da Alegria 50 mts.; Fundo 33 a 41 mts.

Está descrito s/ o n.º 4171 a fls. 14 do L.º B-5 da 7.ª Cons.ª do Registo Predial de Lisboa. Todos os esclarecimentos, consulta de plantas, etc., terão lugar no n/ escritório, das 10 às 13 horas, recomendando-se a confirmação das n/ informações nos respectivos organismos oficiais, a fim de que qualquer duvida não obste á licitação no acto da praça.

TRATA E PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES:

SOC. DE LEILÕES

Sede e escritório: Av. Duque de Loulé, 1
Telefs. 51478/532929/532446 — LISBOA

AFRAFILHOS, LDA.



para a compra de um
TELEVISOR
de categoria

escolha a casa há 18 anos
consagrada pelo público

aproveite a campanha comemorativa
da inauguração de

UltraLar
PRAÇA DE LONDRES, 7-A e B LISBOA

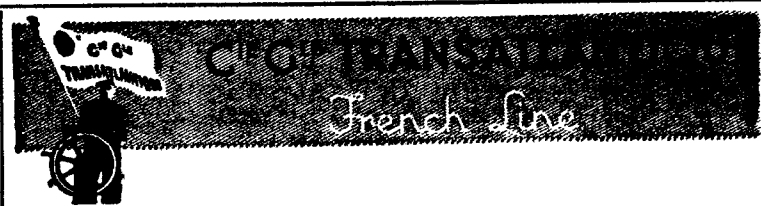
MAIS UMA LOJA **Bardo**

BOAS MARCAS * MENORES PREÇOS * MAIORES FACILIDADES

PRÉDIO EM BELÉM

Construção em cimento armado, revestido a marmorite, entrada em mármore, composto de 9 inq. tendo cada habitação 3 casas soa-lhadas, cozinha, casa de banho, despensa e hall. Rendimento 110.040\$00. Preço 1.900 contos. Facilita-se parte.

« A CONFIDENTE »
ROSSIO, 3-2' — TELEFS. 369384/5/6



Para:

**SOUTHAMPTON
E LE HAVRE**

Nos maravilhosos Paquetes

FLANDRES E ANTILLES

A 25 de Fevereiro, 14 de Março e 4 de Abril

OS AGENTES GERAIS

**SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA. LDA.**

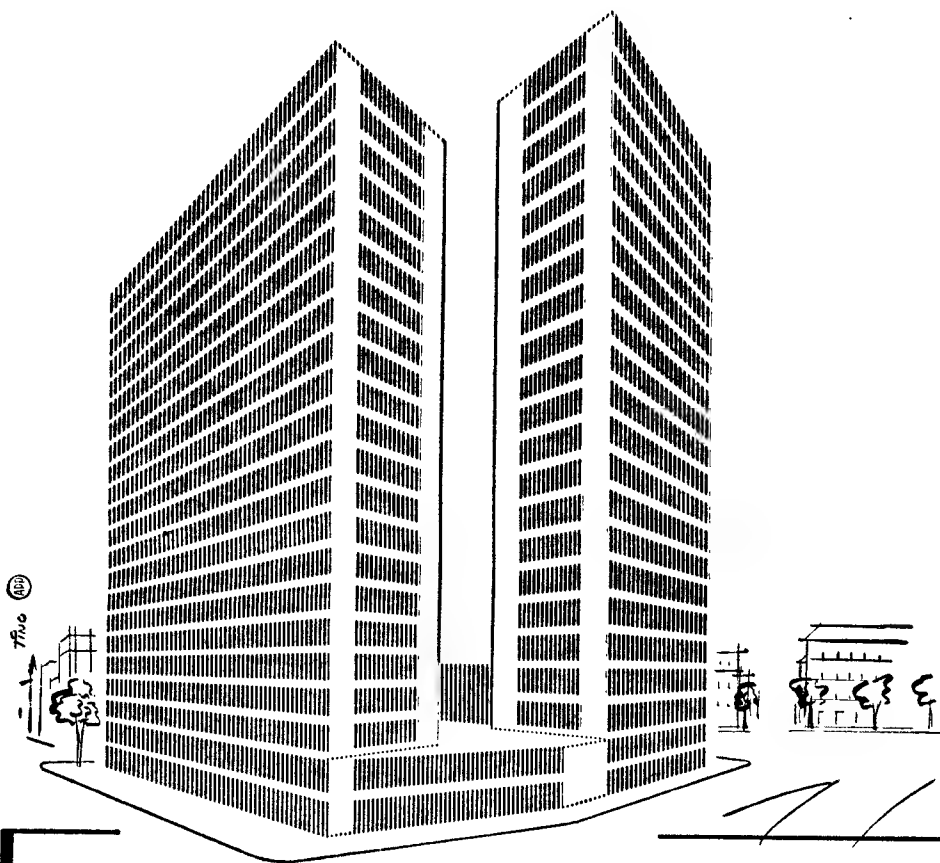
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, N.º 4 — TEL. 922271/33235/341267

AGENTE PORTO

SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE LDA.

Em BEJA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na PRAÇA DOS DUQUES,
na AGENCIA DE EDUARDO & ALVARO.

edifícios AVIZ



O MAIS IMPONENTE CONJUNTO RESIDENCIAL E COMERCIAL DE LISBOA

- 21 pavimentos acima do solo
- Construção Anti-Sísmica
- Isolamentos térmicos e acústicos
- Independência total dos acessos
 - ascensores diferenciados para os escritórios e para as habitações
- Acabamentos de harmonia com a imponência da construção
- Estacionamentos privativos
 - 10.000 m² de garagens

LOCALIZAÇÃO

- No centro geométrico da urbanização de Lisboa
 - Av. Fontes Pereira de Melo
 - Av. 5 de Outubro
 - R. Viriato
 - R. Tomás Ribeiro
- Fáceis ligações a todos os pontos da cidade
 - Metropolitano e Autocarros



Aberta a inscrição para a venda de escritórios e habitações
em regime de PROPRIEDADE HORIZONTAL

Tecnical

EMPRESA DE CONSTRUÇÕES, S.A.R.L.
R. Rodrigues Sampaio, 146 - 3.º D.º
Telefone 53 51 11 - 53 51 14 - LISBOA

LEVERKUSEN, FIBRAS SINTÉTICAS

Continuação da página central

receu por completo. Temos, a nos-
sos pés, Leverkusen. E, a perder de
vista, o cenário do «Deserto Ver-
melho» de Antonioni. Não é sem
um arripio de solidão que contem-
plamos todo aquele imenso comple-
xo fabril. A perspectiva que nos
oferece o vigésimo quinto andar do
arranha-céus da Bayer ficará para
sempre em nossos olhos. Tudo, lá
em baixo, é diminuto. Os homens
são pontos. Os automóveis são mi-
ni-carros. As árvores (que as há...)
parecem fósforos. Mas é precisa-
mente essa insignificância que nos
esmaga. Ali está um mundo de
pesquisa, de invenção, de produção
— um mundo que passa o Reno,
que transborda no horizonte, que
se esfuma ao longe... A suaorme-
norização, dada pela perspectiva,
gravase-nos na memória e nos
olhos. Quando cerramos estes, a
panorâmica mantém-se, nítida, re-
cortada, geométrica, como que gra-
vada no solo lá muito em baixo. É
um mapa em relevo, cujos pontos
e traços de quando em quando se
deslocam. E há o rio, uma fita
suja, que mais parece aço a correr
vagarosamente...

De repente, damos com os
olhos num jardim japonês. Tam-
bém diminuto, demarcado todo:
os lagos, as pontes, os arbús-
tos... É uma nota discordante
(mas agradável) no cenário
sombrio, funcional, matemático.
Quem o mandou construir? Uma
história sentimental: a mulher
de um dirigente da empresa
que um dia sentiu a solidão de
Leverkusen.

● Monika, Nandja e Marlène

Passagem de modelos.
Três jovens os apresentam. Mo-
nika, Nandja e Marlène. Tudo em
«dralon» e outras fibras. Mini-
saletas. Cores de choque: amarelo e
azul; rosa e branco; verde e ama-
relo; preto e branco; vermelho-
bordéus e branco; verde e bege;
roxo, preto e verde.
— Moda juvenil.
«Herr» Römmer, tradutor e in-
térprete, apresenta os modelos.
Nandja entra envergando um
conjunto vermelho e verde.
Há logo uma pergunta:
— Homenagem a Portugal?
Risos.
— Pura coincidência!
Surge Monika, de amazona.
Franz Linden, imediatamente:
— O meu reino por um cavalo!
Boa disposição em todos os pre-
sentes.
Mini-saletas e mini-pulovers
sempre e sempre.
— A mini-saleta vence na Alema-
nha?
— Vence. A mulher alemã tem
pernas altas bem feitas, não se
torna ridícula quando usa a mini-
saleta. Quem ficou a perder foi a
empresa: as mini-saletas, como é
óbvio, levam menos «dralon»...

As jovens desfilam, aparecem
e desaparecem, posam, con-
traem-se, descontraem-se.
Monika, preto e branco:
— Bom dia, tristeza!
Marlene, verde e vermelho:
— Esplendor na relva!
Nandja, amarelo:
— Dia de sol!

● A fibra do futuro feliz

Novamente em Colónia. No dia
seguinte eu regressaria a Portugal.
Era quinta-feira de Carnaval. O am-
biente da cidade era outro. Estu-
diante. Outra a disposição dos seus
habitantes. As cervejarias estavam
repletas. As ruas eram um mar de
gente mascarada.

O hotel em que me encontra-

va instalao transformara-se num
imenso baile. Havia corpos semi-
nus, havia corpos fantasiados. Os
beijos descafiavam dos lábios para os
ombros...

Fomos até um cinema — e, por
acaso, surgiu-nos no «écran» o ho-
mem do futuro. O homem que ves-
te fibras, e canta e dança, e arras-
ta atrás de si toda uma cidade para
as alegrias e felicidade da técnica
e ciência futuras. E foi assim, mal
a luz na sala se apagou...

Quanto mais o elevador descia,
mais alto o homem assobiava. Ves-
tia um fato de fibra sintética, sem
uma ruga, com reflexos. Tão de-
pressa era azul, como roxo ou cas-
tanho. A gravata era uma tira de
tom mais escuro, ultrapassava a
fibela metálica do cinto... Quando
o ascensor se deteve no patamar, e
a porta se abriu o homem, muito
alto, bateu o tacco no mosaico sí-
métrico, o assobio sempre nos lá-
bios. Ritmava todos os seus gestos,
estalava os dedos, tinha luz nos
olhos.

«Chove!» Fora a rua era maca-
dame molhado. Acendiam-se, no
alto, reclames azuis, verdes e ve-
melhos — e o «néon» espelhava-se
na água dos passeios. A arte, de
numa perspectiva longa, afunilada,
assemelhava-se a duas linhas que,
convergindo, somente pareciam to-
car-se lá no extremo... O homem,
sem que o fato acusasse o efeito
da água, ganhou a rua pelo meio,
desprezando os passeios. Os tran-
seuntes, abrigados á porta dos es-
tabelecimentos, sob os toldos, olha-
vam-no, incrédulos. Em todos ha-
via a mesma pergunta, o mesmo
juízo: «Como era possível?».

Dir-se-ia que o assobio ritmava
a chuva. Eram cordas frágeis, mas
persistentes, tocadas pela cor do
«néon». O homem, os sapatos mul-
to lustrosos, batia o macadame com
os tacões. Abandonou, repentino, o
assobio — e era só aquele bater,
certo, rico, sonoro. Era um «tac-
tac-tac» que ritmava todos os co-
rações e fazia com que as mãos
dos circunstantes se erguessem e
batessem umas nas outras. O ho-
mem, a chuva multicolor nos cabe-
los, não aparentava o mínimo can-
saco. Descrevia ziguezagues, uma
geometria variada sempre dentro
do mesmo ritmo do mesmo «tac-
tac-tac».

Outra vez o assobio. Os transeun-
tes deixaram de bater palmas. O
homem ritmava-se intimamente —
e, súbito, simétrico tirou um par
de patins dos bolsos do casaco.
Elo de rodas nos pés. Uma curva,
uma circunferência, uma curva...
Subito — detém-se no macada-
me. Bate com os pés: «tac-tac-
tac». As mãos dos circunstantes ir-
rompem em palmas síncronas, cer-
tas, sonoras. O «néon» alterna-se e
a chuva cai.

O homem do fato sintético es-
boça, dançando, um gesto de convi-
te — e eilo, no entanto, que per-
manece só. A chuva, constante, iso-
la-o dos transeuntes. Mas ele tel-
ma: quem, quem, quem (tac, tac,
tac), vem, vem, vem (tac, tac, tac),
dan dan, dan (tac tac, tac), car,
car, car? Quem vem dançar? Tac-
tac-tac! Tac-tac-tac!

Tac! Uma rapariga, de imper-
meável sintético rompe as cordas
da chuva. Os saltos batem no ma-
cadame, o «néon» alterna as cores
— e os dois descrevem curva, cir-
cunferência, curva... Vão e vêm.
Outros pares se formam, e, sob a
chuva, num instante, toda a longa
rua se movimentou. E agora um
ritmo surdo, dezenas, centenas, mi-
lhares de pessoas — e o homem
do fato sintético de patins nos pés,
segue á frente da multidão, que
cresce e cresce, assobiando sonoro
como quem desenha barcos na
atmosfera húmida... — P. A.

EXTERNATO TÉCNICO PITAGORAS

Alvara do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL para

ADMISSÃO INSTITUTO INDUSTRIAL COMERCIAL

INSCRIÇÕES: R. Conde Redondo, 56 1.º Esq. — Telex 536380

PRÉDIO A 6,5%

JUNTO À MARQUES DE FRONTEIRA

Grande volume, com 35 inquilinos, construção em cimento ar-
mado, tendo cada habitação 3 casas soalhadas, cozinha, casa de ba-
nho, despensa e hall. Rendas de 1.110\$00. Todo alugado. Rendimento
444.960\$00. Isento 6 anos. Preço 6.850 contos. Facilita-se parte.

«A CONFIDENTE»

ROSSIO, 3-2.º — TELEFS. 369384/5/6

A magnífica exibição do Inter merecia mais que 1-0 sobre o Real

MILÃO, 16 (Especial para o «Diário de Lisboa») — Lado a lado, a passo, iguais na entrada em campo, as equipas do Inter de Milão e do Real Madrid deram, desde logo, uma sugestão de empate neste desafio da primeira «mão» dos quartos-de-final da 12.ª Taça dos Campeões Europeus de Futebol, ontem jogada em Milão, no Estádio de S. Ciro.

O encontro, porém, naveria de terminar com a vitória da equipa italiana, por 1-0, resultado longe de corresponder à verdade do jogo e à manifesta superioridade global da turma do famoso treinador Heleno Herrera.

Façamos o comentário sincronizado da importante partida, jogada sob intenso frio, de temperatura ligeiramente positiva (dois dias antes fora, a né negativa).

Pela disposição dos jogadores no terreno, ambas as equipas manifestaram imediatamente ideias defensivas. Mesmo jogando no seu terreno, o Inter não abdicou do seu célebre «catenaccio», entregando ao «capitão» Picchi a função de «líbero» atrás da cortina formada por Burgnich, Bedin, Guarneri e Fachetti.

Por seu turno, os espanhóis surgiram, igualmente, adoptando um sistema de «ferrolho» diante da barreira de Bettancourt (que substituiu Araquistain, magoado), recorrendo, também, à fixação de um jogador livre, que foi Calpe, a proteger a

nificava 45 minutos de luta viva, renhida e, até, com certa emoção.

A segunda parte, porém, desfez totalmente o aparente equilíbrio de forças do primeiro tempo. A turma italiana entrou a jogar fugazmente, inpetuosamente mesmo, remetendo os espanhóis a porfiada defensiva, mas criando sérios problemas de infiltração pela floresta de pernas e corpos povoando a grande-área e imediações, dos actuais campeões europeus.

Contudo, a insistência dos italianos frutificou, aos 9 m. Na sequência de um «livre», marcado por Mazzola e superiormente concluído por Cappelini, de cabeça. Prova-se a dificuldade de penetração em jogada corrida.

Houve luta depois, mas por breve espaço de tempo. Aos 15 minutos, era notório o abrandamento, ficando a dúvida qual terá sido a origem. Quis o Inter defender a magna vantagem ou procuravam os espanhóis anulá-la? Cremos que a primeira é a hipótese mais aceitável, porque, aos 25 minutos, os italianos estavam senhores absolutos da situação, dominavam amavelmente as operações, e os espanhóis não conseguiam entrar na área dominada por Picchi.

O esforço do Real, por volta da meia hora, para contrariar a supremacia do Inter só proporcionou subida de interesse pela contenda, oferecendo, então, as duas equipas, um belo espectáculo de luta viril, generosa e entusiástica, onde, mesmo assim, os italianos continuaram a mandar e onde, então, a sua defesa se portou de maneira admirável, retribuindo, desse modo, o esforço anterior dos atacantes em enfraquecer, minuto a minuto, a força da retaguarda espanhola para que o ataque ficasse sem apoio válido.

Naturalmente, os últimos dez minutos do desafio arrastaram-se sem lances de continuidade técnico-táctica, salvo da monotonia por uma ou outra jogada envolvente.

A vitória do Inter não tem discussão. Foi sempre a melhor equipa no terreno, dominadora, lucida e inteligente. A defesa, a princípio, acusou certa excitação, embaraçada pelas mutações de posições dos dianteiros espanhóis. A sua supremacia territorial foi clara, mas revelou falta de rotina para jogar franca e declaradamente ao ataque, exibindo carência de afinação de movimentos colectivos na frente e mostrando hábito, de contra-ataque apoiados em 1-2 jogadores em rápida invasão do terreno adversário. Pensamos que só por isto a sua vitória não foi além de um gol.

Quanto ao Real Madrid, nunca deixou de mostrar que jogava em S. Ciro sob preconcebidas cautelas, sempre preocupado em ter mais homens no seu meio-campo que o adversário, perfilhando a tática italiana do contra-ataque, por intermédio de Amancio e Gento. Queimou aqui a sua capacidade ofensiva, por esgotamento do primeiro a meio da segunda parte, e por manifesta carência de recursos do veterano «capitão» da equipa.

O recurso a demorar as reposições da bola em jogo prova, claramente, que o resultado lhe satisfazia, por certo pensando ultrapassá-lo, no dia 1 de Março, no Estádio de Chamartin. Recorde-se, no entanto, que, na época passada (as meias-finais) conseguiu empatar em S. Ciro, depois de ter ganho, também por 1-0, em Madrid. Pode ser que o Inter pague na mesma moeda...

Um tiro de Amancio, que embateu na barra, e cuja recarga o guarda-redes Sarti defendeu, aos 23 m., afirma que os madridistas nunca deixaram de pensar no ataque, mas a insistência do Inter em massacrar o seu meio-terreno fêz-las renunciar, praticamente, às avançadas com organização.

Ao intervalo já o Inter merecia estar a vencer. O zero a zero era imerecido para os espanhóis e sig-

as melhores exibições de Burgnich, Bedin, Mazzola e Cappelini, entre os italianos; Calpe, Pirri, De Filipe e Félix Ruiz, entre os espanhóis. Excelente trabalho do árbitro húngaro, quer no aspecto técnico, quer no disciplinar. Oportuno nas intervenções, esquece-se facilmente um ou outro pequeno erro.

Registo do encontro:

Árbitro — Szolt (Hungria).

INTER — Sarti; Burgnich, Guarneri, Picchi e Fachetti; Bedin e Suarez; Jair, Cappelini, Mazzola e Domenghini.

REAL MADRID — Bettancourt; Sanchis, De Filipe, Calpe e Zoco; Pirri e Velasquez; Amancio, Félix Ruiz, Grosso e Gento.

Golo: Aos 54 minutos, por Cappelini, de cabeça, na sequência de um «livre» marcado por Mazzola, do lado direito do ataque italiano.

NASCEMOS EM SÁ DA BANDEIRA OS «SPRINGBOKS» PORTUGUESES?

O facto de estar actualmente radicado, em Sá da Bandeira, o dr. Américo Caetano Nunes, fundador e impulsor do Grupo Desportivo de Direito, elemento conhecido pela sua dedicação e conhecimentos do desporto da bola oval, veio trazer esperanças em que, num futuro mais ou menos próximo, os rapazes de Sá da Bandeira formem uma boa equipa de rúgbi.

O mestre é dos mais competentes que há no nosso rúgbi, mas precisa, naturalmente, de ser auxiliado no seu trabalho com o envio de material didáctico e ajuda financeira para o estabelecimento da modalidade no planalto angolano. Para já tem um elemento que o poderá ajudar, o dr. Alvaro Lara, antigo «três-quartos pontão», de Direito. Mais tarde terá o auxílio da Federação Portuguesa de Rúgbi cujo presidente, dr. António Celeste, vai enviar para o «Tchinelviro Clube» de Sá da Bandeira cem livros de regras, logo que estes sejam editados.

Compete, agora, ao inspector da modalidade, dr. João Atayde, antigo discípulo do dr. Caetano Nunes, fornecer através do Fundo de Fomento Desportivo filmes didácticos, que facilitem a assimilação do «espírito do jogo» por parte dos cinquenta rapazes (actualmente), desvendando os segredos do rúgbi.

As condições meteorológicas e climáticas em Angola são excelentes, pois a temperatura média é semelhante à de Abril na Metrópole, óptimas, portanto para a prática dos desportos.

O índice físico dos rapazes de Sá da Bandeira, que o dr. Caetano Nunes conseguiu já captar, é muito bom. Segundo soubemos têm uma

média de 1,75 metro de altura, com pesos à volta de 80 quilos e são, quase todos, longilíneos. Reunem, portanto, condições físicas excelentes para a prática da modalidade. Dada a proximidade da África do Sul poderá nascer, em Sá da Bandeira, um tipo de raguebista semelhante aos famosos «Springboks» da União Sul-Africana. Nisso cremos, firmemente, pois a persistência, a tenacidade e o ânimo inquebrantável são qualidades básicas do treinador dos rapazes do «Tchinelviro» de Sá da Bandeira e se os pupilos o ajudarem o rúgbi será uma realidade em Angola.

HOJE À NOITE

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — 26.º Campeonato Nacional de Ténis de Mesa (distrito de Lisboa), 1.ª categoria: Guérin-Sorefame, F. N. P. Trigos-Comp. Carris, Móveis Olaio-F. C. Regina e Simca-Lisgás, nas mesas dos primeiros, às 21 e 15.

BASQUETEBOLE — Campeonato Nacional da III Divisão: Ateneu-Alunos de Apolo, Carnide-Santa Engrácia e Fac. Ciências-Desp. Santos, nos recintos dos primeiros, às 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa (equipas), 2.ª jornada — 1.ª Divisão: R. Janeiro-Intendente, Sporting-Belenenses, Avila-Benfica e C. Católico-F. C. Lisboa; 2.ª Divisão: G. I. P. Amoreira-Arroios, P. de Arcos-Ateneu, Arte e Sport-Armadorense e S. L. Amoreiras-A. Amadora; 3.ª Divisão: Bela Vista-S. L. Águilas, Operário-Ferrovário, Lisgás-Desp. Operário e Mirantense-Combatentes. Todos os encontros, em 1.ª categoria, nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio Infância, II Divisão, seniores: C. F. Benfica-F. Ciências e Colégio Militar-Sintrense, nos recintos dos primeiros, às 21 e 45.

ASSEMBLEIAS GERAIS — Do Casa Pia A. C., para apreciação e discussão de novos estatutos, às 20 e 30.

ACTOS DE POSSE — Dos colaboradores do futebol profissional do Belenenses, na secretaria do clube, às 18 e 15.

A F. P. F. castiga

Na sua reunião de ontem, o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, decidiu aplicar os seguintes castigos:

I DIVISÃO — Três jogos — Carlos Adriano dos Santos, do Sporting, por agressão a um adversário; repressão por escrito — Valdemar de Barros Pacheco, F. C. Porto, por atitudes praticadas com o fim de retardar o andamento do jogo.

II DIVISÃO — Três jogos — José Armando Figueira Santos, G. D. Peniche, por agressão a um adversário; Lino Augusto Sampaio Filipe, C. D. Montijo, por agressão a um adversário; um jogo — Alípio de Pinho Pinhal, Leça F. C., por ameaças de agressão a um adversário; Luís Filipe Coelho, Encarnação Higinio, Sintrense, por ameaças de agressão a um adversário.

A CLUBES — Multa de 1300\$00 — Ao Futebol Clube Famalicão, por agressão a um elemento da equipa de arbitragem; multa de 250\$00 — Ao Grupo Desportivo de Peniche, por arremesso de objectos sem molestar os componentes em campo.

SPORTING

EM S. JOÃO DA MADEIRA
DIAS 18 E 19 DE FEVEREIRO

1.ª partida: sábado às 7 h. com dormida no Porto — 120\$00

2.ª partida: sábado às 14,30 h. fazendo um lindo passeio pelo Vale do Vouga — 120\$00

3.ª partida: domingo às 6 h. directa — 100\$00

TURISMO LUSANOVA

AVENIDA JOÃO XXI, 9-A
LARGO MARTIM MONIZ, 5-A
Telefs. 726115-862194-726116

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO.

VOLEIBOL O Técnico terminou a primeira volta do campeonato regional sem ter perdido um «sete»

Terminou a 1.ª volta do Campeonato Regional da I Divisão, de voleibol, de seniores, tendo o Técnico averbado a dupla proeza de guia invicto e de nem um «sete» ter perdido.

Os «engenheiros», que na época passada venceram todas as provas regionais e conquistaram também o Campeonato Nacional, ouidaram com afinco da sua preparação técnico-física, já que, além das provas nacionais, lhes cabia participar na Taça dos Campeões Europeus.

Nos primeiros jogos do calendário regional, realizados pelo Técnico, dada a inferioridade estrutural das equipas que lhe coube derrotar, não veio ao de cima a sua melhor valia. Entretanto, em menos de dez dias teve que jogar com o Lisboa Ginásio e com o Benfica e, entre estes dois jogos, efectuou também a 1.ª mão, dos oitavos de final, da Taça dos Campeões Europeus, com o Hispano Francés, de Barcelona.

A lesão do seu excelente rematador Carlos Poppe no 1.º «sete» deste encontro, se deve, em parte, o menor êxito no final de cada um dos «sets».

O Lisboa Ginásio, esta época privado do concurso de José Borges, Vilar Moreira e de Jaime Duarte, apresentou nova formação, orientada pelo professor Moniz Pereira. Justificase, por aquele motivo, a sua menor eficiência neste início de época. Aquardase, porém, a sua breve eficiência.

O Benfica, que na época transacta, em constante progressão técnico-física, logrou vencer, pela primeira vez, a Taça de Portugal, continua a ser o difícil antagonista dos guias da classificação e mais apto a discutir o desfecho da prova.

Porém, o serviço militar tem-lhe impedido a colaboração assídua de alguns elementos de valor.

O Nacional de Ginástica continua na sua faceta de assinalável dedicação à modalidade e é sempre adversário difícil de vencer.

As equipas do Belenenses, do C. I. F. e do Dramático de Cascais, continuam, dentro das suas possibilidades, a manifestar a sua melhor dedicação à modalidade, dentro do seu mais puro amadorismo, lema de todos os voleibolistas.

Prevêem-se para a segunda volta, além do despique Técnico-Benfica, pelo título, ligeiras alterações na classificação das restantes equipas.

A classificação geral, ao fim da 1.ª volta é a seguinte:

	J.	V.	D.	S.	P.
Técnico	6	6	—	18-0	12
Benfica	6	5	1	15-6	11
L. Ginásio	6	4	2	14-7	10
Nac. Ginástica	6	3	3	18-10	9
Belenenses	6	2	4	8-12	8
C. I. F.	6	1	5	3-17	7
Cascais	6	—	6	3-18	6

Rui Cunha
será o novo presidente da C. Central de Árbitros

Está finalmente resolvida a «crise» da arbitragem do voleibol ocasionada pela demissão do seu elenco directivo, em Setembro último.

O antigo praticante e árbitro Rui Cunha, que representou o Nacional de Ginástica e o Benfica, aceitou o convite e aguarda-se a sua breve posse, para a normalidade directiva daquele organismo.

O C. I. F. COMEÇOU A 2.ª VOLTA COM UMA VITÓRIA

A contar para a primeira jornada, segunda volta, do Campeonato Regional de voleibol, de seniores, realizou-se ontem, à noite, na Escola Josefa de Óbidos, o jogo C. I. F.-D. de Cascais.

Ganhou o C. I. F., por 3-1 (11-15, 18-16, 15-12). Sob a arbitragem de Alberto de Sousa e José Velga, alinharam: C. I. F. — Fernando Caldeira, Rui Marcelino, Luís Reis, Vítor Melo, Fernando Guterres, Lyon de Castro e Madeira Corra. DRAM. CASCAIS — José Paiva, Artur Rebelo, Jorge Couto, António Filipe, João Silveira e Francisco Amaral.

Todos os «sets» foram disputados com o maior entusiasmo por ambas as equipas e o Dramático de Cascais, que logrou, com mérito, vencer o primeiro jogo, nos seguintes, mercê da sua apreciável aplicação, somente nos desfechos, de cada um deles, cedeu a vantagem aos ciftas.

A primeira jornada termina amanhã com os jogos Nacional de Ginástica-Lisboa Ginásio, no Liceu de Oeiras, e Belenenses Benfica, na Escola Ferreira Borges.

Para quando a posse dos novos corpos gerentes da A. V. L.

Conforme oportunamente notificámos, por impossibilidade de alguns

(Continua na página seguinte)

JOGO EM MILÃO PARA OS QUARTOS DE FINAL (1.ª MÃO) DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

linha constituída por Sanchis, Pirri, De Filipe e Zoco.

Através destas citações se pode imaginar o grau de preocupações que dominavam os técnicos, mostrando, mais tarde, os homens do Real bastante maiores cautelas, ao reforçarem aquele sector com o recuo de Grosso, deixando, por vezes, somente a Amancio e Gento a missão de bater a defesa dos italianos. Impossível, como se verificaria no final.

Os primeiros minutos do desafio foram confusos. Aos poucos, os espanhóis acabaram por se mostrar com sistema de jogo mais clássico, mais colectivo, de uma ponta a outra da equipa. Os milaneses, sendo fortes no colectivismo defensivo, sempre que passavam ao ataque faziam-no caracteristicamente à base do lance de surpresa, vulgo, contra-ataque.

Ao quarto da hora de jogo já se podia vaticinar certo favoritismo ao Inter. Por duas ou três vezes Mazzola e Cappelini (um jovem que é o actual menino bonito dos «tifos») tinham invadido a grande área do Real, mas a defesa espanhola, em bloco certo, unido e generoso, evitava com galhardia as iniciativas dos transalpinos.

Um tiro de Amancio, que embateu na barra, e cuja recarga o guarda-redes Sarti defendeu, aos 23 m., afirma que os madridistas nunca deixaram de pensar no ataque, mas a insistência do Inter em massacrar o seu meio-terreno fêz-las renunciar, praticamente, às avançadas com organização.

Ao intervalo já o Inter merecia estar a vencer. O zero a zero era imerecido para os espanhóis e sig-

O I «Rallye» dos Jornalistas —um acontecimento inédito

Os jornalistas vão ter, finalmente, o seu «rallye». Mais do que uma mera prova automobilística, ele representará, sobretudo, uma oportunidade de convivência, em camaradagem, da grande família da Informação.

Organizado pela Casa da Imprensa, com o patrocínio do Sindicato Nacional dos Jornalistas, o «Rallye» dos Jornalistas realizar-se-á no dia 1 de Maio, cabendo a organização técnica da prova ao Automóvel Clube de Portugal que, muito amavelmente, se prontificou a fornecer toda a assistência à iniciativa.

As inscrições, cujo produto reverte para a Casa da Imprensa, serão apresentadas nesta última, logo que se encontrem estabelecidos o regulamento, percurso e prémios da prova, sendo o seu custo de 50\$00. Sublinhe-se, contudo, de já, que este «Rallye» não faz parte de qualquer calendário desportivo, nem conta para qualquer campeonato, pelo que não exigirá especial «bagagem» técnica, não se prevendo que o desgasto das viaturas seja superior ao de um passeio aos arredores...

Além dos profissionais da imprensa diária e desportiva ou especializada, serão aceites as inscrições dos elementos da Rádio, TV, Teatro e Cinema que desejem participar no «Rallye» e no almoço de confraternização que, após ele, está previsto, com a participação de todos os concorrentes.

O «Rallye» Arte e Sport disputa-se em 12 de Março

Começou a ser distribuído por todo o País o regulamento do «Rallye Arte e Sport», a realizar em 12 de Março. Como primeira prova do Critério de Iniciados de 1967, é reservada a automobilistas que nunca tenham tomado parte em «rallyes» de primeira categoria, sendo, portanto, de prever que o número de inscritos nesta prova atinja um «record», dado os inúmeros pedidos de inscrição já de posse da secção de automobilismo do Arte e Sport.

Prova destinada a fomentar o desporto automóvel, especialmente entre a juventude, o «Rallye Arte e Sport» terá início e fim no Parque do Estoril, durante a manhã de 12 de Março, sendo os prémios distribuídos no mesmo dia, no «Casino do Estoril».

Prepara-se a XVIII Volta a Portugal em automóvel

A XVIII Volta a Portugal em automóvel, prova com o mais elevado coeficiente do Campeonato Nacional de «Rallyes», está a ser cuidadosamente preparada pelo Clube 100 à Hora e respectiva Comissão Desportiva.

A organização com a colaboração da Junta de Turismo da Costa do Sol, fará revestir a partida para a Volta do maior sensacionalismo.

A verificação técnica, prevista para ser iniciada às 10 horas do dia 2 de Março, far-se-á no Estoril, que, para o efeito se encontrará embandeirado com um ar festivo. Após a verificação, os carros entrarão em parque fechado até às 18 horas, permanecendo dentro do recinto privativo, parque fronteiro à Junta do Turismo da Costa do Sol, funcionando nessa Junta o secretariado da XVIII Volta a Portugal.

Numa das vitrinas da sede da Junta de Turismo, serão também expostas as taças e prémios particulares a disputar. Proporcionar-se-á aí um bom convívio entre concorrentes, condutores, comissários desportivos, público e convidados.

Às 18 horas, os concorrentes e comissários, partirão em desfile para Lisboa, após terem dado uma volta de honra ao parque do Estoril. Os carros chegarão ao Campo Pequeno e aí continuarão em parque fechado, até às 22 horas, hora a que será dada a partida para a 1.ª etapa.

Na 1.ª etapa os concorrentes dirigem-se para o sul do País, percorrendo o Algarve e fazendo um troço cronometrado em Tavira, donde saíram para Portalegre, final da etapa.

A 2.ª etapa, sem dúvida a mais dura de toda a prova, irá terminar em Bragança, onde uma neutralização de 6 horas, permitirá um merecido repouso e uma saudável confraternização. Daí partir-se-á para o Estoril, numa 3.ª e última etapa, um

percurso que só deverá ter dificuldades, até Viana do Castelo. De Viana ao Estoril, os concorrentes não deverão ter dificuldades, atravessando importantes localidades, numa média facilmente cumprível, proporcionando ao público a possibilidade de ver de perto os seus volantes, podendo dispensar-lhes os seus aplausos.

A chegada ao Estoril está prevista para as 17 horas de 5 de Março. Aí se efectuará uma prova complementar de velocidade, nos arruamentos junto ao Casino.

Na terça-feira e também no Estoril, o Clube 100 à Hora, no decorrer dum «cocktail» para o qual serão convidados concorrentes, comissários, rádio imprensa, televisão e outras individualidades que colaboraram na organização, fará a distribuição de prémios.

ESGRIMA

As equipas do C. D. U. L., A e B do C. Shell e do C. N. E. apuradas para a final do «Nacional» de florete

Realizou-se, no Centro Espanhol, a segunda jornada do Campeonato Nacional de Florete, por equipas. Apuradas, na 1.ª jornada, as equipas do C. D. U. L. e do C. Shell para a «poule» final, restava apurar as outras duas, para o que se procedeu a várias eliminatórias, em que se verificaram os seguintes resultados: C. D. U. L. «C»-Ateneu, 14-2; C. D. U. L. «B»-C. N. E., 11-5; C. D. U. L. «A»-C. N. E., 9-7; C. D. U. L. «B»-Ateneu, 10-6; C. D. U. L. «B»-C. D. U. L. «C» 12-4; e C. N. E.-Ateneu, 12-4.

Passaram à final as equipas do C. D. U. L. «B» e do C. N. E.

Para a «poule» final, realizaram-se só dois encontros, que terminaram com os seguintes resultados: C. N. E.-C. Shell, 10-6; e C. D. U. L. «A»-C. D. U. L. «B», 14-2.

O campeonato prossegue e termina na próxima terça-feira.

CORPOS GERENTES

do Caselas F. C.,

G. D. da Mouraria e G. C. de Arouca

O corpo gerentes do Caselas Futebol Clube são presididos pelos srs. Eduardo Barnabé de Almeida, Basílio Gouveia e Armando Esteves Cordeiro, na assembleia geral, direcção - conselho fiscal.

Também o Grupo Desportivo da Mouraria escolheu os corpos gerentes. Os srs. António Baptista de Almeida, António Henriques de Almeida e José Baptista de Almeida presidem, respectivamente, a assembleia geral, direcção e conselho fiscal.

O Ginásio Clube de Arouca nomeou os corpos gerentes. São os seguintes os presidentes eleitos:

Assembleia geral - Carlos Neto de Oliveira Esteves. Direcção - Joaquim Brandão de Almeida. Conselho fiscal - Arménio Alberto Ferreira da Silva.

VOLEIBOL

(Continuação da página anterior)

elementos eleitos na assembleia geral ordinária da A. V. L. virem a desempenhar os respectivos cargos, nova assembleia geral se realizou para constituição definitiva e completa do elenco directivo.

Entretanto até ao momento não foi possível marcar a data da posse, porque «os documentos respeitantes a alguns elementos eleitos» não deram ainda entrada na A. V. L., para superior homologação.

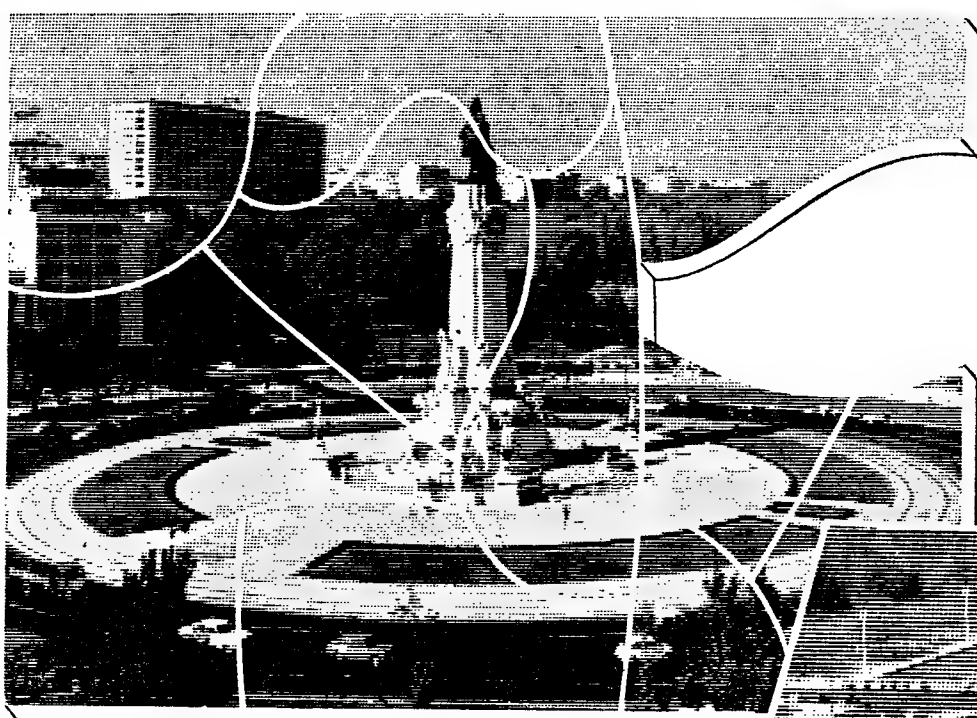
Alguns antigos dirigentes que têm garantido a continuidade das actividades regionais, estão dispostos a depor o seu mandato no próximo dia 28 «se, até essa data, não lhes for possível submeter os novos corpos gerentes à aprovação superior».

Após cinco meses de actividades da época em curso, impõe-se a normalidade directiva da A. V. L. e aguardando-se para tal que os novos eleitos se apressem a cumprir com as habituais formalidades.

L. C.

QUASE

IMPOSSÍVEL



Sim, quase impossível! Tão difícil como terminar este «puzzle» é encontrar um Anglia em segunda mão! E sabe porquê?

Porque o ANGLIA é
Ecónomia - Duração - Segurança

Mais de um milhão de condutores satisfeitos confirmam, diariamente, todas estas qualidades.

É por isso que o ANGLIA
CUSTA POUCO NA COMPRA • VALE MUITO NA TROCA

Anglia O CARRO QUE LHE CONVÉM
(quem tem um não o larga!)

Veja-o e experimente-o no seu Concessionário FORD



LISBOA: AUTO BOAVISTA, Lda. - R. da Boavista, 81-B
AUTO RALI, S.A.R.L. - Av. Almirante Reis, 130-A
Av. Eng. Frederico Ulrich - Cascais
J. MENDES CORREIA, Lda. - R. Alexandre de Gusmão, 6-A

1-92



52.608\$00
(Inc. Taxa F.F.E.)

este ano
vá
com
Ford!

Programa da Rádio

EMISSIONA — 1.º programa — 451 m
665 kc/s — As 16: Melodias; 16 e 15: Conjuntos vocais; 16 e 30: Noticiário; Programa da tarde: 8: Noticiário; 8 e 10: Danças; 18 e 35: Rádio Mocidade; 19: Noticiário regional; 19 e 10: Atenção Luanda; 19 e 15: Instrumentistas; 19 e 25: A ciência e o homem; 19 e 45: Canções de Portugal; 20 e 30: Diário sonoro — Boletim meteorológico; 21: Bailarico; 21 e 20: 4.º episódio do folhetim «Engrenagens malditas»; 21 e 40: Música brasileira; 22: Ontem e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim meteorológico; 22 e 40: Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 0: Noticiário; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa — 397 m — 755 kc/s
As 16: Obras dos compositores brasileiros José Siqueira e Francisco Mignone; 16 e 50: «Rondó caprichoso», op. 44, de Mendelssohn; 7: Interrupção. As 18: Que quer ouvir?; 18 e 40: Música sinfônica; 19 e 26: Música de piano; 20: Noticiário — Boletim meteorológico; 20 e 5: Música coral-sinfônica; 22 e 28: «Quarteto n.º 2 em dó», op. 36, de Benjamin Britten; 23: A Voz do Ocidente; 15: Fecho.

3.º programa — 343 m — Modulação de frequência 2 — As 23: Festival de Nice de 1966 (1.ª parte); 23 e 30: «Outono», do ciclo de 8 canções, de Hermann Haller, pela mezo-soprano Barbara Geiser-Feyer; 23 e 47: Festival de Nice de 1966 (2.ª parte); 0 e 20: Música sinfônica; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,1 m — 1034 kc/s — As 16 e 4: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Orquestras em foco; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 5: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Uma orquestra e um conjunto; 20 e 30: Jornal dos espetáculos; 20 e 45: Canções românticas; 21: Noticiário; 21 e 8: Uma orquestra; 21 e 15: Voz do Alentejo; 21 e 45: Música das três Américas; 22: Noticiário; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: Meia-noite; 3 e 2: Sintonia; 6 e 2: Desculpe, mas já são horas; 7 e 3: Talsima.

Modulação de frequência — 90,4 mc/s — As 16 e 30: Encontro no ar; 17: Noticiário; 17 e 55: O nosso programa; 19: Noticiário; 19 e 14: Em órbita; 20: Noticiário; 20 e 52: Boa noite em FM; 21: Noticiário; 22: Noticiário; 22 e 2: Programa 4 Gó-Gó; 23: Noticiário; 23 e 5: Grande roda; 0 e 2: A noite é Varig; 1 e 3: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,4 m — 782 kc/s — As 16 e 4: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinées» teatral; 19: Noticiário; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 17: Vozes de Paris; 19 e 30: Robbiolac; 19 e 45: Melodias para si; 20: Noticiário; 20 e 3: Rádio Placard; 20 e 25: Boletim de informações; 20 e 30: Variedades; 20 e 45: Página regional; 21: Noticiário; 21 e 8: Orquestras; 21 e 15: S6 rádio; 21 e 30: Apenas música; 21 e 45: Desfile de estrelas; 22: Noticiário; 22 e 3: Andam contigos no ar; 22 e 31: Conjuntos de ritmo; 22 e 45: O fado na voz de...; 23: Noticiário; 23 e 5: Clube da Juventude; 0 e 2: Meia-noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiorama; 18: Canções em voga; 18 e 25: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: C. C. C. igual a C. C. C.; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: Variedades; 20: Sinfonia da vida; 20 e 15: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Sucessos musicais que o mundo canta; 21 e 30: Vozes portuguesas; 21 e 45: Clave de sol; 22: Quando o telefone to-

ca; 22 e 30: Música de filmes; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256 m — 1169 kc/s — As 16: Radiorama; 8: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religiosos; 18 e 30: Terço da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 5: Música selecionada; 19 e 25: Publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Programa de Lisboa; 20: Música e acaço; 20 e 15: Música para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: Segundo «gong»; 22 e 30: Programa de Lisboa; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONS ASSOCIADOS — 188 m — 1594 kc/s (99,4 mc/s) — Das 14 e 30 às 19 e 30: Rádio Graça; 19 e 30 às 22: Voz de Lisboa; 22 às 2: Clube Radiológico de Portugal.

Serviços urgentes

Telefones

BOMBEIROS — Sapadores 322222 * Voluntários, 538524

AGUA GAS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 361353 * Companhias Reunidas, 537021 * Gazcilda 538821 * Gazcilda (dom. e feriados) 382069

POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 735380 * Marítimo, 326456 * Internacional 364721 * Viação e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural), 368651

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * En-

fermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sanque, oxigenio e soro, 771161 * Transfusões, soro e oxigenio, 538524

TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 * Caminhos de ferro (C. P.), 869029 * Caminhos de ferro (Estoril), 361121 * Estação Fluvial (T. Paço), 325345 * Estação Mar do Alcantara 663195 * Estação Marítima do Rocha 67445 * Estação Fluvial (Belem) 538531

Farmácias de serviço

Em Lisboa — Turno D

(Ver pelos dados das medições telefônicas entre parênteses)

AJUDA — Mendes Gomes, Caix. do Ajuda, 22: (638256) * Tapada, Lda., Caix. da Tapada 83-A (634721)

ALCANTARA — Ester Noronha R. de Alcântara, 5-A (631563)

ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis 93-A (4269) * Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-0 (50593) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D 4.º (49479)

ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque RSV (843571)

ALVALADE — Lida, Av. da Igreja, 4-B-C (1.º 681) * Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 40-E (760658) * Celta, R. Moura Girão, 3-B (710621)

AMOREIRAS — Amoreiras, Pr. das Águas Livres, 8 (68155)

AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 13-A (716235) * Lusitana, Av. de Roma, 8-A (725443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (70331)

AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Av. da República, 55-A (772132) * Providência, R. D. Filipe de Vilhena, 7-C (770324) * Sá da Bandeira, Rua Marques 50 da Bandeira, 36 (41961) * Oliveira Viegas, Rua Vinato, 29, 29-A (48966)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, P. Casas Novas, lote 66, lojas escurvas e centro (388172)

BAIXA — Simões Pires, R. da Prata 5 (362350)

BENFICA — Benfizar, Est. de Benfica, 44-A (782606) * Alegria, Est. de Benfica, 80-A-B (7805) * Progresso, R. A-da-Maria, 64-C (702261)

CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafanz de Dentre, 36 (866126)

CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim, 125 (239446)

CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R. D. Maria Pia, 5 4 (687949) * Lindeia, Rua Ferreira Borges, 30 (660955)

CAMPO DE SANTANA — Península, Cam-

po dos Mártires do Pátio 533308

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo do Fonseca 53 (683438) * Zenel, Rua A, 8, Bairro da Liberdade (65340), * Nova, R. de Campolide 297-C 681415

CHARNECA — São Bartolomeu, Junta aos Basares de Boixo Vile Paulo Jorge

DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 5-B 382470 * Zema, R. General Justino Paiva (6 Colégio dos Barbados) 21-A (832580)

ESTEFÂNIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808)

ESTRELA E LAPA — Alb., R. de Votana, a Lagoa 56 (663562)

GRAÇA — Almeida Dias, L. da Graça, 38-A-39 (862909) * Hialénia, R. Hialénia Salgado, 20-A (844361)

LUMIAR — Patuleira, R. do Lumiar 22 (790332) * Doura, Al. Linhas de Torres, 93 (791131)

MADRAGOA — Moderna, R. Garco de Orta 24 (563171)

MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 2 (860464)

OLIVAS — Higien, Rua B 4, lote 43 (Olvas Sul) (388026)

PALHAVA — Centro, Est. das Laranjeiras, 20 (783841)

PEDROUCOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280)

PICHELEIRA — Marius, Caix. do Picheleira, 40-B-C (720703-128395)

S. BENTO — Valentim, Lda., R. Poço dos Negros, 88-90 (679453)

SANTO AMARO — Botânica, R. do Junqueiro, 38-40 (638132)

SANTA MARTA — Moraes Sarmento, R. de Santa Marta, 5-A-B (44490)

S.ª — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2 (859831)

*** 1.ª Linha de Cascais**

ALGES — Nito, Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telefone 242839)

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 24200341)

OEIRAS — Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE — Almir, Av. Gago Coutinho, Bairro Casas de Providência (Tel. 2472948)

ESTORIL — Ostende — R. de Espanha, 1 — Monte Estoril (Tel. 260391); S. João — Est. Nacional, 8 (Tel. 261861)

CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 2800783; A. Costa — R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

*** Na Linha de Sintra**

AMADORA — Dias, Av. Marques de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos — R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); * Clotel — R. Ant. Sordinha, lote 5, loja B (Tel. 938551); S. Jorge — R. Pedro de Negro, loja 5 — Reboreira (Tel. 938703)

DAMAIA — Conflange — Est. Militar, lote D (Tel. 971023)

QUELUS — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117); Simões Lopes — Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)

CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS — Quilme — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)

SINTRA — Marrazes — vila — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES — Colares — Areio (Tel. 299088)

*** Na Outra Banda**

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa, 0 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA — Alentejo — Estrada Nacional, 74

BARREIRO — Pimenta — R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (Tel. 2273012)

COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365)

MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229025)

SETUBAL — Marques — R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783); Bontim — Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558)

SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 228580)

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

Injeções — Tratamentos — Velas — Soro — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

Telef. P. P. C. 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE

CLÍNICA GERAL

CHAMADAS TELEFONICAS 76 61 46

SONOTONE

É O MELHOR APARELHO PARA SURDOS

POÇO DO BORRATÉM, 33 - LISBOA

CENTRO ENFERMAGEM DE URGENCIA

SANTA MARTA

INJECCOES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGENIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS

Rua Conde Redondo, 56, 2.º

Telef. 43738

PROGRAMA DA TV PARA HOJE

As 15, Curso Unificado da Telescola; 19, TV Educativa — Francês e Arte Portuguesa; 19 e 30, Telemat — Agenda da Praça; 19 e 50, Harmonia e Bom Gosto — programa sobre decoração dedicado às senhoras; 20 e 15, Programa da Junta da Acção Social; 20 e 30, Vamos Jogar no Totobola; 20 e 40, Filme Infantil — Carrocel Mágico; 21 e 05, Angulo Recto — apresentação de um documentário sobre Roque Gameiro, realizado por Luís Miranda; 21 e 25, Títulos de Caixa Alta; 22, Telemat e Boletim Meteorológico; 22 e 25, Série de Aventuras — «O Maioral» (2.ª episódio), com James Drury, Lee J. Cobb, Dong McClure, Gary Clarke e Roberto Shore; 23 e 40, Telemat (últimas notícias); 23 e 45, Meditação; 23 e 50, Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — As 15, Curso Unificado da Telescola; 19, TV Educativa: Matemática; 19 e 30, Telemat, 19 e 45, Agenda da Praça; 19 e 50, Os Vigilantes da Floresta — Série Juvenil; 20 e 15, Carta de Espanha — Bilbo e Sol e Neve; 20 e 40, Filme Infantil — «Carrocel Mágico»; 20 e 55, Sangue na Estrada — um programa apresentado por Filipe Nogueira; 21 e 25, TV Clube — com Alberto Ribeiro (Realização de Oliveira Costa); 22, Telemat e Boletim Meteorológico; 22 e 20, Série de Aventuras — «O Barão» — com Steve Forrest, Sue Lloyd, Kay Walsh e Alan Mac (realização de Cyril Frankel); 23 e 20, Recital pela pianista Michele Bogner (realização de Jorge Listopad); 23 e 35, Telemat (últimas notícias); 23 e 40, Meditação; 23 e 45, Fecho.

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

Fundos do Estado	Effect.	Compra	Venda	Comp.ª diversas	Effect	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10	—	—	550\$00	Cimentos Tejo	—	2.000\$00	—
Cons. 3 % T. 10	600\$00	—	600\$00	Cimentos Leiria	—	1.500\$00	—
Cons. 3 1/2 % T. 10	—	—	740\$00	Industria Aliança	—	—	—
Centenários 4 % 1940	1.600\$00	—	1.600\$00	Portuga e Colónias	—	—	—
Obg Tes 2 1/2 % 1942 ...	—	—	—	Nac de Navegação	—	1.070\$00	1.100\$00
Obg Tes. 2 1/2 % 1943 ...	—	—	—	Col de Navegação	560\$00	560\$00	570\$00
Obg Tes. 2 1/2 % 1944 ...	—	—	—	Port de Celulose	—	3.900\$00	4.100\$00
Externo 1.ª série	—	1.200\$00	—	Port de Pesca	—	940\$00	—
Externo 1.ª série car.	—	1.200\$00	—	Port de Tabacos	436\$00	435\$00	437\$00
Externo 2.ª série	—	—	—	Tabacos de Portugal	—	930\$00	1.000\$00
Externo 2.ª série car.	—	—	—	Sacor	4.950\$00	4.900\$00	4.970\$00
Externo 3.ª série	—	—	1.248\$00	Socel	—	3.200\$00	—
Externo 3.ª série car.	—	1.300\$00	1.310\$00	U. F Azoto	1.090\$00	1.085\$00	1.095\$00
Externo 3.ª série car.	—	1.300\$00	290\$00	Petroquímica	—	—	—
Coat. 3.ª série s/l.	—	285\$00	—	Águas, Electricidade e Gás	—	—	—
Obrigações				Águas de Lisboa 934 ...	480\$00	480\$00	—
Águas de Lisboa 5 %	—	—	—	Águas de Lisboa 1936 ...	—	—	—
Norte de Portugal 5 % ...	—	102\$50	105\$00	Elétrica das Beiras	1.725\$00	1.720\$00	1.730\$00
Gás, Elect 3 3/4 %	—	—	—	Gás e Electricidade	421\$50	420\$00	421\$50
Gás, Elect 4 %	800\$00	800\$00	820\$00	H Alto Alentejo	212\$00	212\$00	213\$00
Gás, Elect 4 1/2 %	915\$00	915\$00	920\$00	H E Cávado	1.335\$00	1.335\$00	1.340\$00
Gás, Elect 5 %	925\$00	—	—	H E Zêzere	—	1.605\$00	—
U. E. P 3 3/4 %	78\$00	—	79\$00	Nac de Electricidade	1.710\$00	1.705\$00	1.715\$00
U. E. P 4 % 1945	—	81\$00	82\$00	Termoelectrica	—	217\$00	218\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	União Eléctrica Portuguesa	218\$00	217\$00	218\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	80\$00	—	Hidráulica do Douro	1.340\$00	1.335\$00	1.340\$00
U. E. P. 5 % 1951	83\$00	82\$00	83\$00	H E S.	—	173\$80	179\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—	F. Invest Atlântica	—	118\$60	122\$20
H do Douro	850\$00	848\$00	852\$00	F. I D E S	—	—	—
H E S. Estrela	—	—	—	PAISES			
C P. 4 1/2 %	950\$00	950\$00	955\$00	Africa do Sul — Rand	36\$00	38\$00	—
Metropolitano	930\$00	—	930\$00	Alemanha — Marco	7\$10	7\$30	—
TAP	—	—	—	América:	—	—	—
Sonefe	720\$00	715\$00	720\$00	Dólares de 1 e 2	28	—	—

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
GERTRUDES — no ESTUDIO 444
SURCOUF, O MAIOR DE TODOS — no POLITEAMA

FIVOLI
 As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
 George Peppard, James Mason e Ursula Andress
 num memorável acontecimento cinematográfico

AMBIÇÃO DE GLÓRIA
 («THE BLUE MAX»)
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

MONUMENTAL
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

ESPERO-TE NO INFERNO, QUERIDA!
 com Stuart Whitman e Janet Leigh
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)

QUINZENA DE TERROR
 AMANHÃ — Adultos — 18.30 h.
O HOMEM QUE ENGANOU A MORTE (Terence Fisher)
 Com Christopher Lee e Anton Diffring
 Dia 20: A Volúpia do Crime (W. Castle) Adultos

ODEON
 As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme corajoso em desvendar paixões proibidas...

RAINHA DO AMOR
 A maior criação de SARA MONTIEL
 Vibrante história de uma mulher vítima da fatalidade de ter nascido perigosamente bonita...
 (Col.) CANÇÕES MARAVILHOSAS (M. 17 anos)

ROMA
 As 15.30 e 21.45
 Petitia Roman e Paul Hubschmid na história de dois casais que têm muito que contar!
CASA COMIGO, QUERIDA!
 uma comédia divertidíssima
 No programa: o magnífico documentário colorido, produzido pelo S.N.I. — «Encruzilhada Internacional».

LIZ
 As 21 horas (Adultos)
 Telef. 4 85 60
O GRANDE MORDOMO AS MINAS DE SALOMÃO

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

estudio 444
 As 15.15 e 21.30 (M. 17 anos)
 Um filme realista arrancado à vida de desejos insaciáveis e prazeres descontrolados!

IMPERIO
 As 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
 Um monumento da realização cinematográfica

PARIS JÁ ESTÁ A ARDER?
 33 actores de renome internacional sob a direcção de RENÉ CLEMENT
 Atenção: Devido à sua longa metragem o filme começa 12 minutos depois do início das sessões.

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

estudio 444
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 Um filme fora de série com Sidney Poitier

SÃO LUIZ
 As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M. 12 anos)
 2.ª SEMANA (Adultos)
 Não confundir! Este filme não se parece com os outros do mesmo género!

MATT HELM — AGENTE MUITO SECRETO
 com Dean Martin e Stella Stevens

EDEN
 As 15.15, 18.30 e 21.30 (M. 12 anos)
 2.ª SEMANA O grande êxito do Carnaval de Lisboa

O GENDARME EM NOVA YORK
 com Louis de Funès e Genevieve Grad

POLITEAMA
 HOJE, às 21.30 EM ESTREIA
 Temerárias aventuras do mais famoso corsário

SURCOUF — O MAIOR DE TODOS
 com Gerard Garin e Antonella Lualdi
 TECNISCOPÉ — EASTMANCOLOR

MUNDIAL
 As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
 Um filme de classe

UMA ESTRELA SEM NOME
 com Marina Vlady e Claude Rich

ALVALADE
 As 15.45 (p. r.) e 21.45 (Adultos)
 2.ª SEMANA De todas as armas que usava, as mulheres eram as mais perigosas!

MATT HELM — AGENTE MUITO SECRETO
 com Dean Martin e Stella Stevens

AVIS
 As 15.30 e 21.45 (Adultos)
 4.ª SEMANA de enches de grande êxito!

UM ITALIANO EM LONDRES
 Techniscope — Eastmancolor

CINE-TEATRO LIDO
 As 21.30 (M. 12 anos)
 Uma realização de Alfred Hitchcock, o mestre em filmes policiais!

O TERCEIRO TIRO
 com Shirley McLaine e Edmund Gwén

EUROPA
 As 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
 OS PROFISSIONAIS com Burt Lancaster — Lee Marvin — Jack Palance

RESTELO
 As 21.30 (Adultos)
 ASSINATURA DO CRIME com Patrick Wyhark — Margareth Johnston

CINEMA IDEAL
 Telef. 32 41 94
 As 15.15 e 21 h. (M. 12 anos)
 KINDAR, O INVULNERÁVEL O CONDE MAX

«Paris já está a arder?», no Império

(Continuação da 8.ª página)

muitos pontos na obscuridade e ilumina outros, com uma habilidade não senta daquele «savoir faire» de que são capazes tantos homens maduros que conseguem agradar a gregos e troianos, beneficiando, ao mesmo tempo, dos favores de uns e de outros. Isto, o que nos ocorre quanto à delicada matéria que serve de base ao filme. O que não se compreende bem é se essa nova vaga parte dos homens de quarenta ou mais anos, que não esqueceram a sua juventude ou vem daqueles que nasceram depois de 1939. A dar-se esta última dolorosa hipótese, é bem possível que «Paris já está a arder?» ainda deixe um dia os mercados, para não lembrar o preço das guerras, das odiosas perseguições ou dos sonhos de grandeza nacional, que não assentem nos mais elementares preceitos da Razão, da Moral, da Justiça e do Direito.

Qualquer espectador sente que a primeira parte do filme, ontem estreado no Império, está mais bem conseguida que a segunda. É, pelo menos, durante ela — embora o filme se siga todo com emoção — que nos sentimos levados pelo vigor da imagem e da narrativa. Há um crescendo de emoção, num clima de epopeia, que vem quase a terminar no final da primeira parte. A segunda é quase um desfazer do que foi feito, num descer da curva da narrativa.

Os planos de filmes da época, como a veracidade das imagens, actual, são de excelente efeito e fundem-se com harmonia. Mesmo o preto e branco e a própria imagem têm um certo carácter que os distingue de outras obras. Bem enten-

dido que não há grandes papéis, com excepção, talvez, do que é desempenhado pelo actor Gert Fröbe, no «general alemão». Todos os outros grandes nomes, alguns melhores que outros, alguns, mesmo, deslocados — como Leslie Caron, Alain Delon, ou Jean-Paul Belmondo, ao lado de Charles Boyer, Kirk Douglas, Simone Signoret ou Anthony Perkins, são simples figurantes, uma vez que as verdadeiras personagens aqui são a Resistência, Paris e a Guerra.

Num longo fresco de carácter documental, realizado com um vigor onde não faltam apontamentos humanos, às vezes satíricos ou sarcásticos, René Clément logrou construir um filme que se segue com extraordinário interesse e com o qual muito se pode aprender. A nós ajudou-nos a compreender porque é que o Paris de hoje já não é o de ontem e porque é que a França, afinal, tem tanto medo da Alemanha.

L. d' O. N.

O filme «A Noite» na sessão do ABC Cine-Clube

Amãhã, pelas 18 e 40, no cinema Avis, exhibe-se a importante obra de Antonioni «A Noite», para os associados do ABC Cine-Clube de Lisboa. Além da realização é de realçar neste filme a excepcional fotografia de Gianni di Venanzo e a interpretação de Jeanne Moreau, Marcello Mastroianni e Monica Vitti. A entrada do cinema aceitam-se inscrições para novos sócios do clube.

11.ª SEMANA

(211.ª a 231.ª sessões)

do filme que pela sua espiritualidade e profunda verdade humana atingiu a inteligência e o coração de milhares de pessoas.

50 FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

UMA RESTEIA DE AZUL
 «A Patch of Blue»

SIDNEY POITIER
 ELIZABETH HARTMAN

SHELLEY WINTERS (OSCAR 1966)

Argumento e Realização: Guy Green
 Produção: Pandro S. Berman em PANAVISION



3.º MÊS

estudio

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
 A B C — As 20 e 45 e às 23: «Mni-Saia» (17 anos)
 AVENIDA — As 21 e 45: «Senhora na boca do lixo» (17 anos)
 CAPITÓLIO — As 20 e 45 e às 23: «Quem tem boca vai a Roma» (17 anos)
 MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «De vento em popa» (17 anos)
 MONUMENTAL — As 21 e 45: «A maluca da Arriola» (17 anos)
 VASCO SANTANA — As 21 e 45: «Exercício para 5 dedos» (17 anos)
 VILLARET — As 21 e 45: «O Idolo» (17 anos)
 CASA DA COMÉDIA — As 22: As noites brancas» (12 anos).

CINEMAS
 ARCO IRIS — As 21: «Intriga em Veneza» (17 anos)
 BÉLGICA — As 21: «O caso Ipress» (17 anos)
 BOM. V. LOURES — As 21 e 15: «A queda da Casa Usher» (17 anos)
 CINEARTE — As 21: «Nevada Smith» (17 anos)
 IMPERIAL — As 21: «A batalha das colinas de Whisky» (12 anos)
 JARDIM — As 21: «Traço vermelho 7000» (17 anos)
 MOSCAVIDE — As 21: «A mulher detective» (17 anos)
 OLÍMPIA — As 19: «Roma invencível» (12 anos)
 ORIENTE — As 21: «Matrimónio à italiana» (17 anos)
 PARIS — As 21: «Flint, agente secreto» (17 anos)
 PROMOTORA — As 21: «O justiceiro» (17 anos)
 REX — As 21: «Bikinis ao sol» (12 anos)
 ROYAL — As 21: «Luzes sem ribalta» (12 anos).

SALÃO LISBOA — As 19: «Duelo no Rio Bravo» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — As 21 e 15: «Os 3 sargentos» (12 anos).

Na Linha de Cascais
 OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «Regresso das cinzas» (17 anos).
 PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «F. B. I. agente implacável» (17 anos).
 CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «O senhor doutor» (12 anos).

Na Linha de Sintra
 VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21 e 15: «A volta de Nick Carter» (17 anos).
 DAMAIA — CINEMA D. JOÃO V — As 21 e 30: «Livres à quarta-feira» (17 anos).
 AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «José do Telhado» (12 anos).
 LIDO — As 21 e 30: «O terceiro tiro» (12 anos).
 QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «O terceiro dia» (17 anos).
 MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «Os heróis de Telemark» (17 anos).
 SINTRA — CINE-TEATRO — As 21 e 30: «A sombra do Zorro» (12 anos).

Na Linha de Almada
 ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «Fabulosa troca de caixões» (17 anos).
 ACADEMIA — As 21 e 15: «O homem mascarado» e «Romance no Luna Park» (12 anos).
 BARREIRO — GINÁSIO — As 21: «O grande espectáculo» (12 anos).
 TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «Um dia de vida» e «Passarinho da Ribeira» (17 anos).

HIPOTECAS
 FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA
 AO JURO DA LEI
 A CONFIDENTE
 ROSSIO, 3-2.º
 TELEF. 369384

RELÂMPAGO
 RESTAURANTE — BAR
 Se deseja almoçar ou jantar bem vá ao Relampago
 As 6.ª-feiras
 BACALHAU A RELÂMPAGO
 R. Mouzinho da Silveira, 19
 Telef. 47255 (Aberto aos Domingos)

CARTÃO DIPLOMATA
 O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condições social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
 Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
 A casa que melhor trabalha

RESTAURANTE MONTE ALENTEJANO
 Diariamente servimos os pratos de MIGAS com carne de porco, Enchido de Borrego, Sopa de cachorra, e mais pratos regionais
 Rua D. Luís de Noronha, 32-A
 (A. Av. de Bernal) — Telef. 778095

CASTANHEIRA
 DESENVOLVIMENTO DE UTILIDADE TURÍSTICA
 Est. da Torre - Lumiar - Tel. 79 01 68
 ESPECIALIDADES DIÁRIAS
 SALAS RESERVADAS PARA BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO
 AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

COZINHA ALENTEJANA
 ESPECIALIDADES DO ALENTEJO • ALMOÇOS E JANTARES
 CLASSIFICADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
 FOLCLORE REGIONAL
 Av. do Aeroporto, 162 — Telef. 72 70 71 — (Encerra às 2.ª-feiras)

Um familiar do arrais do «Rainha das Estrelas» tentará identificar o corpo que deu à costa em Espanha

PORTIMÃO, 16 — São já conhecidos os nomes dos três tripulantes que, em 21 de Dezembro último, saíram deste porto a bordo do «Rainha das Estrelas», pequeno barco a motor cuja desaparecimento se rodeia de denso mistério. Eram eles o arrais Geraldo Lucio, de 50 anos, residente em Albufeira; o motorista António do Carmo Anacleto, de 42, natural de Portimão; e um terceiro homem, Jaime Gonçalves das Neves, de quem se sabe, entre outras coisas, ter a cédula marítima passada pelo porto de Lisboa.

Como ontem noticiámos, deu à

O funeral do comandante Ernesto de Vilhena

Muitas centenas de pessoas, entre as quais se viam figuras marcantes da vida nacional, acompanharam hoje ao jazigo de família do cemitério dos Prazeres o corpo do antigo ministro da República, comandante Ernesto de Vilhena, num préstito fúnebre que saiu da Igreja de Santa Isabel às 11 horas.

Pouco antes daquela hora já muitas centenas de pessoas se aglomeravam à entrada do cemitério. Entre os presentes viam-se o sr. comandante Guilherme Thomaz, em representação do Chefe do Estado; ministro de Estado, dr. Motta Veiga, que representava o Presidente do Conselho; o titular da pasta do Ultramar, prof. dr. Joaquim Silva Cunha; o subsecretário da Administração Ultramarina, dr. José Almeida Cotta; a sr.ª D. Vera Franco Nogueira, esposa do ministro dos Negócios Estrangeiros; brigadeiro Kaulza de Arriaga e conselheiro Albino dos Reis.

Entretanto, continuavam a chegar muitas pessoas, estando presentes também os membros do conselho de administração da Companhia de Diamantes de Angola, do qual o extinto foi presidente.

A entrada do cemitério, a urna foi retirada do interior do autocarro por legionários que envergavam fardamento de campanha.

Pouco depois, praças de Marinha transportaram a urna até ao jazigo onde, após uma breve cerimónia religiosa celebrada pelo prior da freguesia de Santa Isabel o fúnebre foi depositado.

Desfilaram então em frente do jazigo, centenas de pessoas que se haviam incorporado no préstito, e que apresentaram condolências ao sr. dr. Julio Manuel Porto de Vilhena, filho do falecido, bem como a outros familiares do comandante Ernesto de Vilhena.

O MEDITERRÂNEO TODA A ITÁLIA E PARIS

Viagem de 27 de Abril a 16 de Maio (20 dias)

Passagens marítimas a bordo do moderno e luxuoso transatlântico N/M. «MICHELANGELO», de 43 000 toneladas, da Companhia de Navegação «ITÁLIA»

Programas, informações e inscrições na acreditada

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

costa no sul de Espanha, perto de Gibraltar, uma chata, que parece ter pertencido ao «Rainha das Estrelas».

Pormenor inquietante: amarrado a um banco da embarcação vinha o cadáver putrefacto de um desconhecido. Na suposição de que o cadáver, pelas indicações que a Polícia espanhola forneceu á sua congénere portuguesa, seja o do arrais Geraldo Lucio, seguiu, ontem, para Espanha um familiar do desaparecido, acompanhado por um agente da P. L. D. E., do vizinho posto de Vila Real de Santo António.

Nos bastidores

O «Rainha das Estrelas», pertença do sr. Mário Joaquim Cordeiro, gerente comercial, residente em Lisboa, onde está ligado a um pequeno comércio de artigos de tabacaria, foi arrendado, no passado mês de Dezembro, a um negociante do Barreiro, sr. João Ricardo Venancio da Costa, caixeiro-viajante marítimo.

Este ultimo, por coincidência, é o mesmo indivíduo que transportou, há tempos, ao Hospital de S. José, um contrabandista atingido a tiro pela Guarda Fiscal, em Corroios, quando da apreensão de uma importante partida de tabaco, roupas e calendários eléctricos, proveniente, segundo parece, de Tanger e Gibraltar.

Nova coincidência, esta mais natural: o tripulante Jaime Gonçalves das Neves, do «Rainha das Estrelas», é tio do mesmo sr. Venancio da Costa.

Como quer que seja, do barco desaparecido nada sabem as autoridades. Ou melhor: sabem que ele não arribou a nenhum porto espanhol ou norte-africano. Aguarda-se, neste momento, a identificação, ou não, do corpo que deu à costa em Espanha. Talvez comece aí o fio da meada.

Tudo o mais, incluindo a hipotética ligação deste caso com o do contrabando apreendido em Corroios, é puramente especulativo. Só as investigações em curso poderão fazer luz sobre tão impenetrável mistério.

Faleceu um dos militares vítimas do acidente na serra do Buçaco

COIMBRA, 16. — Não resistiu aos ferimentos uma das vítimas do desastre na Serra do Buçaco, ocorrido com um camião militar a catolze quilómetros de Mortágua. Tratase do soldado Fernando Rocha Soares, do R. I. 14, natural de Verdoojo, Valença do Minho, que fora internado em estado comatoso no Hospital Militar Regional desta cidade.

O outro ferido internado no mesmo estabelecimento hospitalar, primeiro-cabo miliciano Leonídio Carlos Pina, está livre de perigo.

O funeral do indito soldado Rocha Soares realiza-se depois de amanhã para o cemitério da terra da sua naturalidade, onde se desolará de Viseu uma guarda de honra do regimento.

Homem morto num desastre de viação

BRAGA, 16 — Em Cervães (Vila Verde), a motorizada na qual seguia o sr. Fernando Magalhães Reis, de 24 anos, agricultor, solteiro, da freguesia da Alheira (Barcelos), embateu no automóvel do sr. Manuel Alves, de Cervães, que era conduzido por seu filho, sr. José Bento de Sousa Alves.

O pobre homem veio para o hospital desta cidade, onde faleceu pouco depois de ali ter dado entrada.

EXCEPCIONAIS!!!



DROGAS MESQUITA — PORTO

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:

Rua do Almada, 30, 2.º
T. 20954/5 • Telex 782

Três raparigas

(que vivem o drama

da separação dos pais)

passaram quatro dias e noites no fundo de uma mina

— e foram entregues ao pai

O industrial Fernando de Castro Moura separou-se, há cerca de dois anos, de sua esposa, sr.ª D. Augusta Vitória; e, como o casal tivesse cinco filhos e ambos reclamassem o direito de ficar com eles, o Tribunal da Tutoria deliberou que a guarda daqueles fosse confiada ao pai, com o qual — segundo consta — nenhum deles queria viver, queixando-se de maus tratos.

Na semana passada, aconteceu o que se previa há muito: as três jovens, Filomena Maria, de 20 anos; Maria, de 17, e Maria Elisabeth, de 14, bem como o irmão, António Jorge, de 16, desapareceram de casa, no lugar de Vinhal, em S. Cosme (Gondomar), sem que alguém conseguisse dar com o seu paradeiro. Porém, na quinta-feira ultima, o António Jorge apareceu á mãe, a contar-lhe que, horas antes, ele e as três irmãs tentaram fugir, para solicitarem do tribunal que os albergasse, pois não queriam ficar com o pai. Contudo, enquanto planeavam a fuga, haviam sido surpreendidos, por um outro irmão, Manuel Luís, de 18 anos, o qual avisou o pai. As raparigas, com o medo de um correctivo, esconderam-se numa mina existente

no quintal da residência, enquanto a mãe e o António Jorge iam á Tutoria, para resolverem a questão. Ali, porém, aconselharam-no a voltar para junto do pai, pois nada mais havia a fazer.

Entretanto, o sr. Castro Moura dirigiu-se á Polícia Judiciária, a comunicar o desaparecimento dos filhos, acusando a esposa de estar por trás de tudo aquilo.

A Polícia principiou a investigar o caso, mas, na madrugada de terça-feira, ultima, as três raparigas foram bater á porta de uma vizinha, pedindo que lhes desse abrigo. E então disseram que tinham passado quatro dias e quatro noites no fundo da mina, e não estavam dispostas a voltar para casa. A senhora que as acolhera telefonou á Polícia Judiciária, a qual entregou as jovens ao pai. Quanto ao António Jorge, ainda ontem não regressou. Está, segundo parece, junto de pessoa amiga.

O caso levantou grande celeuma em Gondomar. Trata-se de um problema muito melindroso para ser resolvido de animo leve. E, há no fundo o drama das raparigas e dos rapazes, separados da mãe por decisão judicial.

Espectáculos para hoje à noite

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45: «A Sombra do Marquês» (12 anos).
SÁ DA BANDEIRA — As 21 e 30: «A Ravagem do apartamento» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Doutor, tenha maneiras!» (12 anos).
COLISEU — As 21 e 30: «Sete dias em Maio» (12 anos).
RIVOLI — As 21 e 30: «Página de amor» (12 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «De vagar, não corras!» (12 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «Os profissionais» (17 anos).
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «A grande aventura de Marco Polo» (12 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «O grande golpe dos dois homens de ouro» (12 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «Perseguição a um espião» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21 e 15: «O grande atirador» e «Rebelião dos escravos» (12 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 15: «Labirinto de poixões» (17 anos).
CINE-VITÓRIA — As 21 e 30: «Pamplina, maquinista» (12 anos).
ODEON — As 21 e 30: «O Gaúcho» (17 anos).
CINE-GAIA — As 21 e 30: «Cruzeiro de Verão» (12 anos).
CINE-ERMESINDE — As 21 e 30: «Aventura na selva» (17 anos).
CINEMA-SÃO MAMEDE — As 21 e 30: «Coh 45» (12 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 5 e 30: «Doutor, tenha maneiras!» (12 anos).
RIVOLI — As 15 e 30: «Página de amor» (12 anos).
TRINDADE — As 15 e 30: «Devagar, não corras!» (12 anos).
BATALHA — As 15 e 30: «Os profissionais» (17 anos).
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «A grande aventura de Marco Polo» (12 anos).
OLIMPIA — As 15 e 30: «O grande golpe dos dois homens de ouro» (12 anos).
CARLOS ALBERTO — As 15 e 15: «Ao longo da fronteira» e «Coração de ferro» (17 anos).

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO

SEMPRE PREMIO GRANDES

A MELHOR PINCELARIA DE SEMPRE



DROGAS MESQUITA — PORTO

FOI PRESO

um cadastrado

autor de vários furtos

Foi identificado pela Polícia Judiciária o autor do assalto cometido, na madrugada de 15 de Janeiro findo, ao estabelecimento de máquinas de costura, de escrever e de tricotar, da firma Sérgio Castro & C.ª, Ld.ª, em Gaia.

O caso afigurou-se confuso, a princípio, pois o larápio deixara ali vestígios sangrentos, o que levava a crer ter-se ferido ao executar a proeza. Além disso, na mesma noite, apareceu a receber tratamento no Hospital de Santo António, desta cidade, um homem que disse chamar-se António da Silva, trabalhador, de 39 anos, Traveessa Anselmo Braancamp, 45. Não existindo este numero na referida artéria, os investigadores localizaram-no no local onde trabalhava. Interrogado, disse residir na Rua de Camões, 21, e que o objectivo da falsidade das suas declarações no hospital era o de se eximir ao pagamento dos curativos.

As investigações levaram, depois, á captura do assaltante, o perigoso cadastrado José de Almeida Lucas, de 24 anos, solteiro, padeiro, morador na Rua Tenente Valadim, em Penafiel, o qual, negando, a princípio, acabou por confessar o roubo aludido, cujo montante ascendeu a 6000\$00. Confessou-se ainda autor de dois roubos em automóveis estacionados na Foz. O processo foi enviado a tribunal e o preso recolheu á cadeia, sem admissão de caução.

Conferência na Associação dos Jornalistas

Na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, o escritor e jornalista brasileiro dr. Leandro Tocantins faz amanhã, às 21 e 30, uma conferência, subordinada ao tema: «Reveladores e intérpretes da Amazônia».

Farmácias de serviço esta noite (6.º turno)

ANTERO DO QUENTAL, R. de A. do Quental, 520 (T. 4-5048) • AZEVEDO, R. do Meiral, 503 (T. 5-2344) • CONS-TITUIÇÃO, R. da Constituição, 93 (T. 490813) • CORREIA DE ARAÚJO, R. Santa Catarina, 259 (T. 2-5644) • CRUZ, R. Costa Cabral, 1084 (T. 4-0041) • GUARANI, R. Pedro Hispano, 367 (T. 6-2250) • HERCULANO, R. Alex Herculanio, 390 (T. 2-7943) • LIGA A. S. MUTOOS, R. Bonjardim, 284 (T. 2-7111) • MAGALHÃES, R. Serralves, 566 (T. 6-3561) • NOVA DE MONSANTO, R. Monsanto, 148 (T. 49-0889) • RIBEIRO JUNIOR, R. Firmeza, 99-A (T. 2-3849) • SAMPAIO, R. Cedofeita, 636 (T. 2-1782) • SANIL, R. Paraiso, 214 (T. 2-1782) • VITALIA, Pr. Liberdade, 37 (T. 2-4133) • GONDARÉM, R. Gondorém, 360 — Foz.

MELANIE
SALDOS

VERÃO E INVERNO

Preços de verdadeiros SALDOS

R. Saraiva de Carvalho, 16

«PÁSCOA NA TERRA SANTA»

EXCURSÃO EM AVIÃO E AUTOPULLMAN — 12 DIAS DE VIAGEM Com permanência em Jerusalém de 4.ª a 5.ª Santa a Domingo de Páscoa Visitando ainda Atenas, Beirute, Balbeque, Damasco, Amman, Jericó, Monte da Tentação, Rio Jordão, Belém, Betânia, Tel Aviv e Roma.

PREÇO, TUDO INCLUÍDO: ESC. 13,125\$00

PEÇA PROGRAMA A:

AGÊNCIA ABREU

FUNDADA EM 1840

LISBOA: Av. da Liberdade, 160 — Tel.: 320021 (10 linhas)
PORTO: Av. dos Aliados, 207 — Tel. 37921 (10 linhas)
COIMBRA: Rua da Sota, 2 — Tel.: 27011/27012

Vida literária e artística

2.º CADERNO

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário do Trabalho

N.º 446

16-2-1967

A QUERELA DA «NOVA CRÍTICA»

por JEAN LACROIX

A velhíssima questão dos «antigos» e «modernos» resuscitou ultimamente sob a forma dos problemas e debates da «Nova Crítica», ultrapassando de longe a pretensa oposição da crítica universitária e da crítica ideológica. A «Nova Crítica» tem a adesão de numerosos universitários, constituindo até, sob certos aspectos, a abertura por longo tempo diferida da pesquisa universitária em face do mundo contemporâneo. Essa abertura resulta menos de um choque exterior do que do desenvolvimento interno das ciências do homem. O escritor emprega uma escrita primeira, uma linguagem

que incide directamente no mundo, nos outros, em Deus. A crítica, porém, é uma meta-linguagem, uma escrita segunda, uma escrita sobre uma escrita. Daí uma má-consciência: que direito haverá de se julgar uma coisa que não se é capaz de fazer? Em que consiste esse segundo grau de escrita?

Quando se sabe fazer uma coisa faz-se; quando não se sabe fazer, ensina-se — dizia Bernard Shaw. Um sugestivo estudo de Serge Doubrovski, «Pourquoi la Nouvelle Critique?», publicado há pouco nas edições do *Mercur de France*, põe precisamente em causa essa questão da legitimidade básica da crítica, desenvolvendo nesse sentido uma reflexão e uma auto-crítica de largas perspectivas.

Autor de um estudo excelente sobre «Corneille e a dialéctica do Herói», escrevendo num estilo vivo e apaixonado, de um critério muito pessoal mas que procura universalizar-se, Doubrovski põe logo a claro o seu desígnio na dedicatória do livro agora publicado: «ensaio de interpretação filosófica do estatuto actual da crítica numa perspectiva de reflexão existencial, em face do pensamento tradicional e das ciências humanas».

É certo que Doubrovski não toma francamente partido pela «Nova Crítica» — mas começa logo por recusar a antiga. Os seus argumentos aproximam-se dos que Roland Barthes propôs num livro denso e rigoroso: «Critique et Vérité», com a mesma denúncia da mitologia que a crítica «antiga» utilizou de maneira constante. Essa mitologia é a do realismo simplista, do materialismo do senso comum, que vê na obra um objecto, uma «coisa em si», de que cumpre desvendar a verdade objectiva. A crítica é o mecanismo de «controlo», a polícia de que se serve a sociedade para fiscalizar a expressão do pensamento e a conservação dos valores. Defende-se uma certa linguagem para preservar uma certa sociedade. Com a «Nova Crítica», passa a ser impossível falar de literatura sem se interrogar sobre a linguagem; impossível falar da linguagem literária sem conhecer os trabalhos da linguística, da sociologia e da psicanálise. Nas ciências do homem, como nas demais, há uma nova razão em vias de ser conquistada. A Nova Crítica existe. Não se pode matá-la, contestando-a. É dela que se tem de partir — mesmo para a criticar.

Serge Doubrovski não se absteve

(Continua na página central)

Três figuras destacadas da «Nova Crítica» nos encontros de Cerisy: da esquerda para a direita, Serge Doubrovski, Gerard Genette e Georges Poulet



Uma poesia esquecida de António Botto

CANÇÃO MUTILADA

A tarde cai amaciando a terra
E enchendo-a de miragens tentadoras
Enquanto o Sol,
Nos últimos alentos,
Se prende aos galhos de um arbusto
Que, ressequido, à beira de uma ermida,
Parece o próprio símbolo da Vida.

De enxada ao ombro, alguns trabalhadores
Pisam o pó e as pedras dos caminhos
— Como bandeiras humanas
Movidas pelo infortúnio,
Sem alegria, sordidos, curvados,
Mas enormes no seu frémito de luta!

Ah!, nem a Morte quer os homens
Quando eles são desgraçados!

As estrelas, lá no alto,
Riscam cintilantes brilhos.

E em bandos —
Os maltrapilhos,
Silenciosos e ateus,
Zombam do Amor
E até de Deus!

A miséria
Quando atola
O homem nos seus negros labirintos,
Dá-lhe, também, a loucura
Dos mais trágicos instintos...

Agora, neste momento,
A noite —
É uma imensa realidade...

E eu julgo ver a Justiça
Afundar-se na penumbra
Da sua inútil verdade.

Alentejo — 1936.

ANTÓNIO BOTTO

A EXTINÇÃO

DOS «CAHIERS DU SUD»

A velha revista francesa «Cahiers du Sud», que foi o meio de divulgação de grandes figuras literárias, como Saint-John Perse, Senghor, Jean Cassou, Marcel Brion, Loys Masson e muitos outros, acaba de extinguir-se ao fim de 53 anos de existência. Nasceu em Marselha, num modesto «atelier» do bairro do «Vieux Port», a revista chegou a reunir à sua volta uma vasta família de escritores vindos dos quadrantes políticos e literários mais diversos.

Jean Ballard, fundador dos «Cahiers du Sud», anunciou que a publicação cessava, não porque se possam considerar terminadas as tarefas a que se consagraram os seus colaboradores, mas porque «à chaque génération suffit sa peine ou son plaisir».



Ruben Dario visto pelo caricaturista Rios

Celebração de Ruben Dario

Tiveram grande repercussão oficial e pública as comemorações em Madrid do centenário de nascimento do poeta hispano-americano Ruben Dario. No Teatro Real realizou-se uma sessão de gala; na praça madrilenha que ostenta o nome do poeta o «alcalde» descerrou um busto, mandado executar pelo «ayuntamiento», tendo assistido à cerimónia o embaixador da Nicarágua e outros diplomatas dos países de língua espanhola; no Instituto de Cultura Hispânica efectuou-se uma exposição intitulada «En torno a Ruben Dario», onde foram apresentados 172 manuscritos e autógrafos.

Ruben Dario esteve estreitamente ligado à vida espanhola, tendo visitado Madrid pela primeira vez na juventude, por ocasião das celebrações do 4.º centenário de Cristóvão Colombo, como participante na missão oficial da Nicarágua. Em 1898 voltou a Espanha, como correspondente de «La Nación», de Buenos Aires, e permaneceu no país durante longos períodos, até morrer em 1916. Em 1909 foi nomeado ministro da Nicarágua em Madrid, tendo colaborado como escritor em numerosos jornais espanhóis. O hispanismo apaixonado de Ruben Dario foi assinalado nesta oportunidade com especial relevo nos meios oficiais e privados do país vizinho.

Que sabemos, nunca foi incluída em qualquer obra do autor das *Canções* a poesia ao lado transcrita e que saiu em apêndice de *Imagens do Alentejo — documentário da vida alentejana* (1936), do então jovem jornalista Henrique Zarco, que não tornaria a publicar trabalho algum. O livro constitui o 2.º volume da Colecção «Amãnhã», editada em Lisboa por Miguel da Cruz (o 1.º, de 1934, fora *Dez Novelas, Dez Novelistas*, colaborado por José Rodrigues Mi-



Retrato de António Botto, por Eduardo Malta (reproduzido na revista «Autores» — Colecção do dr. José Galhardo)

guéis, Augusto Ricardo, Fausto Duarte, Guedes de Amorim, Hugo Rocha, Julião Quintinha, Augusto Pinto, Artur Portela, Humberto Ribeiro e Artur Inez).

Imagens do Alentejo possui também a particularidade de ter sido a estreia, como ilustrador, do nosso saudoso Manuel Ribeiro de Paiva, que fez a capa e os extratextos.

O poema de Botto não tem comparação com os publicados nos últimos anos da sua vida no Brasil, em que os mais fados implacavelmente castigaram o poeta que tivera, no seu país, na remota época de 1920, a audácia de ser o primeiro a desnudar, com perfeita naturalidade, sem «nunca pedir desculpas» — como Fernando Pessoa sublinhou —, o seu complexo caso sentimental, e cujos versos são ora de exaltação

(Continua na 7.ª página)

Congresso internacional de literatura juvenil

Professores, escritores, editores e bibliotecários, vindos da Austrália, da Suíça, da Checoslováquia e da Alemanha, reuniram-se recentemente no Instituto Internacional na ilha de Mainau, no lago de Constança, para discutirem dois problemas: «Como se pode fazer chegar o bom livro juvenil às mãos do leitor?» e «Como poderá o jovem leitor encontrar o

caminho que o conduz a esse livro?».

Os participantes concordaram em que o caminho que leva ao bom livro não devia ser apenas o caminho do ensino, mas também a consciência de existir um tesouro inesgotável. Com a participação dos congressistas mais jovens, elaborou-se um catálogo das possibilidades que vão da actividade dos pais e da escola até à

rádio e à televisão. Dez autores europeus e asiáticos escreveram em cooperação internacional o livro «O segredo do gato cor de laranja», apresentado como exemplo de uma coordenação internacional. A dr.ª Wilhelmine Lüssnig, de Viena, realçou que também no livro infantil e juvenil fantástico residia uma ampliação legítima das possibilidades de vivência.

DOIS AUTÓGRAFOS DE CECÍLIA MEIRELES

—A GRANDE POETISA DA LÍNGUA PORTUGUESA

por MARQUES GASTÃO



Cecília Meireles ao desembarcar no Aeroporto de Lisboa. Da esquerda para a direita: Rachel Bastos, a esposa de Diogo de Macedo, Cecília Meireles e Diogo de Macedo

Mexer, remexer em livros e em papelada antiga é um prazer, onde se mistura a saudade e a amargura. Uma palavra que se recorda uma imagem que regressa, um símbolo que se tracejou para um viver decepcionado pela maldade humana, e também palavras injustas que se leram de amigos injustos e precipitados ou palavras violentas e de ódio á solta, sem cadeias que a lei possa conter... e por entre tudo isto, uma madeixa de cabelos loiros entre duas páginas, a lembrar uma criança que se tornou mulher, uma carta amarelada pelo tempo onde as letras esmaecidas nos falam de um amor perdido nos anos... e apontamentos vivos de coisas mortas e palavras mortas a falarem-nos de coisas vivas... o sonho e a grandeza da vida, por entre caricaturas humanas que estão diante dos nossos olhos a fazerem-nos arremedados, por entre olhares dos que nos perseguem e nos ameaçam e nos esperam á esquina de uma rua... a rua grande de todas as traições, mas ao fim da qual se ganha a serenidade que nos dá a qualidade de se ser Homem, na sua autenticidade e plenitude...

Tudo isto se baralhou na minha. Foi uma pena que o Destino não me permitisse realizar em Portugal o que tanto sonhei: viver em festa com os meus amigos. Não compreendo por que não mereci tal favor, sendo tudo sempre amiga tão fervorosa e leal desta Terra e destes Poetas. Isso aumentou a minha saudade, ao partir, e só me resta a esperança de voltar outra vez, e de tudo ser, então, diferente.

Cecília Meireles

cabeca ao dar com dois autógrafos de uma escritora e poetisa — Cecília Meireles — que muito estimava

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Aven. Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75 LISBOA

bras antigas, palpar o rosto de uma mulher na fotografia que nos ofereceu, tentar sorver ainda — mesmo pela imaginação — o perfume de uma flor que depositámos num livro antigo... Ou então, reler emocionado as palavras que essa grande poetisa — a maior da Língua Portuguesa —, que se chamou Cecília Meireles cujo marido, poucos dias depois da sua morte, me

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica Av. 5 de Outubro, 203 r/c. — Telef. 771639

(Ao Campo Pequeno)

MÁQUINAS DE LAVAR E ENXUGAR ROUPA

TOTALMENTE AUTOMÁTICAS MAIS BARATAS DO QUE NUNCA

FRIGAS — R. MARIA, 43-C

enviou uma formosa fotografia, em sépia, com amável dedicatória e autografada pela grande poetisa, — palavras, dizíamos, que me escreveu, a despeito de tanto termos dialogado sobre problemas de Literatura, de Educação, de Arte e até de Política, Deus meu, e que arquivar em dois livros meus, como guardei algumas das fotografias em que a vejo, como agora, a meu lado, de belo sorriso e voz de tonalidades diversas, mas sempre tão profundas como a sua alma, cheia de ternura pelas crianças, cheia de afecto pelos amigos, alma sem ressentimentos, alma aberta a todas as belas coisas da Vida, desta vida que vale a pena viver, mesmo sofrendo, mesmo chorando, como ela me dizia, nas Laranjeiras... Pois vale, minha amável Cecília! E vale pelos encontros humanos que tivemos, pela compreensão viva de sentimentos e de ideias, sejam elas quais forem, que a tolerância é ou deve ser norma das relações entre os homens e não gume afiado de ódio e de perseguição, trapaceira ou desvergonha, miséria moral a esconder-se no poderio provisório, seja ele o que for e esteja onde estiver...

Oreio que, embora Cecília Meireles tenha morrido há pouco, a revelação e publicação destes dois autógrafos se reveste de enorme importância, para o conhecimento mais detalhado do amor que a grande poetisa tinha a Portugal e do afecto que dedicava a todos os portugueses

O primeiro autógrafo tem a data

de 15 de Outubro de 1951, foi escrito em Lisboa, no Aeroporto da Portela, na secretária onde então trabalhava, e nele se vêem as seguintes palavras: «Estes portugueses, com a sua ternura, já estragaram hereditariamente o meu coração; e, ainda que me quisesse regenerar, não posso, porque continuam a estragar-me cada vez mais.»

Cecília Meireles agradecia, deste modo, a todos os seus amigos que a haviam acolhido em Lisboa, onde permanecera relativamente pouco tempo. E posso neste instante afirmar que Cecília Meireles tinha os olhos marejados quando escreveu aquelas palavras, onde perpassava também um certo desapontamento por algumas pessoas não terem entendido as razões da sua partida repentina...

O segundo autógrafo tem a data incompleta: 9/XII/ e creio que o rabisco seguinte será um 5 ou um 6, embora me incline mais para o primeiro, faltando completar o número. Não posso, neste momento, referir a data exacta dessa visita de Cecília Meireles — visita ou passagem por Lisboa —, mas creio poder fazê-lo, em breve, quando puder reconstituir elementos espalhados e que melancolicamente ando a joear nestas evocações de uma época não muito distante...

Eis o que escreveu Cecília Meireles no seu segundo autógrafo: «Foi uma pena que o Destino não me permitisse realizar em Portugal o que tanto sonhei: vi-

ver em festa com os meus amigos. Não compreendo por que não mereci tal favor, tendo sido sempre amiga tão fervorosa e leal desta terra e destes Poetas. Isso aumentou a minha saudade, ao partir, e só me resta a esperança de voltar outra vez, e de tudo ser, então, diferente.»

Diferente era Cecília, essa magnífica poetisa que nos disse, um dia, o que pensava da Poesia:

«A Poesia é a coisa séria do Mundo! Muito séria, repare bem! Tudo o que é grande, belo, extraordinário, raro, invulgar, transcendente: tudo o que atinge o excepcional para roçar pelas barreiras do infinito quando lá chega, tudo isso é Poesia...»

Cecília Meireles era uma Poetisa, na essência da sua Vida mais íntima. O perfume da sua Poesia — que era a Poesia de nós todos, humanos — estava nas suas palavras, nos seus versos, na sua voz que cantava como no seu coração que chorava — mas aquele choro de serena e nobre evocação de penas que se cumprem para merecer a graça de se viver esta Vida que, apesar de dura merece a pena ser vivida

MARQUES GASTÃO

BARROS

a qualidade à sua mesa



BRANDY

agente em Lisboa
FERREIRA & SILVA LDA
rua de S. João da Praça, 91
Tel: 86 95 49

Estes portugueses, com a sua ternura, já estragaram hereditariamente o meu coração; e, ainda que me quisesse regenerar, não posso, porque continuam a estragar-me cada vez mais

15 de Outubro de 1951

Cecília Meireles
Lisboa

ACTIVIDADE EDITORIAL

Um empreendimento cultural de grande oportunidade: — Os textos da «Questão Coimbrã» apresentados por Alberto Ferreira

A Portugália Editora pôs à venda, recentemente, o 1.º volume da obra «Bom Senso e Bom Gosto — Questão Coimbrã, 1865», que reunirá os textos integrais da célebre polémica em que se demarcou uma fase fundamental da renovação da mentalidade e da cultura portuguesas. Na sequência em que se desenrolou esse relevante debate de ideias e de correntes estético-culturais, o volume inclui textos de António Feliciano de Castilho, Antero de Quental, Manuel Pinheiro Chagas, Manuel Roussado, Elmano da Cunha, Júlio de Castilho, Teófilo Braga, Rui Porto Carrero, A. Ferreira de Freitas, A. A. Teixeira de Vasconcelos e outros textos adicionais à polémica que vieram a lume em 1865. No segundo volume serão integrados os textos que se seguiram, no decurso de 1866.

A apresentação da obra foi confiada a Alberto Ferreira, ensaísta e crítico filosófico-literário que já testemunhou em «Diálogos com a Realidade», «Ensaio — da Filosofia para a História» e «Diário de Edipo» a largueza humanística da sua visão dos temas culturais decisivos do passado e do presente. O extenso ensaio de cento e vinte páginas que escreveu para esta edição é uma análise magistralmente construída, em que podem ser discutidas certas perspectivas ou escalas de valores culturais, mas que situa num enquadramento de vigorosa originalidade crítica e interpretativa as figuras e as tendências que se revelaram na «Questão Coimbrã».

Quanto à edição propriamente

dita, assinalam Alberto Ferreira e Maria José Marinho, que trouxe a sua colaboração valiosa à pesquisa e reposição dos textos, que qualquer edição crítica de textos não contemporâneos põe, em Portugal, problemas de difícil resolução, por vezes, mesmo, momentaneamente insolúveis. E acrescentam: «A falta de monografias que sirvam de apoio à investigação literária, o lamentável olvido a que se encontram votados autores e obras, a carência de elementos biográficos e bibliográficos recolhidos até agora, o caos da nossa Biblioteca Nacional, compensados, quanto é possível, por um ou outro funcionário dedicado e amável que vai ofertando, graças à memória atenta e privilegiada, informações preciosas ao investigador, doutra forma perdido às cegas por ficheiros que desafiam a higiene e o bom senso, tornam a pesquisa uma aventura mais ou menos bem sucedida de acordo com o «faro arqueológico» do investigador e até com o factor sorte com que for grato aos deuses servi-lo».

Apesar de todos os obstáculos, o trabalho realizado é magistral, de uma oportunidade dificilmente excedível no panorama histórico-cultural que vem desvendar ou documentar e de uma pluralidade de sugestões intelectualmente criadoras que o largo público interessado deverá consagrar.

Na nossa secção de crítica será feita, proximamente, a apreciação mais demorada que a edição e, sobretudo, o ensaio estimulador de Alberto Ferreira justificam.



ALBERTO FERREIRA

«Hospital das Letras» — novo livro de ensaio e crítica de David Mourão-Ferreira

A presença literária de David Mourão-Ferreira como poeta, novelista e até, mais recentemente, como dramaturgo, não pode nem deve obliterar a qualidade do crítico e do ensaísta que marca relevantemente a sua personalidade intelectual. O volume de ensaios críticos «Hospital das Letras», agora publicado por Guimarães Editores, vem consagrar em múltiplas direcções de interesse de cultura esse

«BASTARDOS DO SOL» DE URBANO TAVARES RODRIGUES EM 2.ª EDIÇÃO

Com pequeno intervalo, duas reedições de obras de Urbano Tavares Rodrigues — as de «As Aves da Madrugada» e «Bastardos do Sol» — vieram consagrar a presença viva e dinâmica do escritor na literatura portuguesa contemporânea. Essa presença não é apenas a que se impõe pela vitalidade criadora do autor, expressa numa obra extensa e varia, que a cada passo se renova.

Sob alguns ângulos fundamentais, a novela «Bastardos do Sol», que ressurgiu, agora, em 2.ª edição (a primeira data de 1959) assinala a constante e vigorosa renovação de estilo, no mais longo sentido do termo, que demarca os últimos livros de Urbano Tavares Rodrigues. Luís Francisco Rebelo, no rasgado estudo «Uma nova consciência romanesca», que figura no limiar desta nova edição, acentua oportunamente que «Bastardos do Sol» surge «no início da polémica ace-

sa em torno do «novo romance». A reedição de «Bastardos do Sol» é uma autêntica e eficaz reatualização que esclarece mais vivamente o roteiro criador do novelista.



URBANO TAVARES RODRIGUES

LIVROS DE POESIA

Foram, ultimamente, recebidos neste Suplemento os livros de poesia de que se dá a seguir a sumária resenha, sem prejuízo de futura crítica possível:

- ☆ «Chão Nosso», de Francisco Viana. Edição do autor. Distribuidores Prelo Editora, Lisboa.
- ☆ «Enquanto Cresce este Rio Audaz», de José Manuel Mendes. Edição do autor. Braga.
- ☆ «No Tempo e no Espaço», de Margarida Ofélia. Edição da autora, Lisboa.
- ☆ «Inquietação», de Celeste Nogueira e Silva. Coleção Parnaso, Editora Lux, Lisboa.
- ☆ «Quotidiano», de António Filipe Neiva. Edição do autor, Braga.
- ☆ «Poema 2», de Ângelo Ochoa. Edição do autor, Coimbra.
- ☆ «Et Cetera», de Luís Lello. Edição do autor, Porto.
- ☆ «Exílio Voluntário», de Nuno Bermudes. Coleção Poesia Moçambicana, Beira, Moçambique.

ESCAPARATE

(De 30 Jan. a 6 de Fev. 1967)

Autores portugueses

Título — «O Galante Século XVIII»
Autor — Aquilino Ribeiro.
Editora — Livraria Bertrand.
Coleção — Obras Completas de Aquilino Ribeiro.
Número de páginas — 346.
Preço — 50\$00

Título — «Notas para a História do Socialismo em Portugal» — Vol. II (1895-1925).
Autor — César Nogueira.
Editora — Portugália Editora.
Coleção — Portugália, 19.
Número de páginas — 296.
Preço — 45\$00.

Autores estrangeiros

Título — «O Grande Circo» (Memórias de um piloto francês de caça na R. A. F.).
Autor — Pierre Clostermann.
Tradutor — David Augusto Ramos Filho.
Editora — Flamboyant (S. Paulo).
Coleção — Aventuras Vidas.
Número de páginas — 380.
Preço — 100\$00.

Título — «O Preço da Guerra».
Autor — Hans Killion.
Tradutor — Valeriano de Oliveira.
Editora — Flamboyant (S. Paulo).
Coleção — Aventuras Vidas.
Número de páginas — 266.
Preço — 75\$00.



DAVID MOURÃO-FERREIRA

mente, no fim de contas, de um livro sobre poesia portuguesa; ou melhor: sobre poetas portugueses; ou melhor ainda: sobre poetas de língua portuguesa. São vinte, no conjunto, e cronologicamente escalonados ao longo de cinco séculos. A aparente dispersão temática tem, afinal, a unidade que mais importa — a da personalidade intelectual vivaz, aberta e criadora de David Mourão-Ferreira, numa trajectória de que se espera sempre mais e melhor.

A crítica literária deste Suplemento dará, em breve, mais demorada e personalizada apreciação deste livro de múltiplas sugestões.



VISITE A FEIRA DE FRANCFORT

De 26 de Fevereiro
a 2 de Março

Quem quer vai! Quem não vai

... só tarde se apercebe!

O conhecimento directo do
progresso do comércio e da indústria,
abre ao moderno homem de negócios
novas perspectivas.



A SABENA

VOA NO RUMO DA SUA PROSPERIDADE



CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

ATILA-SB

Um filme perturbador

PIERROT LE FOU: eis um filme que exerceu em mim uma sedução excepcional. Sem dúvida de um tipo e densidade diferentes das de O Deserto Vermelho ou, sobretudo, Oito e Meio. Mas, de qualquer maneira, excepcional. Porquê?

Primeiro decerto pela escrita muito pessoal, fresca, límpida que Godard nele revela. Depois (?) pela exemplaridade da história que nada tem de «louco».

Um homem extremamente desmembrado que anseia pela sua unidade perdida, eis o que explica a estranha aventura deste Ferdinand-Pierrot e desta Marianne e justifica todas as felizes surpresas duma linguagem que só a um olhar desatento poderá parecer arbitrária.

Ferdinand tem a impressão de que os olhos, os ouvidos, a boca são «máquinas separadas que deviam estar unidas». Marianne sofre por sempre «vida e os romances serem diferentes». Pintura, poesia, vida sentimental e códigos morais, filosofia, arte e prática social, tudo se afigura dissociado num mundo cujas circunstâncias históricas o filme não se cansa, aliás, de sublinhar. Mostrar o que internamente liga todos esses elementos, servindo-se, para isso, da própria agressividade que os contrapõe, é o intento de Godard.

Tudo o filme é uma festa para os olhos. Inesquecível o enquadramento em que a cabeça de Anna Karina, em grande plano, à direita do ecran, se equilibra com a pequena reprodução de Renoir, à esquerda, do alto, separadas pelo bellissimo verde liso da parede que as une.

Mas nenhuma das reproduções de Picasso, Van Gogh, Renoir, Matisse estão ali como elementos linguísticos meramente acessórios. A utilização do retrato de Paulo vestido de Pierrot, de Picasso, atrás da cabeça de Ferdinand (não Pierrot), os de Sylvette e Jacqueline, também Picasso, na cena violenta do hotel ou o de Rimbaud quando se fala do peso das palavras no silêncio, é surpreendente. E integra-se numa escrita que reconduz o objecto a uma visão objectiva que nada tem de exterior (nomeadamente na cor ou nos vários usos que Godard dela faz), com uma vivacidade conseguida por uma multiplicidade de opções inteligentemente articuladas: a narração elíptica, de cortes e saltos muito hábeis (o próprio flash-back é momentâneo e incisivo); o choque violento que não se explora mas marca (o morto de brucos na cama, por exemplo); as antecipações na descrição (o automóvel que corre antes de a fuga começar) e o humor. O humor, que vai da nota pungente («Ce que je voudrais vous dire...» diz Ferdinand ao público, mas suspende-se, não vale a pena, é inútil) à ironia sorridente sobre a própria história (Pierrot, ao volante, voltando-se para falar aos espectadores sobre a futilidade da companhia), à sátira mordente (o espectáculo improvisado para os americanos) ou à superficialidade «teatral» da cançoneta no paraíso transitório da floresta.

Um homem e uma mulher

diferentemente corroidos por uma sociedade irrespirável tentam fugir-lhe — ele, a uma vida familiar e social (mas muito mais que isso) que o algema por dentro; ela, à rede terrível do contrabando de armas (e muito mais que isso) em que está envolvida: «la vraie vie est ailleurs»... A convicção de que basta carregar no acelerador dum carro para apagar tudo o que fica para trás junta precariamente estes dois naufragos que talvez se amem, guardando, contudo, a certeza de que esse amor «é uma coisa sem futuro».

Mas, mal a fuga começa («une saison en enfer»), a rede de que querem libertar-se mais e mais se aperta à volta e dentro deles. O tédio ronda. «Je ne sais quoi faire!», grita Marianne na imensa praia deserta transformada em prisão, enquanto o Ferdinand que permanece em Pierrot tenta encontrar-se, escrevendo.

Fugir para longe. Para mais longe. Mas, por mais longe que cheguem, os tentáculos do que só illusoriamente fica para trás têm Marianne bem presa. E, com ela, Pierrot, que encontrara muito antes no espelho «a cara dum tipo que vai lançar-se num precipício a 100 à hora». «Sabes que romance devias escrever?», diz Marianne a Pierrot. «O de alguém que passeia em Paris e vê a morte; que foge para o Sul e quando chega ao Sul a encontra».

É durante a fuga que Ferdinand (não Pierrot) descobre que «nous sommes arrivés à l'âge des hommes doubles: il ne faut plus de miroir pour parler seul», que «nous sommes des morts en permission», que «nous sommes faits de rêves et les rêves sont faits de nous». E se enreda cada vez mais nas malhas do imenso bando de Marianne, que não são muito diferentes das dos bons lugares que ele recusara.

«Je m'en fiche de tout», diz-nos Marianne, «même de l'argent». E, no entanto, é ainda a teia do dinheiro, que ambos desprezam, e seus abismos que a arrastam. E de que se liberta Ferdinand? Depois de matar Marianne, no momento anterior a suicidar-se (e pintar na própria cara a máscara de Pierrot), Ferdinand telefona para Paris (onde toda a gente esqueceu o nome de Balzac) para saber da mulher e da filha. Mas já não é Ferdinand nem Pierrot: «Não é ninguém».

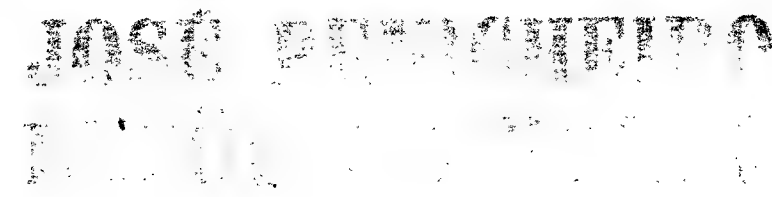
Pierrot le fou é uma descrição crítica da realidade e uma fábula. Mas nem descrição do tipo da de um Luntz em Les coeurs verts nem fábula excessivamente à La Fontaine como Farenheit 451. de Truffaut.

Descrição crítica da realidade, o filme de Godard mostra de forma imaginosa e muito bela, o homem rebelando-se contra o seu próprio desmembramento, mas estrebuchando apenas. É sedutor e terrível. Ao contrário, porém, do Cul-de-sac, de Polanski, o que ele diz a esse homem (todos nós) não é que não há saída possível. Mas que a saída, se acaso (quanto a Godard) existe, não pode ser aquela.

MARIO DIONÍSIO



«Canção da Rua», guache de José Penicheiro



Pelo seu desprendimento de escolas ou de opções entre as correntes que disputam os caminhos válidos da arte no nosso tempo, José Penicheiro é um artista popular. Mas popular, verdadeiramente — e aqui por opção convicta — é também pela sua vocação deliberada de procurar nas figuras e nas cenas do viver do povo os seus temas de original desenho e de flagrante captação do real,

mesmo na «charge» mais acentuada. «Zé» Penicheiro abriu há dias a sua exposição, com 34 trabalhos, numa sala convencional ou galeria mas, sempre popularmente, num «stand» de automóveis da Rua Sá da Bandeira, 501, no Porto, onde numeroso público tem apreciado a espontaneidade, o realismo claro e o sentido caricatural ou dramático da sua arte sem artifícios.

Reproduz-se, a seguir, a nota de abertura do catálogo desta exposição de José Penicheiro.

VINTE ANOS DE ARTE SUÍÇA

A pintura e escultura de autores suíços, de 1945 a 1965, constitui o tema de uma exposição organizada pelo museólogo Hans Curjel, de Zurich, que vai percorrer diversas cidades estrangeiras. O conjunto abrange 37 pintores e escultores, suíços natos, emigrantes, assim como imigrantes, que expõem 120 trabalhos representativos da pintura e escultura suíça como reflexo da arte contemporânea. A exposição de trabalhos de três vultos de grande relevo, falecidos este ano, caracteriza a situação na Suíça: Alberto Giacometti não pertence apenas ao cânone de Chur; Le Corbusier emigrou para a França; e Zoltan Kemeny nasceu na Hungria. O crítico de «Welt» evidenciou o alto nível da exposição: «Sente-se um equilíbrio baseado na eficiência e na solidez — talvez um elemento tipicamente suíço».

«ADEUS A PICASSO?»

No artigo «Adeus a Picasso?», publicado no nosso ultimo suplemento, com o qual Mário Dionísio encerrou a série que dedicou a «Homagem a Picasso», ocorreram os seguintes lapsos que merecem correcção pelos equívocos que podem suscitar:

Onde se lê: «Se acham que sim, em certos meios...» deve ler-se: «Se acham que sim, não o digam muito alto em certos meios...».

Finalmente, onde se lê «Pierre Reverdy» deve ler-se «Pierre Restany».

«PÁGINAS ESCOLHIDAS DE CRÍTICA E ESTÉTICA MUSICAL» — de Fernando Lopes Graça

Das celebrações do 60.º aniversário de Fernando Lopes Graça, que tiveram a presença e a audiência de tudo o que é intelectualmente e artisticamente válido no País, vai ficar lembrança peregrina e, além do mais, este livro revelador da personalidade do maestro e do escritor. A edição de «Páginas Escolhidas de Crítica e Estética Musical», agora apresentada pela Prelo, documenta em variadas perspectivas a trajetória criadora de uma figura sem paralelos na nossa cultura contemporânea — pela aliança do talento criador na música com a inteligência do crítico e do intérprete na realização literária.

Em notas preambulares ao volume, João de Freitas Branco e João Gaspar Simões traçam, cada um á sua maneira e sob o seu ângulo de visão pessoal, o perfil de Fernando Lopes Graça. Com a sua profunda e viva cultura de musicólogo, aqui particularmente enriquecida por um dom fecundo de compreensão humana, Freitas Branco desvenda penetrantemente diversas direcções do multifacetado prisma em que se desdobra a personalidade do maestro. «Sem dúvida que Lopes Graça — escreve o comentador — pertence ao número dos artistas cultores do racional. Mas o seu racionalismo incluiu a consciência de que, em cada momento da evolução histórica, os limites do saber não constituem a fronteira da cognoscibilidade». E, a terminar:

«Como síntese final, direi que, ao contrário de muitos artistas contemporâneos, cuja mentalidade parece imbuída de medievalismo, Fernando Lopes Graça não abdicou de uma das maiores conquistas da modernidade, a saber: a verificação por via empírica (na qual se inscreve a experiência vivencial) e a sempre que necessária correcção dos conhecimentos mais ou menos organizados em provisória teoria; e que aplica essas aquisições (nas quais incluiu, evidentemente, as de natureza artística) segundo uma ética de progresso social, tendente a um clima de entendimento e de equidade. Um

A QUEREL

(Continuação da 1.ª página)

tém de criticar a Nova Crítica. Acha que ela vale mais pelas suas perguntas do que pelas suas respostas. E é erradamente que acusam de ser filosófica, tanto mais que pretende ser científica. Como a crítica «antiga», visa também a objectividade, mas interpretando esta numa acepção mais profunda e procura alcançá-la por diversas vias. A tendência de um estruturalismo á maneira de Barthes é para dar conta da obra por meio de uma combinação de figuras e de signos operatórios — afinal por uma espécie de álgebra. As relações de significação são entendidas no interior da linguagem como «válidas» na medida em que são coerentes e não por serem «verdadeiras» em relação a uma realidade exterior á linguagem. Assim, o tema é eliminado, como nas análises de Lévy-Strauss. O eu não é

Mais um acontecimento consagrado para Pierre-Henri Simon

Distinguido, há pouco, com a eleição para a Academia Francesa, o escritor e crítico literário de «Le Monde», Pierre-Henri Simon obtém agora um novo galardão consagrado: o Grande Prémio Literário de Seine e Oise, fundado seis anos pelo Conselho Geral do departamento da França, que foi atribuído ao escritor pelas referências que se incluem na sua obra á região de Seine e Oise. O prémio é de 6000 francos, ou seja, cerca de 36 contos.

60.º aniversário de Fernando Lopes Graça, a sua obra é inteiramente válida e moderna. Este livro, de autoria de Fernando Lopes Graça, apresenta uma análise crítica da sua obra, desde a sua formação musical até à sua maturidade. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da sua formação musical e a segunda da sua obra madura. O livro é escrito por um dos seus contemporâneos, o que lhe confere um valor especial. O livro é uma obra de referência para quem se interessa pela música portuguesa do século XX.



FERNANDO LOPES GRAÇA

atitude essencialmente não dogmática e não apriorística, mas assente em postulados que, em última análise, são de ordem moral.

João Gaspar Simões, por seu turno, põe em evidência o destaque que a relação entre literatura e música que Lopes Graça tem contribuído, como ninguém o havia ainda feito, para fortalecer e estreitar: «O seu nome quer nas letras, quer na música, representa qualquer coisa de muito importante na transformação que se operou no estado da cultura musical portuguesa. Fernando Lopes Graça foi ao mesmo tempo um precursor e um paladino. Aproximou as letras da música e a música das letras. Grande criador musical, os escritos colectâneos neste volume antológico atestam de maneira concludente que ele é um extraordinário prosador e um penetrante ensaísta».

A colectânea de textos de Fernando Lopes Graça inclui uma série extensa e eloquente de crónicas, artigos, ensaios breves, anotações circunstanciais ou perenes, sobre a evolução das formas musicais, a música portuguesa, a língua e a música, a personalidade artística e a obra de Hindemith, de Viana da Mota, de Schoenberg, de Falla, de Ravel, de Wagner, de Verdi, de Bartók, de Mozart, de Beethoven, de Bach, de Stravinski, etc. Na própria diversidade dos temas, com a unidade do pensamento, da cultura e da força artística que os alimenta, se reconhece e admira mais longamente, neste livro, a extraordinária figura do Portugal de hoje que é Fernando Lopes Graça.

Exposição de «Guima» (António Guimarães) na Sociedade Nacional de Belas-Artes

Abriu em 10 de Fevereiro corrente e estará patente ao público até ao dia 19, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, uma exposição de pintura do artista nortenho António Guimarães «Guima», que apresenta dezasseis composições a óleo bem representativas do seu actual estilo. Nascido em Guimarães em 1928, o pintor fez os seus estudos artísticos na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis e na Escola de Belas-Artes do Porto, frequentou em Paris a Academia Raspail, sob a orientação de Goetz e expôs individualmente no Porto, Guimarães, Lisboa, Coimbra, Corunha, Madrid, Luanda, Lobito e Nova Lisboa e em certa-

«Pierrot», óleo de Guima



«Órfãos», óleo de Guima

mes colectivos de Guimarães, Porto, Aveiro, Antuérpia, Estoril, Lisboa, Pontevedra e Paris. Está representado no Museu Nacional Soares dos Reis, Museu Alberto Sampaio, Museu de Angola, Mu-

seu de Nova Lisboa, Museu de Ovar, Camara Municipal de Lobito e em várias colecções particulares nacionais e estrangeiras. Combinando seguramente a mancha cromática e jogando subtil-

mente as sombras, consegue Guima nas suas telas uma figuração de grande expressividade que mantém as livres opções do abstraccionismo. É um artista que está a construir-se com personalidade e com persistente trabalho. Para o catálogo da exposição agora presente na Sociedade Nacional de Belas-Artes escreveu Flório de Vasconcelos uma apresentação que a seguir se transcreve:

«A pintura de Guima é uma das mais concludentes provas que conhecemos do acerto do filósofo que disse ser a Arte uma intensificação da Vida. Se é verdade que a nem todas as manifestações artísticas se poderá aplicar esta definição (tão variado e extenso é o campo em que o Homem pode exprimir a sua capacidade de fazer Arte) neste caso a profunda e misteriosa ligação da imagem pictórica com o ritmo vital que a determina e impõe, assume um carácter quase obsessivo, no constante desabrochar e fluir de uma vitalidade insofrida, rebelde, mas subjugada.

Não se trata evidentemente, de uma imitação da Vida — esse impossível e insensato sonho de alguns. Mas sim de uma querer fixar e traduzir certos momentos, certos pontos de uma curva tumultuante e fugitiva, certos lampejos do fulgor vital que cerca e habita o próprio Artista. E porque tem de haver escolha, premeditação, decerto terá de haver uma necessária, uma fatal intensificação da força luminosa desses relampagos da Vida. E quem conhece a pintura de Guima, facilmente encontra no caminho andado, os sinais, os estigmas dessa luta, quase desesperada, em certas ocasiões, para agarrar a forma adequada — a forma em toda a sua complexidade: desenho, cor, luz, volume, matéria, composição...

E, também, não se trata de uma sujeição brutal dos elementos vitais a fórmulas sem significação orgânica, a esquemas impostos do exterior. A compreensão ou a intuição do Artista daquilo que convém ao seu modo de exprimir o seu conhecimento do Homem e do Mundo, vai-se tornando cada vez mais subtil, mais profunda, mais grave, mais amorosa, menos brusca.

É curioso notar como as formas da actual pintura de Guima são mais próximas das formas orgânicas (sem que isso implique qualquer tentação do realismo), menos agressivamente contraditórias e, por isso mesmo, mais fortes, mais sólidas, mais expressivas. E, ao mesmo tempo, mais acolhedoras, mais humanas, mais leves.

Paralelamente, a sua evolução cromática acompanha, com inteligência e felicidade, esse caminhar num sentido que, de algum modo, poderemos chamar lírico — um lirismo que se não aparta da força nem de certa rude frescura tão peculiar da pintura de Guima.

E este difícil casamento, que atinge agora dimensões verdadeiramente invulgaes, faz-se com um pessoalíssimo sentido de luta e de rebeldia, uma tenaz busca de meios próprios, impaciente procura de um caminho que se não desvia de sacrifícios e de experiências. Mas, não o declarou já Etienne Sourian ao caracterizar a criação artística: «Dramática e perpétua exploração, de preferência ao abandono ao caminho espontâneo de um destino?».

FLÓRIDO DE VASCONCELOS

Um «auto» moderno em estilo vicentino de Armando Martins Janeiro

Armando Martins Janeiro, nosso brilhante colaborador que tem dado em sucessivas crónicas neste Suplemento a sua visão culta e eloquente da arte oriental, acaba de publicar (*Edições Ática*) o auto em três actos «A Grande Feira do Mundo». Em verso dialogal, com fluência rara e com humor que melhor ressalta os contrastes dos desconcertos do mundo. Martins Janeiro ergue uma estrutura teatral que conjuga hábilmente o satírico e o dramático e desmascara sem indulgências algumas realidades flagrantes do nosso tempo. Em muitos aspectos, se afigura inesperada, no seu vigor e na sua originalidade esta criação que se gerou sob o signo de Gil Vicente — mestre das «virtudes lucidas do riso» ante um «mundo absurdo e triste» que continua sendo, como sempre, uma «Floresta de Enganos».

Na galeria de personagens que vão desfilar em diálogo e, por vezes, em monólogo de incisivas invocações, o próprio Gil Vicente abre o desfile expressivo, poeta e jogral que desafia para a feira das verdades os múltiplos epígonos, grandes e pequenos, que encham o tablado do mundo. A «charge» maliciosa ou até agressiva não perdoa, na singular composição teatral de Martins Janeiro, as falsas grandezas, as fatuidades, as ambições mesquinhas, as protérvias mascaradas de virtudes e de nobres intenções. E, no final, é a própria figura do Cristo que vem exprimir, entre os ofensores e os ofendidos, a aspiração do resgate do homem entre as misérias que o aviltam. A cadência animada e flagrante em que se desenrola o «auto» e a naturalidade e facilidade da declamação rimada atestam a espontânea inspiração que fez nascer a peça e a trouxe audaciosamente ao apreço do público.

Armando Martins Janeiro tomou, com «A Grande Feira do Mundo», o caminho difícil do teatro para leitura num estilo de melindrosas exigências. Sob muitos aspectos, a experiência é francamente positiva e de aliciente interesse.

A IRRADIAÇÃO DA OBRA DE FERNANDO NAMORA NA ALEMANHA

Foi há tempo publicada na Alemanha uma selecção de narrativas de Fernando Namora que reúne textos escolhidos dos livros «Cidade Solitária» e «Retalhos da Vida de um Médico» (2.ª série). O volume, que se destina a um largo público interessado na obra do escritor português, já representada em outras traduções alemãs, tem o título «Es hat an Vorabend Gebregnet» e foi incluído na colecção *Bibliothek Universal*.

Entretanto, num significativo testemunho da projecção da obra de Fernando Namora, a Rádio alemã começou a difundir adaptações teatralizadas daquelas narrativas tendo já apresentado aos radiovintes as histórias intituladas «Tinha Chovido na Véspera» e «O Rapaz do Tambor».

É este o segundo livro de Fernando Namora adaptado à radiodifusão na Alemanha.

Luis Sobral
Histórias Maldosas
«O aparecimento de «Histórias Maldosas», de Luis Sobral, no fim de Dezembro, foi um acontecimento assinalável. Livro jovem, agressivo, desigual mas inteligente, incisivo, mental, revela a natureza de um moralista (não de um moralizador) e a pena de um ficcionista de futuro».
Urbano Tavares Rodrigues
(Pedidos a Atlântida Editora, Coimbra)

REVELA DA «NOVA CRÍTICA»

o autor mas o lugar da palavra. Segundo Freud, interpretado por Lacan, o discurso do inconsciente articula-se fora do tema. Em Mauryon e Goldmann, que se inspiram respectivamente na psicanálise e na sociologia marxista, acontece a mesma coisa. Não foi Lucien Goldmann quem escreveu que «os verdadeiros temas da criação cultural são os grupos sociais e não os indivíduos isolados»?

Toda a dificuldade vem a residir, afinal, no facto de que os diversos métodos científicos são igualmente verdadeiros. A contribuição de Barthes é tão definitiva como a de Goldmann para a interpretação de Racine. O que não parece fácil é conceder situação de privilégio a qualquer desses métodos relativamente aos restantes. E não há uma Nova Crítica — mas várias Novas Críticas. A pior das soluções seria, todavia, pretender misturá-las num eclectismo. O que pode exigir-se de cada um é que se realize plenamente, que faça «render» a linguística, a psicanálise, a sociologia, tudo o que elas podem dar. Cada leitura terá de ir até ao fim das suas possibilidades. Mas não conduzirá este perspectivismo a um eclectismo? A pesquisa da objectividade científica não poderá levar também a um outro subjectivismo? Esses são os perigos de uma visão puramente científica da literatura — visão que é preciso superar, não pelo imperialismo de uma ciência ou a justaposição de várias ciências, mas por uma finalidade filosófica existencial que não seja escrava de um sistema.

Não existe, evidentemente, um Racine em si, mas uma obra — e, sobre esta obra, uma multiplicidade aberta de perspectivas. Afirmar que a obra não é uma coisa equivale a demonstrar que é um

projecto humano. Interrogá-la é o mesmo que pretender alcançar, através dela, o apelo de um espírito ao nosso próprio espírito. A crítica é aproximação — intenta aproximar-se do tema fundamental da obra. A crítica científica, por conseguinte, deve desembocar numa crítica temática, que a utiliza mas que a ultrapassa. O tema é a coloração de toda a experiência humana, no nível em que põe em jogo as relações fundamentais da existência, ou seja, a maneira particular como cada homem vive a sua relação com o homem, com os outros e com Deus — e é essa escolha de ser que se situa no centro de uma visão do mundo. A crítica faz falar esse discurso que é a literatura, não para a parafrasear mas para se lhe acrescentar. Revela o que se esconde e estabelece o acordo entre o que se entrega e o que se furta, referindo o explícito e o implícito à totalidade da expressão.

O crítico, afinal, é o parteiro do escritor, ao mesmo tempo que dá à luz uma verdade trans-histórica que se manifesta em formas históricas. A obra literária não é uma existência espacial mas temporal. Através de um sentido particular o autor visa todos os sentidos humanos possíveis. E a única marca segura de uma grande obra é o que se propõe nela de uma forma de experiência universalizável. A medida que a humanidade adquire maior experiência na sua história, vai descobrindo mais coisas nas obras-primas da arte — não o que não estava nelas, mas o que não tinha sido ainda compreendido e revelado. A história é sempre uma perspectiva do presente sobre o passado. Assim se percebe que, ao mesmo tempo que o livro de Doubrovski

surja uma outra grande obra de Jacques Garelli sobre «La Gravitation Poétique», incidindo especialmente sobre a imaginação e o tempo e considerando a imagem poética como «expressão sonora do tempo que se vai fazendo a si-mesmo».

Tais livros vão, sem dúvida, ao fundo das preocupações contemporâneas. Para compreender a importância e o valor da Nova Crítica basta ler algumas páginas de Michel Foucault sobre «Don Quixotte» ou «Le Neveu de Rameau».

O interesse da obra de Doubrovski consiste, sobretudo, em situar essas «novas críticas», em demarcar os seus limites. Para quem não se colocar aquém das pesquisas modernas, mas sim no seu centro, toda a questão reside em saber se a linguagem literária não é mais que um sistema de sinais, sem a essência de qualquer mensagem e unicamente com uma estrutura formal. A tese de Doubrovski, que será paradoxal para muitos, não deixa de ser simples: os livros não se escrevem, alguém os escreve. E a filosofia do tema não está morta, decerto, porque um pensamento como o de Sartre inspira um tão profundo estudo.

Contra os exageros do estruturalismo, o autor demonstra que a linguagem não é absolutamente esgotada pela sua linguística e a significação pelo seu funcionamento. Escrever não é cindir-se do mundo para se encerrar na linguagem — é, pelo contrário, tentar encerrar o mundo na linguagem, dizer o mundo.

JEAN LACROIX

Exclusivo
«Le Monde» — «Diário de Lisboa»

HA 30 1 73

O «Diário de Lisboa» de 16 de Fevereiro de 1937 publica-va:

«NOVA YORK, 16. — Foi presa a «mulher gangster», famosa ladra, que, desde o principio do ano, sôzinha e de revólver em punho, entrou em quatro restaurantes de Broadway, roubando-os. A noticia da sua prisão causou sensação nesta cidade.

A «mulher gangster» é alta e loira. Entrava tranquilamente nos restaurantes, puxava de uma pistola e intimava o caixa a dar-lhe todo o dinheiro. Assim, em pouco tempo, roubou cerca de 4 mil dólares. Trata-se de uma antiga dactilógrafa, Norma Parker, de 25 anos, que se encontrava actualmente desempregada.

Confessou ser autora dos assaltos, mas negou que tivesse a intenção de matar. Com efeito, apresentou a arma de que se servia — uma pistola do modelo das que costumam dar-se às crianças. As munições para essa pistola eram de papel.»

CURIOSIDADES

● Há mais ozougue

A produção mundial de mercurio, que duplicou nos últimos quinze anos, subiu de 143 000 frascos em 1950 para 275 000 em 1965. A procura desse metal líquido no chamado mundo ocidental, durante o ano findo, totalizou cerca de 260 000 frascos, e dessa quantidade os Estados Unidos da América do Norte consumiram 30 por cento.

As estatísticas internacionais indicam que o principal centro produtor é constituído pelas minas de Almadén. Assim, a Espanha tornou-se no primeiro país fornecedor de mercurio (ou ozougue), seguindo-se a Itália e a Rússia.

● A água que se consome

A água torna-se cada vez mais preciosa, dadas as exigências da vida moderna. Em tudo o que é necessário, desde a germinação do trigo, para fabricar um quilo de pão gastam-se 1500 litros do líquido vital; quase tanto para confeccionar um vestido de algodão e o dobro para se obter um litro de álcool.

E temos ainda o consumo individual, que é, por exemplo, nos Estados Unidos da América do Norte, de 1500 metros cúbicos por ano, contra 5 apenas para a média dos habitantes dos países subdesenvolvidos. Na Europa, em França, o gasto não vai além de 501 metros cúbicos anuais (1 para alimentação, 100 para as necessidades quotidianas e 400 para as necessidades industriais colectivas).

● Os nus de Renoir

São impressionantes de vida palpitante os famosos nus de Renoir. Um dia alguém perguntou ao magnífico pintor como conseguia ele dar esse realismo, ao mesmo tempo tão natural, aos seus nus. Resposta de Renoir:

— Pintei... Pinto e continuo a pintar até sentir desejo de beliscar a figura na tela. Então sim: já sei que o quadro está bom!

ANEDOTAS

● Um amigo visita o outro no seu escritório, e, mal entra, dispara-lhe:

— Meu caro, estou desiludido contigo. Tinhas fama de ter secretárias bonitas, mas esta...

— Pois é. Tinha realmente, mas casei-me com uma delas e agora...

● O visitante do jardim zoológico pergunta ao guarda da grafa:

— É verdade que uma girafa pode ficar doente da garganta quando tem as pernas molhadas?

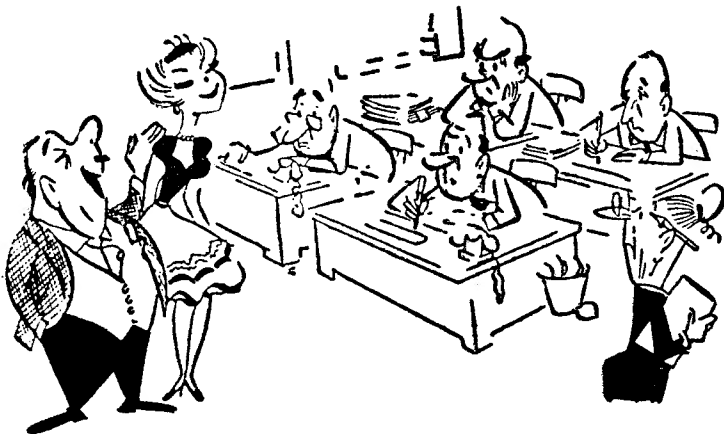
O guarda olha-o e responde muito sério:

— Bem... Pode acontecer, mas uma semana depois da girafa molhar as pernas.

● O filho chega a casa e mostra a caderneta das notas ao pai, que lhe diz:

— Não tens vergonha? Olha que Napoleão, com a tua idade, era o melhor aluno da sua turma.

O filho: — E com a sua, já era imperador...



— Espero que desistam do vosso pedido de aumento depois de eu trazer para a vossa companhia esta nova secretária

FACTOS REAIS REVOLTA NA «BOUNTY»



13 — Ao largo, as montanhas de Tenerife afundam-se no Oceano. Bligh convoca todos os homens e explica-lhes o objectivo da viagem. Não lhes lê as ordens do Almirantado, como fez para os graduados, a partida de Inglaterra. Fala com simplicidade, mas severamente, como é habitual nele. Tão severamente que os homens não ousam abrir a boca e ficam sem perceber nada. Ir buscar árvores de pão imaginárias e, para tal, estar condenado a dar a volta ao mundo com o satânico Bligh, detestado por toda a tripulação, isso era de mais, ultrapassava a imaginação dos mais dotados.

Bligh termina o discurso prometendo benefícios a todos os que de tal se mostrarem merecedores no decurso da expedição. Benefícios? Os homens troçam do caso. Porque esta promessa não pode apagar os maus tratos infligidos



pelo comandante, de que são diariamente vítimas.

14 — E o que conta para eles, acima de tudo, é essa carne dura como sola, embarcada em Santa Cruz, uma carne cheia de vermes. Bligh censura cruamente Christian Fletcher, que ousa dirigir-lhe a palavra sobre o assunto. Contudo, três dias depois, manda distribuir apetrechos de pesca aos marinheiros. E todos os que não estão adstritos a manobras são ocupados na pesca. Em breve, golfinhos vêm melhorar a ração. Todos pensam apenas em apoderar-se do que lhes cabe. Mas Bligh bem depressa manda confiscar todas as presas e estabelecer distribuições racionadas. Samuel, secretário do comandante, vigia a distribuição. Não sem tirar primeiro os melhores bocados para Bligh e para si próprio...



15 — 29 de Janeiro de 1786. O vigia assinala de subito:

— Recifes! Bligh vociferava ordens. Mas fica inquieto. Nunca foi assinalado qualquer escolho nestas paragens. E, no entanto, não muito longe, o mar agita-se com uma intensa efervescência. Bligh tenta evitá-la. Mas depressa se verifica que é um falso alerta. Aquilo é, afinal de contas, um enorme banco de peixes. E os marinheiros apressam-se para uma boa pescaria.

No domingo, 2 de Março de 1786, após a missa, Bligh manda chamar Fletcher. Este, muito moreno, de cabelos negros, dirige-se ao capitão que lhe entrega uma ordem escrita. Fletcher desdobra-a: Os seus olhos relampejam de alegria: é a promoção a primeiro-tenente. Os homens, que adoram Fletcher, festejam alegremente este acontecimento. Mas esta manifestação de



simpatia não é do agrado de Bligh...

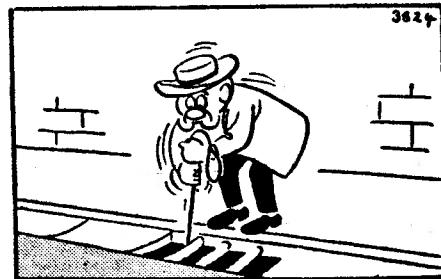
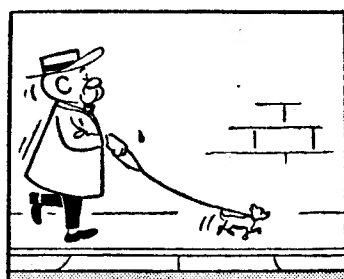
16 — Torna-se cada vez mais irritável e, no dia seguinte, o primeiro homem que se cruza com ele paga por todos. É um marujo chamado Mathew Quintal, trabalhador infatigável, mas de palavreado grosseiro. Acaba de responder bastante rudemente a uma ordem dada pelo mestre de equipagem. Bligh, que chega nesse mesmo instante, ouve-o.

— Insolência! Insubordinação! — grita — vais saber o que é a disciplina. Vais receber doze açoites e verei se Morrisson cumpre como deve ser, sendo acontece-lhe o mesmo que a ti...

Essa era a punição, desse tempo, nos navios ingleses.

E bastava uma pancada do chicote de nove pontas para deixar grossas marcas nas costas... (Continua)

AVENTURAS DO TIO CARLOS



O «CASO WEBSTER»

Texto de S. SAUVAN Desenhos de TOLDEAU

RESUMO — Corre o ano de 1851. Em Boston, capital do Estado de Massachusetts, vive o prof. Webster com a esposa e duas filhas. A cidade orgulha-se da aristocracia local, á qual pertencem os Webster. A 24 de Novembro, uma quarta-feira, dois oficiais da Polícia apresentam-se em casa do professor e pedem-lhe que os acompanhe, sem mais delongas, á Faculdade de Medicina. Webster tenta exigir uma explicação para esse procedimento, mas os polícias fecham-se num mutismo exasperante.



10 — Webster fica enfurecido e esconde mal o seu estado febril. O oficial da Polícia mais alentado, que até aqui não abria a boca, pergunta em tom neutro ao companheiro: «Alguma novidade sobre o desaparecimento do dr. Parkman? O inquérito tem progredido? Cá no meu entender, *cheira-me* a problema que pode muito bem ser resolvido...» Webster presta imediata atenção a estas palavras. Lamenta já ter-se dominado tão mal. Sente vagamente que a pergunta foi feita de propósito e que o interlocutor do colosso aproveitou a deixa para espiar as reacções do deido. Finalmente a caragem mete pela Rua Leverett e pára defronte do Commissariado. Um dos oficiais desce, o outro empurra o professor para a saída. Comprindo entre os dois polícias, Webster avizinha-se do edificio e percorre um longo corredor mal iluminado, ao fim do qual há uma porta envidraçada com a seguinte indicação: «Comissário-chefe». Um dos polícias bate á porta. Responde-lhe uma voz peremptória: «Entre!»



11 — O professor é introduzido numa vasta sala, com a parede do fundo repleta de livros. Diante dele está o comissário-chefe, um homem de aspecto venerando, olhos risonhos e rosto simpático. Uma cavieze precoce faz descobrir o crânio liso, reluzente como bola de bulhar. Um dos oficiais debruça-se sobre a secretária e diz-lhe qualquer coisa ao ouvido. O comissário acaba por despedir os dois subalternos, ficando sozinho com Webster. Não o convida a sentar-se. O professor está lívido. Cotovelo apoiado no tampo da secretária, não no queixo, o comissário folheia uma pasta. Webster diz para si próprio que por um terrível acaso não o conhece... Esta derradeira esperança esfuma-se-lhe na ideia. No decurso de uma vida profissional brilhante, como químico distinto da Faculdade de Medicina, jamais teve problemas com a Polícia. Mas agora entrou no mundo desconhecido da repressão legal. Sente-se tonto, tonto...



12 — A espera dura pouco, embora o suficiente para que Webster perca de todo o seu porte altivo. Por duas vezes mordeu a língua de pânico. Entretanto, espírito intuitivo como é, preferiu ficar calado. Passa: ao ataque seria inútil... Além do mais não tem que defender-se de nada! Esperará o interrogatório e então poderá confundir os seus detractores. Finalmente o comissário-chefe levanta-se, dá a volta á secretária e põe a mão no ombro de Webster: gesto terrível, confirmado quando o professor ouve o veredicto: «Está detido como presumível assassino do dr. Parkman!»

(Continua)

Uma poesia esquecida de António Botto

(Continuação da 1.ª página)

vibrante — ainda que a sua voz se diga «sóbria por natureza» e tenha um cunho intelectual não puramente emotivo (1) —, ora de uma dolência elegiaca muito da nossa tradição lírica, que as Canções de algum modo enriqueceram. É incontestável a importância deste livro na evolução da poesia pós-Orpheu, sendo fácil detectar a sua influência — do ponto de vista técnico-formal (2) — até em grandes poetas das décadas de 20 a 40, o que não significa que Botto seja maior («inovador» não é sinónimo de «maior...»); trata-se de vozes pessoais, diferenciais entre si e cuja temática geralmente nada tem a ver com a sua.

António Botto foi o que pode chamar-se um aristocrata, no gosto e na originalidade da sua arte, no requinte gráfico — que permanece inigualável — das suas edições (até á das Canções que reproduz, na capa, o busto do poeta por Diego de Macedo, e á de O Livro das Crianças, de 1944, ilustrada por Julio de Sousa) e na corajosa altivez com que proclamava e defendia o seu esteticismo — apolado e compreendido, aliás, por Fernando Pessoa, Jaime de Balsemão, Pascoaes, Mário Saa, Teixeira-Gomes, José Régio, Gaspar Simões, Aquilino Ribeiro e tantos outros, cujos testemunhos, datados, são indelmentáveis.

Não duvidamos que o próprio Julio Dantas tivesse escrito, de certo em carta particular: «canções de uma infinita espiritualidade, onde mal se sente o peso das palavras». Ter-lhe-ia Junqueiro chamado «príncipe de ritmos subtilíssimos»? Só a illustre filha do Poeta da Pátria poderia esclarecer-nos. Mas já não é absolutamente de assegurar a autenticidade de muitas das opiniões laudatórias que enxameiam os seus livros, especialmente a última edição (1956) das Canções, típico documento da perturbação mental que a partir de certa época — talvez 1942-43, quando escurado do emprego de que vivia — lhe assinalou quase todas as atitudes. Na referida edição (a única acessível, pois todas as anteriores são raridades bibliográficas de alto preço) alguns dos seus belos poemas, ainda, refundidos para pior, ou meramente estragados: numa arte rica de sugestões, límpidamente expressa, interpõe-se o discursivismo incoerente e palavroso que é para ignorar e esquecer e que, servindo embora os inimigos do poeta, não invalida o que há de perdurável — eterno, disse José Régio — na obra que nos legou até determinada altura.

Assente, pois, que, pelo menos a partir de 1947, data da sua partida para o Brasil, a «sífilis terciária» que já em Lisboa fora diagnosticada por psiquiatras seus amigos, como os profs. António Flores e Luís Navarro Soeiro, se lhe agravava progressivamente. É de aceitar a sua irresponsabilidade e de perdoar-lhe os inumeráveis desvios (claro que nos cingimos ao caso clínico, não ao que é intrínseco á biografia bottiana e, paradoxalmente, mal transparente nessa longa fase de decadência, cujo remate seria o ilegível «poema» *Pátima*). Mas alguém, no futuro, se encarregará de restituir o poeta á grandeza que lhe cabe, e expurgará a sua obra das excrescências que a maculam e porventura resultaram também do imperativo económico: Botto viu-se condenado a viver da pena e sonhara, sempre, com a popularidade e a fama, de que lhe adviesse o profissionalismo literário (fatal ilusão de quase todos os que escrevem). Para isso não hesitou em servir-se de vários meios (sejam sinceros: de todos os meios); mas, apesar da simplicidade — exigente e difícil, segundo Jorge de Sena — das suas melhores páginas, nunca poderia ser um escritor, um poeta, para as multidões. E, no entanto, no Brasil (onde nem sequer encontraria editor) trabalhou infatigavelmente na «profissão» para que nascesse dotado de raro talento, sim, mas para o exercício da qual lhe faltou (e logo quando mais precisava de se impor!) a lucidez indispensável a toda a criação artística digna deste nome. Não é, porém, de excluir a hipótese de o espírito, na posse da viúva, nos reservar surpresas.

A propósito do seu tão apreçoado e «exclusivo» esteticismo: filho do povo António Botto não foi insensível aos conflitos sociais, como o não era ao encanto ou

sofrimento das crianças. Isso — esse sentimento de humanidade patente em tantos dos seus poemas, como o que publicamos, e a imensa ternura pelos pequeninos, e o facto de ter sido um dos nossos maiores poetas do Amor — o absolve e purifica de tudo que desfigurou a sua vida de homem «impuro e desgraçado» (homens puros e venturosos, onde estais?).

Aproveitando o ensejo desta simples nota, podemos anunciar a abertura, ainda este mês, e precisamente em Alfama — que o poeta tanto amou e onde viveu na infância —, de uma exposição bibliográfica em sua homenagem; e revelar estes dados biográficos, redigidos por um seu contemporâneo.

António era o filho mais novo do casal Francisco Tomaz Botto e Maria Pires Agudo, moradores em Concavada, freguesia de Alvega, concelho de Abrantes.

O António, bem como seus irmãos, Manuel e Carlos, nasceram na casa que era propriedade de seus pais, na Rua Direita do Casal de Baixo, casa térrea, que venderam e hoje se encontra completamente restaurada e modificada.

Como o pai trabalhava em Lisboa nas fragatas, a mãe viu-se na necessidade de mudar para a companhia do marido.

Assim, bastante cedo — cre-se que aos cinco anos de idade — o poeta passou a viver na Rua da Adiga, Castelo Picão, freguesia de S. Miguel (Alfama).

☆

António Botto — «príncipe sem vitória», tal como José Gomes Ferreira chamou a Ribeiro de Pavia — publicou o primeiro livro aos 16 anos: *Trovas*, dedicado «ao primoroso poeta Afonso Lopes Vieira». Afonso Lopes Vieira o teria protegido na adolescência e dele aprenderia Botto — em cuja individualidade há também algo de António Nobre, narcisista de superior estirpe — a lição rítmica que soube infundir da modernidade que o tornaria um dos mestres da nossa poesia contemporânea; ainda que, dos pontos de vista ético e material, os dois poetas e antigos amigos — mais tarde, fatalmente, incompatibilizados — fossem tão opostos como o dia e a noite. Lopes Vieira, felizmente para ele, não justificou o verso «vendem os deuses o que dão»; Botto pagou demasiado caro (e está por narrar a sua odisséia, lá antes de deixar Portugal!) a condição de poeta nato e o facto de lhe ter faltado quase sempre — repetimos: principalmente no exílio, apesar de, quando hospitalizado, constar ter tido toda a assistência —, de lhe ter faltado o que sobejou a Afonso Lopes Vieira: o desafio material indispensável

para se realizar como homem e como artista: ou, pelo menos, na angustiosa fase final, uma simples subvenção que lhe minorasse as privações.

Não se julgue, porém, que em toda a vida enfrentou dificuldades tamanhas: épocas houve em que lhe foi possível, realizar o instintivo pendor aristocratizante, quer editando-se com a rara elegância gráfica que já destacamos (esqueciamos então os editores «comerciais» de poesia) quer viajando demoradamente pelo estrangeiro. Nas leituras — que não deviam ser vastas nem profundas mas a que decerto era sumamente receptivo o seu espírito sensibílissimo —, nas viagens e na convivência, desde muito jovem, com os melhores do seu tempo — o genial poeta da *Mensagem*, por exemplo, companheiro de tertulias diárias e que lhe consagrou ensaios que, reunidos, podiam formar um volume —, alcançou ele a sua cultura, que verdadeiramente consistia numa poderosa intuição.

Justificados, portanto, como estão, pela semelhança, os últimos anos de António Botto no Brasil deviam constituir um acusador remorso para todos os seus admiradores e para os compatriotas que, não lhe assegurando quaisquer recursos deixaram que «um príncipe» chegasse ao supremo vexame de estender a mão á caridade pública (mesmo que só acidentalmente tal acontecesse). Isso — e já não propriamente o ter sido atropelado, por um carro do Governo brasileiro, quando, muito surdo já, atravessava uma rua do Rio — foi o que de facto vitimou o autor das *Canções*, que comovidamente recordamos, apesar de mal o termos conhecido: mas da sua insinuante presença humana (sempre «flutuando ironias», no dizer de Jaime Brasil) gravou-se nos a imagem de um ser de excepção — para além do bem e do mal: simplesmente artista —, condizendo com a sua poesia de melhor timbre. A memória do poeta merece respeito piedade — e a consciente admiração que se deve aos que no mundo deixaram um rasto de beleza.

L. A.

(1) V. Fernando Pessoa: «António Botto e o ideal estético em Portugal», in *Contemporânea* (revista feita expressamente para civilizar gente), n.º 3, Lisboa 1922, pp. 121-126.

(2) V. José Régio: António Botto e o Amor, Porto, 1937, pp. 179-180; Jorge de Sena: «Tentativa de um panorama coordenado da Literatura Portuguesa de 1901 a 1950», in *Tetracórmio*, Lisboa, Fev. de 1955, p. 16; e José Gomes Ferreira: *A Memória das Palavras*, Lisboa, 1965, pp. 106-107.

NOVAS LIGAÇÕES DIURNAS E QUOTIDIANAS

ENTRE

LISBOA E MADRID

A PARTIR DO DIA 2 DE MARÇO

PELO COMBOIO AUTOMOTOR

Lisboa-Expresso
(TER)

HORÁRIO

PARTIDA DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) ÀS	9.40
CHEGADA A MADRID (DELÍCIAS) ÀS	19.00
PARTIDA DE MADRID (DELÍCIAS) ÀS	10.45
CHEGADA A LISBOA (SANTA APOLÓNIA) ÀS	19.40

LUGARES EM 1.ª E 2.ª CLASSES
(AR CONDICIONADO)

CP

TURISMO E PUBLICIDADE

«MARIANA ALCOFORADO — a freira de Beja e as LETTRES PORTUGAISES», revisão crítica e nova versão das cartas por ANTÓNIO BELARD DA FONSECA (Ed. Autor, Dep. Bertrand)

Pelo prestígio de um escândalo de amor e de um lançamento editorial francês, a freirinha de Beja é um dos nossos raros autores de repercussão internacional. Decorridos três séculos precisos sobre o romance que a ligou a Noël Bouton, futuro marquês de Chamilly, só pretendo homenagear a sua memória acolhendo a sombra tutelar do seu nome este punhado de histórias de amor.

Diga-se, sem mais preâmbulos, que o livro de António Belard da Fonseca é, no seu género, um trabalho exemplar. Vai ser muito difícil, depois dele, voltar a pôr-se em dúvida a original autenticidade das cartas. E digo original porque sempre ficará de pé a questão de terem sido reescritas ou trabalhadas por mão alheia, antes de virem a público. Mas os argumentos que impugnaram a própria gênese das cartas são destruídos sem apelo pelo autor. Demonstrado fica não só que são exactas todas as suas referências locais e biográficas, mas que teria sido impossível inventá-las alguém de longes terras. Não sei que mais louvar: se a erudição rigorosa mas desastada, se a segurança da argumentação, se o bom gosto da escrita, que se lê com o agrado e a fluência — perdoem a imagem, que é, todavia, exacta! — numa dedução à Conan Doyle. Fecha-se o livro perante uma evidência. É raro ver-se um erudito tratar com esta elegância, quase diríamos, este desfastio irónico, um assunto que escavou durante largos anos. Até como simples exemplo de metodologia crítica a sua leitura seria de aconselhar.

Ponto assente, portanto: a freira e o romance correspondem ao teor das cartas. Mas é de Mariana Alcoforado o texto que chegou até nós? A hipótese de haver sido escrito em francês pela própria freira é arbitrária, uma vez que o amante residia cinco anos em Portugal, o que não pôde deixar de lhe dar um conhecimento da nossa língua superior ao que Mariana tivesse do francês. Resta, assim, a da tradução. Ora, o que levou à publicação desta foi o sucesso que obteve ao circular manuscrita. Depreende-se disso que já tinha interesse, a partir, como documento humano. Mas tê-lo-ia dum ponto de vista literário? Quem leia com atenção as cinco cartas pode ver que, a par do depoimento dramático e do acento fogoso, há pequenas subtilidades de auto-análise psicológica que denotam a interferência dum intelectual e, aqui e ali, um certo embutido do *morire di amore* pré-romântico, que por vezes desce ao próprio deleite da flagelação moral. Exemplos do primeiro tipo: «*Comment se peut-il faire que les souvenirs des moments si agréables, soient devenus si cruels? et faut-il que contre leur nature, ils ne servent qu'à tyranniser mon cœur? Hélas! votre dernière lettre le réduisit en un étrange état: il eut des mouvements si sensibles qu'il fit, ce semble, des efforts, pour se séparer de moy et pour vous aller trouver. Je vous défie de m'oublier entièrement: Je me flatte de vous avoir mis en état de n'avoir, sans moy, que des plaisirs imparfaits, et je suis plus heureuse que vous, puis que je suis plus occupée. Je vis infidèle que je suis, et je fais autant de choses pour conserver ma vie, que pour la perdre. Ah! j'en meurs de honte: mon desespoir n'est long que dans mes Lettres! Si je vous aimais autant que je vous l'ay dit mille fois, ne serais-je pas mort, il y a longtemps? je vous ay trompé, c'est à vous à vous plaindre de moy.*»

E outros, do segundo: «*J'ay éprouvé que vous m'estiez moins cher que ma passion, et j'ay eu d'étranges peines à la combattre, après que vos procédés injurieux m'ont rendu votre personne*

odieuse». «*Il me semble que je vous parle trop souvent de l'état insupportable où je suis, cependant je vous remercie dans le fonds de mon cœur du désespoir, que vous me causez.*» «*Faites-moy souffrir encore plus de mal.*» Nada obsta, está claro, a que Mariana Alcoforado tivesse sido uma excepção no seu meio, uma vocação de intelectual ultrapassando o seu tempo. Que sabemos nós, inclusivamente, do que terá lido por empréstimo do amante ou de outros oficiais do corpo expedicionário francês? Mas o mais plausível é que o documento humano que as cartas seriam na origem, suficientemente rico e tenso para suscitar a curiosidade e a admiração dos que as leram, tivesse sido respeitado no essencial, mas retocado, adornado e desenvolvido, antes de ir para o prelo, por quem sabia do ofício e conhecia o gosto do tempo. A carta mais artificial, quanto a mim, é a última. E não por ser a da ruptura: é nela que preponderam os aspectos que indiquei e que seria impossível transcrever ou comentar aqui. Não custa a crer que tivesse sido forçada, em parte ou na íntegra, a fim de dar sequência e desfecho ao conjunto, que sem ele perderia atractivo perante os leitores da obra impressa.

Mas tudo isto são conjecturas, se bem que legítimas. O precioso e preciso é que se estabelecesse, correndo o que Luciano Cordeiro renaturalizava-se portuguesas. E, avançada, a autenticidade original das cartas. Reescritas ou não, elas na primeira hipótese, é caso para perguntar: quantos *negres* trabalharam, com nosso conhecimento ou sem ele, em obras que fizeram a glória dos seus autores de fundo ou de lombada? E não é verdade que o que nos dá um tom de época as cartas é justamente o que nos parece artificial ou «literário» nelas? Se a epistolografia pode ser, e é, a exegese dum género literário, teremos de admitir que este só existe porque algo se transpõe, nele, de documento *tout court* em expressão do humano. E é fora de dúvida que tal transposição não reside no aliterado que apontei, mas sim na vis emotiva que deu celebridade às cartas logo na origem. Se a questão é de votos — e tem de sê-lo —, direi: vá, pois — e sem chauvinismo —, por Mariana Alcoforado, escritora portuguesa!

Tendo entrado para o convento aos onze anos e professado aos dezasseis, a freirinha de Beja descobriu o amor de chofre e venceu todas as barreiras, morais e físicas que a separavam do amante, sucumbindo apenas às que a distância e a indiferença acrescentaram àquelas. E esse concreto que universaliza e intemporaliza as cartas, na medida em que barreiras morais e físicas, ausências e desencontros afectivos, são constantes sociais e humanas. A data transpõe-se em perenidade, o lugar em «habitat» humano indiferente às latitudes e longitudes do acaso em que nascemos.

«AUTOBIOGRAFIA DE UMA MULHER ROMÂNTICA», romance de NATÁLIA NUNES, 2.ª edição (Portugália)

O romance de Natália Nunes também tem um assento baptis-mal. Direi, até, que é, a seu modo, coetâneo e contemporâneo do *Fogo na Noite Escuro* de Fernando Namora. Se este último nos dá a problemática, sobretudo masculina, dum escol de jovens intelectuais pequeno-burgueses a braços com o contexto dum mundo cujo devir os trouxe à consciência das transformações sociais que estavam em curso na época, a *Autobiografia de uma Mulher Romântica* é o «pendant» feminino dessa problemática, mas vista da vertente oposta. A auto-análise psicológica que, nas cartas de Mariana, nos levaram a suspeitar a intervenção dum homem, realiza-se, agora, em termos seguramente femininos — e isso pela simples razão de a carreira intelectual se ter aberto, entretanto, para a mulher também. Mas se ter aberto em circunstâncias muito peculiares, em que persiste o que poderá designar-se por complexo do pecado original.

Quer dizer: se a mulher já não é freira, como Mariana, é ainda moralmente católica. E digo moralmente porque o conteúdo histórico desse aspecto é diferente do do religioso. Há, assim, uma ideologia oculta, subterrânea, latente, a separar a mulher da sua intimidade verdadeira. É ela que a conduz à idealização de si e da vida em geral, e a faz sentir um ressaibo de pecado em tudo o que seja espontaneidade humana. Dizendo-se romântica, ela mascara, apenas, e em termos literários, um idealis-



NATÁLIA NUNES

mo moral que o meio, a classe e a educação promoveram nela, o que talvez não possa designar-se já por católico, do ponto de vista especificamente religioso, mas o é, ainda, dum ponto de vista ético; tal como talvez não possa intitular-se já de pequeno-burguês, dum ponto de vista genericamente social, mas o é ainda dum ponto de vista intelectual.

Quero eu dizer: entre o esboço de emancipação amorosa que as cartas de Mariana traduzem e, por exemplo, a *libertarização* que os contos de Clara d'Ovar reflectem, há todo um processo em que o romance de Natália Nunes é um dos elos de cadeia. Todos nós, os homens que vivemos, dum modo ou doutro e num lugar ou noutro, a época de *Fogo na Noite Escuro*, conhecemos as mulheres que viveram, num lugar ou noutro, e dum modo ou doutro também, as inquietações da *Autobiografia de uma Mulher Romântica*. E o que é mais: namorámo-las — e casámo-las, até, com elas, nalguns casos. Do que resultou, não raras vezes, termo-las devorados ou termos sido devorados por elas, quando não pudemos ou não soubemos, uns e outras, ultrapassarmos-nos em nossas correlativas incapacidades e insuficiências. É que, se a uma ideologia se sucede sempre uma outra, mesmo (ou sobretudo?) entre aqueles que se supõem ou dizem libertos delas, a ideologia adoptada é um *tour de force*, ou um mero esquema mental, quando teoria e prática entram em conflito — e nas épocas de transição isso é inevitável. Se Filipe, o jovem que repudia o amor de Clotilde, a narradora, é uma figura esquemática que dificilmente nos convence, a verdade é que o seu esquema existiu. E só é pena que a autora não tenha podido aprofundá-lo, analisando-o em suas causas e efeitos. Direi mais: esse esquema não só existiu como foi necessário. (Deixo ao leitor o cuidado de passar, ou não, os verbos para o presente). Numa sociedade de luta de classes, o amor é antrópofago; quem não devora é devorado, como já vimos. E a autora reflecte, em vários passos do livro, este problema, a que ora chama, todavia, sadismo, ora masoquismos femininos.

O romance de Natália Nunes é, assim, um documento também — e tanto literário como humano. Literário, porque exprime um dos passos da emancipação intelectual da mulher portuguesa; humano, porque testemunha sobre um dos seus momentos sociais. Que lhe falta, contudo, para vencer a barreira da perenidade e da universalidade? — Esse mesmo concreto que louvi nas cartas da freirinha de Beja. Sensações, sentimentos, imagens, conceitos, não rebentam espontaneamente perante nós, mediante a magia da reinvenção literária: são-nos ditos, são-nos descritos por forma abstracta e quase diríamos ensaística: Os namorados que Clotilde vai tendo são apenas genéricos «rapazes» que não se visualizam, não se singularizam perante nós. E o mesmo sucede com os parentes, as amigas, os passos autobiográficos da

personagem central. A cidade não é, indiscutivelmente, uma certa cidade; o campo não é, indubitavelmente, um certo campo; a praia não é, seguramente, uma certa praia. E isto alastra para a análise psicológica, que se perde no vago e torna a leitura informe: «*dava comigo em dissolução, dispersão, decaimento e quase aniquilamento; tendia para uma solidificação, uma concentração, uma ascensão e quase plenitude.*» Dai que o estilo só resulte simples e directo na aparência, pois serve sempre de biombo a um pudor que se entrancheira por detrás dele. Claro está que isto mesmo é documental também. E Natália Nunes já o ultrapassou em obras posteriores, bem assim como a outros dos aspectos apontados. Mas, na medida em que este livro foi revisto para a presente edição e poderá vir a ser reescrito para outra, sinto-me no dever de dizê-lo. Um estilo aparentemente abstruso pode ser transparente se traz consigo o sinal certo do que pretende dizer. E um estilo singelo, directo, tu cá tu lá connosco, pode resultar rebarbativo, em caso contrário. Documento literário e humano numa sociedade em que o sexual é «feio, repugnante» e o complexo do pecado original transforma «as alegrias que podiam ser simples em dramas com ressaibos de incipientes metafísicas», a *Autobiografia de uma Mulher Romântica* é um marco na história da emancipação da mulher portuguesa, nada e criada que foi ou é num mundo em que ainda se namora à janela e se noiva em serões de busca caseira, — pelo que não só merece ser lido criticamente, mas retomado pela autora, se possível, com vista a uma edição definitiva.

«AS AMOROSAS», contos de ANDRÉ BAY, tradução de MARIA JUDITE DE CARVALHO e prefácio de URBANO TAVARES RODRIGUES (Início)

Segue-se, no meu rol, o livrinho de André Bay. Porque o incluí entre estas obras portuguesas? — Porque se trata não só dum autor que é amigo pessoal de escritores portugueses, mas dum autor francês que revive e reinventa, nestes contos, as suas recordações de amor: e, se foi francês o mar-quês de Chamilly, franceses são,

«VÉRTICE»

Saíu mais um número (duplo): referente aos meses de Outubro e Novembro) da revista «Vértice», que assim prossegue a sua notável obra em prol da cultura portuguesa. Deste número, recheado de interesse, fazem parte valiosos ensaios dos drs. Egídio Namorado e João Medina sobre «Camões: Poeta-Filósofo?» e «Uma biografia de Maquiavel», e dos profs. drs. J. A. Serra e Luís Albuquerque sobre «Universidades Canadianas» e «Instrumentos, Abacos e gráficos na náutica portuguesa dos séculos XVI e XVII, além de trechos de ficção subscritos por Sidónio Moura e Mário Braga, e de uma narrativa de Jacques Alibert. No Panorama inserem-se algumas das habituais secções (Ciência e Técnica, Cinema, Economia, Literatura e Teatro) com a colaboração de A. J. Soares, Eugénio Fedorov (com um assinalável estudo intitulado «Na vanguarda da ciência»), Julio C. Acerete, Fernando Assis Pacheco, Augusto Linhares e Temístocles Linhares, além de um oportuno ensaio de Armando de Castro sobre «A teoria económica moderna» e uma bem elaborada nota de redacção, acompanhada de um belo poema, a propósito da atribuição do prémio Nobel da Literatura de 1966 a Nelly Sachs.

Em CANTANHEDE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ CENTRAL, LARGO DOS COMBATES DA GRANDE GUERRA.

em larga medida, os incentivos que têm conduzido as mulheres portuguesas pela estrada da redescoberta de si mesmas. Humor e amor — duas palavras que os duros de ouvido dificilmente distinguirão... No que mostram ouvir melhor do que os outros! Só o humor dá civilidade ao amor. Esse o encanto destes contos, cuja maturidade equivale a dum hábito necessário. E nunca um verdadeiro poeta deixou de sê-lo perante a banalidade rotineira dum nascer ou dum pôr-de-Sol, por exemplo. «*A realidade — o que é?*» É fazendo esta pergunta aparentemente insensata que a encontramos. Ou que fugimos dela...

«O ADOLESCENTE», novela de NITA CLIMACO (Ed. Autora, Dep. Organizações)

Sim, que fugimos dela, porque uma realidade pode ser negada em nome de «outra». E é o que faz Nita Climaco na sua novela, que poderia chamar-se *O Anti-Adolescente*. O verdadeiro herói do seu livro não é, de facto, Rui, jovem coimbrão apaixonado por uma turista francesa, mas o dr. Cruz, espécie de conselheiro Acácio do amor, a quem aconteceram, durante um estágio em Paris, todas as frustrações, equívocos e aberrações que o anedotário arquiva — e se tornou, em consequência disso, um paternalista da velha guarda. Não é a redescoberta juvenil da vida que o livro exalta, ao contrário do que o título insinua, mas o apego possidório ao lugar-comum. Novela didáctica, escrita no estilo do moralista que diz: «*vê bem no que eu caí e salva-te enquanto o podes!*», faz lembrar o estardalhaço aparatoso da «Armée du Salut». Dou-me a escrever isto, mas custa a compreender como é que uma escritora com qualidades, viajada e culta, tendo sem dúvida um turbilhão de recordações para dar-nos — pois pressente-se, no que escreve, que a crónica ou o memorialismo seriam um caminho acertado para ela —, vem defender o filisteísmo como que ensina o padre-nosso ao vigário. Tal moralismo é o contrário de moralidade; tal realismo, o inverso de realidade. Foi em escolas de adolescência como esta que se fizeram, no século passado, os Libaninhos.

Como não podia deixar de ser, a temática está inchada de contradições formais, sendo nodal, entre todas, a que faz o elogio das virtudes da mulher francesa, em geral, e põe nos braços do adolescente, logo por azar, uma que é leviana, caprichosa, lasciva e cínica. Todo o entrecho tem esta desenvoltura. E como se alguém pensasse que uma colecção de estampas pornográficas pode deixar automaticamente de sê-lo se for resguardada com a capa da *Virtuosa Benfeitoria*. Há momentos, todavia, em que esquecemos tudo isso: são aqueles em que Paris escreve pela mão da autora e levanta um restolho de folhas mortas na memória. E em nome deles e dum estilo escorrido, ágil, que por vezes se insinua ao ponto de velar e desarmar a vigilância crítica, que me pareceu justo quebrar a norma que tenho seguido de ignorar as obras secundárias.

«HISTÓRIAS MALDOSAS», contos de LUIS SOBRAL (Ed. Autor. Dep. Atlântida)

O mesmo critério me leva, mas agora com a justificação especial de o autor ser um jovem de vinte e três anos, a mencionar as *Histórias Maldosas* de Luís Sobral. Trata-se dum estreante que sabe contar. E dialogar, sobretudo. Contos em *flash*, de influência norte-americana, desiguais mas limpos. E um estilo vivo, nítido. *Balada Op. 3* é um conto de adolescentes que não envergonharia um escritor feito. Como enquadramento, uma geração que se define assim: «*com vinte e um, vinte e dois anos, esgotámos o mundo, bebêmo-lo.*» Mas nunca houve juventude sem grandes frases!